



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DLI

MARIA YASMIN DA SILVA SANTOS

**ENTRE O CAMINHO E A CAMINHADA: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS
SIMBÓLICAS DO CENTRO EM *CAMINHOS DE QUANDO E ALÉM***

ITABAIANA/SE

2024

Maria Yasmin Da Silva Santos

**ENTRE O CAMINHO E A CAMINHADA: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS
SIMBÓLICAS DO CENTRO EM *CAMINHOS DE QUANDO E ALÉM***

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao departamento de
Letras de Itabaiana (DLI), da
Universidade federal de Sergipe
(UFS), como um dos requisitos para
obtenção da licenciatura plena em
Letras/Português.

Orientadora: Christina Bielinski
Ramalho

Itabaiana/SE
Fevereiro de 2024

Maria Yasmin da Silva Santos

**ENTRE O CAMINHO E A CAMINHADA: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS
SIMBÓLICAS DO CENTRO EM *CAMINHOS DE QUANDO E ALÉM***

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao departamento de
Letras de Itabaiana (DLI), da
Universidade federal de Sergipe
(UFS), como um dos requisitos para
obtenção da licenciatura plena em
Letras/Português.

Itabaiana, 02 de março de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Christina Bielinski Ramalho
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Raiff Magno Barbosa Pereira
Colégio Pedro II – Duque de Caxias

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me sustentado até aqui. Não foram dias fáceis. Agradeço à toda minha família por ter-me apoiado e defendido a primeira professora da família, mas, em especial, agradeço à minha mãe, por ter me induzido a entrar no curso de Letras ao invés de Geografia. As mães realmente sabem das coisas. Agradeço a minha tia Adriana, por ter sido minha segunda mãe, sobretudo nos últimos tempos. Agradeço a minha avó Cândida (*in memoriam*), por ter sido o maior exemplo de gentileza e força que tive na vida. Agradeço a cada um dos meus professores e em especial à minha orientadora Cristina Ramalho, pela leveza e pela paciência. Esse trabalho não seria possível sem a sua calma e experiência. Agradeço, em especial, por ter me apresentado Parente Cunha, eu aprendi muito com as duas. Agradeço por último, a Helena, onde quer que esteja. Sou-lhe grata por me guiar na infinitude indefinida do Quando e Além. Até breve!

Reconheço o caminho
por onde fui antes e depois e agora não tem começo.
Estou pronto.
Para obedecer e me curvar aos decretos daquele que
desenha
o roteiro desta legião nas linhas difusas de minha mão.
Sim ou não?
(Parente Cunha, 2007, p. 45)

RESUMO

O presente trabalho aborda a construção de imagens simbólicas do Centro em *Caminhos de quando e além*, obra de Helena Parente Cunha, publicada em 2007. Tendo como base os estudos de Cavalcanti (2008), Ramalho (2006, 2015), Fernandez (1972, 1973), Monteiro (2005), Ribeiro (2010) e Chevalier & Gheerbrant (2001), a pesquisa visa elucidar a funcionalidade da fenomenologia dessas construções na obra da autora, desenvolvendo o mapeamento dessas imagens, almejando a construção de um dicionário dos símbolos Centro, ali encontrados, estabelecendo suas respectivas classificações. Almeja-se, a partir disso, a ampliação do horizonte interpretativo da obra através da sugestão e da possibilidade. Esperamos, com a abordagem proposta, contribuir para ampliar a fortuna crítica da autora e fortalecer os estudos literários centrados no uso dos símbolos como linguagem.

Palavras chaves: Helena Parente Cunha, *Caminhos de Quando e Além*, Símbolos literários, Imagens simbólicas, Semiose e literatura.

ABSTRACT

This work addresses the construction of symbolic images of the Center in Paths of When and Beyond, a work by Helena Parente Cunha, published in 2007. Based on the studies of Cavalcanti (2008), Ramalho (2006, 2015), Fernandez (1972, 1973), Monteiro (2005), Ribeiro (2010) and Chevalier & Gheerbrant (2001), the research aims to elucidate the functionality of the phenomenology of these constructions in the author's work, developing the mapping of these images, aiming to build a dictionary of the Center symbols, found there, establishing their respective classifications. From this, the aim is to expand the interpretative horizon of the work through suggestion and possibility. We hope, with the proposed approach, to contribute to expanding the author's critical fortune and strengthening literary studies centered on the use of symbols as language.

Keywords: Helena Parente Cunha, Paths of When and Beyond, Literary symbols, Symbolic images, Semiosis and literature.

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A RESPEITO DOS SÍMBOLOS.....	14
2.1 OS SÍMBOLOS DO CENTRO.....	21
3. ANÁLISE DA OBRA.....	25
4. OS SÍMBOLOS DO CENTRO DE CQA.....	39
4.1 INTRODUÇÃO METODOLOGICA.....	39
4.2 DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS DO CENTRO DE CQA.....	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
6. REFERÊNCIAS.....	108

1. INTRODUÇÃO

Desde pequena lembro-me de estar sempre interessada em ficções inclinadas para a mitologia greco-romana, o que me proporcionou um bom repertório de versões infantis de mitos e lendas de diversas culturas, um tipo de literatura que carrega tons míticos em narrativas belíssimas entre deuses, semideuses e humanos. Mas, foi somente chegando ao ensino superior, que me deparei com as versões mais sofisticadas da literatura mítica, em sua maioria dentro do gênero épico.

A *Odisseia* de Homero, por exemplo, adquire novos tons significativos, quando notamos a densidade de significados construídos camada a camada, poema a poema, em torno do heroísmo mítico de um homem que, lutando com as mais diversas criaturas, enfrentava as versões de si mesmo, para retornar a sua casa, que era a transcendência de seu próprio eu.

Quando declarei minha predisposição e interesse pelo gênero épico, de imediato fui apresentada à obra *Caminhos de Quando e Além*, publicada em 2007, pela editora Tempo Brasileiro, na qual Parente Cunha propôs estabelecer um diálogo com poemas de Fernando Pessoa. Nessa obra, a poeta elabora um poema longo, composto por um prólogo e dividido em 48 “estações” que podem ser lidas separadamente, cada uma em sua própria densidade cosmológica, ou lidas como partes de um todo, um poema de evocações épicas, no qual o próprio ser e o fazer poético tornam-se míticos.

E, apesar de colocar-se no plano do diálogo com poemas de Pessoa, acredito que a voz do autor tenha apenas inspirado sua “lide lírica” a estabelecer um diálogo consigo mesma e, assim como Odisseu, enfrentar as camadas fragmentadas de si mesma em um retorno a unidade do ser. Seu eu-lírico/narrador é aquele que evoca e aquele que é evocado, os poemas pessoanos são apenas o romper do cerco e o iniciar da caminhada.

Contudo, a predisposição da autora baiana à literatura épica não foi algo consubstancial a sua carreira de autora e de poeta. Começou com uma poesia mais curta e menos densa, o que agradou seu público leitor. Parente Cunha é natural da cidade de Salvador, nasceu em 1930 e faleceu recentemente, em fevereiro de 2023.

Durante sua vida, transitou e se estabeleceu em diversas funções ligadas à literatura e ao mundo acadêmico, foi desde poeta à crítica literária. Em 1954, com apenas 24 anos e com

uma bolsa de estudos concedida pela CAPES, foi à Perúgia na Itália e especializou-se em Língua, Literatura e Cultura Italiana, o que mais tarde, em 1956, influenciou em seu trabalho como tradutora de obras italianas onde iniciou-se no mundo das pesquisas que lhe concedeu o título de pesquisadora Sênior do CNPq. A coluna Suplemento Literário do jornal *Estado de São Paulo*, a revista *Tempo Brasileiro* e a *Revista Brasileira da Língua e Literatura* foram palcos para os primeiros escritos da autora. Seu interesse e talento literário lhe renderam cerca de 30 livros publicados de sua autoria e outros tantos em parceria com outros autores nacionais e internacionais.

Em 1968 tornou-se professora na Faculdade de Letras da Universidade do Rio de Janeiro, função assumida por ela até o fim de sua vida e administrada em conjunto com sua carreira de escritora. Engajada, sobretudo, na produção poética, em 1978 lançou *Corpo no Cerco*; em 1980, *Maramar*; em 1995, *O outro lado do dia*; em 2000, *Além de Estar*; em 2005, *Cantos e Cantares*; em 2007, *Caminhos de Quando e Além*; em 2013, *Impregnações na floresta*; em 2014, *Poemas para a amiga e outros dizeres*; e, em 2017, *Hora de fogo: poemas em combustão*. Esta é uma pequena parcela de sua produção literária, visto que a autora também escreveu romances, contos, minicontos e dedicou-se à crítica literária. Contudo, esses são só dados que qualquer pesquisa com o nome da autora nos traria. Para descrevê-la com mais propriedade, seria necessário um olhar mais apurado e sensível a sua literatura, portanto, e para tanto, farei uso das palavras de minha orientadora que, com a sensibilidade de amiga da autora e um olhar crítico à literatura, descreve-nos a potência poética de Parente Cunha:

Falar da poesia de Helena Parente Cunha é desvelar uma voz muito peculiar, direcionada para a descoberta do ser e do mundo por meio do encontro com a palavraverso, a traduzir ora um intimismo discreto ora uma alteridade imanente, ambos conduzidos pela concisão e contenção líricas e pelo experimentalismo que definem a lide lírica da escritora. Brota da poesia de Helena um moto ascendente, que parece direcionar um ente aprisionado num corpo onde não cabe o Ser desejado. Daí a pulsão pelo movimento e a busca pelo instrumento de navegação que permitirá que o silêncio da existência contida se rompa e desabroche: a palavra poética (Ramalho, 2006, p. 257).

Essa colocação de Ramalho está em perfeita conexão com o pulsar poético dos movimentos de *Caminhos de quando e além*: “E caminhar, pois escrever é preciso” (Parente Cunha, 2007, p. 31). A caminhada é o fator que impulsiona sua escrita, pois é na busca do rompimento do cerco que a palavra “desabrocha”. E, deparando-nos com essa pulsão de Parente Cunha, nos pomos a caminhar com ela. Uma autora que, percebendo-se maior que o cerco, saltou a janela, pulou o muro, e pôs-se a caminhar no além das folhas em branco. E dessa forma,

ofereceu a mim mesma e a muitos, a segurança para começar, para despertar. E é no caminho tortuoso e repleto das mais diversas dificuldades, que as imagens se desenham e vagarosamente tomam os tons da compreensão.

O intuito de meu estudo é o de compor o justo mapeamento dessas imagens que são construídas em *Caminhos de quando e além* (doravante CQA), oferecendo destaque à família de arquétipos do Centro, a fim de compreender qual a função simbólica dessas construções enquanto *modus operandi* poético da autora nesta obra. Destaco aqui que, apesar de estabelecer um recorte inicial, esse trabalho tem por objetivo percorrer um caminho longo no qual terá uma futura continuação com todos os símbolos presentes na obra. Acreditamos que esta delimitação inicial seria o mais adequado para tomar a partida deste estudo e o mais academicamente coerente para o momento. O recorte também se torna necessário quando observamos que toda a pulsão lírica da obra se dedica a caminhar em direção a algo, que é o cerne de seu fazer poético, o Centro.

E embora a maioria dos estudos voltados a investigação de significados esteja relegado ao patamar de tornar-se um dicionário, no sentido mais formalista possível da palavra, coloco aqui a necessidade de nos desprendermos mais dos conceitos prontos e procurar, nos mesmos, a construção desses significados. O caminhar pulsante de Parente Cunha a leva, enquanto peregrina de suas páginas, a um lugar sagrado de seu próprio ser. O pensamento simbólico cifra as marcas e o mapa de seu caminho. É interessante que busquemos compreender, sem nenhum fio de imposição, a linguagem codificada utilizada na obra.

A segunda seção deste trabalho, “A respeito dos símbolos” dedica-se, justamente, a compreensão respectiva do conceito de símbolo e de sua fenomenologia no mundo literário, sobretudo nos gêneros épicos. Essa seção estará embasada em um alinhamento feito, sobretudo, entre os estudos de Fernandez (1972, 1973), Monteiro (2005), Ribeiro (2010), Chevalier e Gheerbrant (2001), Cavalcanti (2008) e Silva (2017), a fim de que, compreendendo o conceito, possamos visualizar sua funcionalidade efetiva na obra. Esta seção também conta com um subtópico destinado exclusivamente aos símbolos do Centro, em que abordamos, de acordo com Cavalcanti (2008), as especificidades desta família de arquétipos.

Como afirmou Mircea Eliade (1991, p.8), “o pensamento simbólico, em todas as suas dimensões, é consubstancial ao ser humano e precede qualquer linguagem e razão discursiva” (*apud* Ribeiro, 2010, p.46). Assim, nenhum tipo de estudo que se volte somente ao aspecto semântico-morfológico será capaz de compreender a profundidade do que antecede a estrutura. Portanto, eis aqui a preocupação e a importância deste trabalho, cujo objetivo não é o de esgotar as interpretações, oferecendo ao público um glossário da obra a ser consultado toda vez que não

se compreender algo, mas sim apresentar um horizonte inesgotável de compreensões sobre o fazer poético, tendo em vista a dificuldade que temos em observar uma imagem para além do que se vê. Pensamento semelhante a esse é o defendido por Fernandez (1973):

Este pensamiento se entiende bien claramente a nivel del siguiente texto de G. Bachelard: “La palabra imagen está tan fuertemente enraizada en el sentido de una imagen que se ve, que se dibuja, que se pinta, que nos sería preciso hacer largos esfuerzos para conquistar la realidad nueva que la palabra imagen recibe al añadirle el adjetivo ‘literaria’. Se abandona entonces el mundo sensible, el mundo objetivo. Se llega a la subjetividad (Fernandez, 1973, p. 37).

Estamos aqui justamente para visualizar o dinamismo dessa relação entre a força da imaginação criadora e a construção das imagens simbólicas do Centro dentro da palavraverso de Parente Cunha, com o intuito de entender até onde o instinto de significar através de imagens lhe tomou o espírito e a fez despertar. Vejo minha pesquisa como importante, não só na observação dessas imagens do Centro, mas também na investigação dessa relação entre o ato de escrever e o de simbolizar, esse ato de oferecer ao leitor a construção de imagens que podem ultrapassar até mesmo o proposto pelo autor e nos levar aos mais sofisticados sentidos de compreensão de nossa consciência. A isto dedica-se a terceira seção deste trabalho, “Análise da obra”, na qual observaremos o poder funcional das imagens do Centro construídas na obra, com base em Ramalho (2015) e Cavalcanti (2008). Voltando nosso olhar a uma compreensão global da obra, propomos um olhar cuidadoso a essas imagens, a fim de que, desvendando o jogo tecido pelo eu-lírico/narrador, possamos compreender a psique complexa de sua autora.

O que propomos aqui, como já mencionado, não é estabelecer significados esgotados em si mesmos, mas portas de abstração para além do racionalismo lógico. Para tanto, a pesquisa a ser realizada será de caráter tanto quantitativo quanto qualitativo. O teor quantitativo se relaciona ao mapeamento dos símbolos do Centro, com sua discriminação e classificação, e o qualitativo está referido na semiose, no ato de dar significado aquilo que está implícito. Segundo Pierce (1958), o símbolo não significa em si próprio, necessita de um agente intérprete, que neste caso somos nós, o qual ele (o autor) pressupõe a capacidade de interpretar. Assim, o trabalho de investigação de um símbolo vai muito além da dimensão linguística e racional do homem. Os símbolos são capazes de condensar em sua estrutura mundos inconscientes e impalpáveis que, na materialidade da palavra/imagem simbólica construída, tornam-se reais.

Visto tal subjetividade e sugestividade dos símbolos, cada análise torna-se produto de um ponto de vista e não deve almejar esgotar, nem ao menos relativamente, nenhum dos domínios referentes à concepção de representação simbólica, mas procurar unir a compreensão do papel significativo do símbolo em estudo à interpretação de alguns de seus múltiplos sentidos, em favor da autoridade das obras estudadas (Ribeiro, 2010, p. 50).

Segundo C. Bousoño, “*en la obra literaria se da una vasta red entre elementos simbólicos*” (apud Fernandez, 1973, p. 45), e essa rede estrutura-se sem a necessidade de apoiar-se em elementos da realidade, justamente porque uma “*visión del mundo no es un conjunto alegórico, que exige codificación y correspondencia minuciosa, exhaustiva*” (apud Fernandez, 1973, p. 45). Essas afirmações nos ajudam a concluir a existência de uma sintaxe dos símbolos que nos levam diretamente à psiquê humana, ao inconsciente do autor. Tanto Freud quanto Jung estiveram atentos a isso quando passaram a procurar os significados para os símbolos em um campo distante da materialidade cultural e religiosa. Desta forma, compreender as imagens simbólicas dispostas em uma obra pode nos ajudar a alcançar uma compreensão psicanalítica a respeito da obra e do autor.

Sabendo disso, tomaremos como base em nossa análise, as dimensões do símbolo dispostas e propostas por Fernandez (1973): dimensão cósmico-religiosa; dimensão antropológica (significações psicológico-humanas); dimensão poética, individualizada e concretizada em criações livres, dando ênfase à dimensão poética, mas tendo sempre em vista que as imagens do Centro construídas por Helena também perpassam pelas outras duas dimensões. Dessa forma, buscando o não esgotamento dos significados cabíveis a cada imagem do supracitado arquétipo, realizaremos a tabulação desses fenômenos, tendo em vista observar a quantidade de repetições e os possíveis significados de cada uma delas, sempre perpassando possibilidades que possam ir desde a particularidade psicológica da autora até eventos socioculturais, religiosos, filosóficos e históricos que se enquadrem no contexto de seu fazer poético.

Aqui estaremos sob o jugo do que foi denominado por Charles Pierce como “interpretante lógico”, uma lei ou regulamento que segundo Santaella (2005, p. 264) “guia a associação de ideias ligando o símbolo a seu objeto” (apud Ribeiro, 2010, p. 51), mas como já supracitado neste trabalho, os símbolos antecederam qualquer ordem linguística e racional, sobretudo, dentro da literatura poética. Após a identificação, classificação e interpretação inicial de cada imagem simbólica do Centro de CQA, classificaremos dentro de suas respectivas famílias, podendo ser: símbolos do caos e da animalidade, símbolos ascensionais, símbolos de transformação topológica e símbolos de caráter cíclico (Fernandez, 1973, p. 52-53). E apesar de

Fernandez se referir a imagens como quaisquer fenômenos com o intuito de simbolizar, tomaremos o devido cuidado em distinguir alegorias, metáforas, emblemas, dentre outros fenômenos do campo simbólico, apenas a título de diferenciação, já que todos esses, por fim, serão matéria compositora de nosso *corpus* de análise. Seguimos a compreensão de Chevallier e Gheerbrant, para quem:

O valor simbólico atualiza-se diferentemente para cada um de nós, sempre que uma relação de tipo tensional e intencional une o signo que estimula e o sujeito que percebe. Uma via de comunicação abre-se, nesse momento, entre o sentido oculto de uma expressão e a realidade secreta de uma expectativa. Simbolizar é, de certo modo, e num certo nível, viver junto (Chevallier, Gheerbrant, 2001, np).

A quarta seção deste trabalho, por sua vez, dedica-se a exposição de nossa metodologia de tabulação e classificação dos símbolos com base em *Fundamentos da metodologia científica* de Lakatos (2017). Para, por fim, na subseção subsequente, realizar a exposição dos símbolos do Centro encontrados em *CQA*, e suas respectivas possibilidades de significados. Assim, o presente trabalho configura uma pesquisa que “sugere, sem impor” (Chevallier, Gheerbrant, 2001), que propõe uma leitura atenta ao diálogo e a construção de sentidos que está se constituindo naquele momento. Reitero, novamente, que não temos o intuito de estabelecer um dicionário a ser consultado sempre algo não for compreendido, mas sim de oferecer um novo horizonte interpretativo sobre aquilo que vemos, mas apenas enxergamos e não sentimos, e ainda, com vistas a observar o Centro energético que impulsiona a lide lírica de Parente Cunha. Como destacado no trecho acima, simbolizar é viver junto, trazendo está frase para nosso contexto de pesquisa, simbolizar é caminhar junto. Espero que estejamos prontos para a caminhada.

Não seguistes as ordens do rei nem cumpristes a lei.
Muito terás que caminhar até chegares à sombra do Monte Abiegnio

Despertar é preciso.
(Parente Cunha, 2007, p. 63)

2. A RESPEITO DOS SÍMBOLOS

Nem em corpo nem em alma habitamos o mundo daquelas raças caçadoras do milênio paleolítico, a cujas vidas e caminhos de vida, no entanto devemos a própria forma dos nossos corpos e a estrutura das nossas mentes. Lembranças de suas mensagens animais devem estar adormecidas, de algum modo, em nós, pois ameaçam despertar e se agitam quando nos aventuramos em regiões inexploradas. Elas despertam com o terror do trovão. E voltam a despertar, com uma sensação de reconhecimento, quando entramos numa daquelas grandes cavernas pintadas. Qualquer que tenha sido a escuridão interior em que os xamãs daquelas cavernas mergulharam, em seus transe, algo semelhante deve estar adormecido em nós, e nos visita à noite, no sono (Campbell, 1990, p. 73 *apud* Monteiro, 2005, p. 57).

Apesar de muitas características do homem paleolítico terem se modificado ao longo da evolução da espécie, muito em nós se deve a eles e às descobertas que fizeram. O próprio impulso comunicativo que sintetiza o conceito do dizer, do falar e conseqüentemente, da palavra, veio a lume dentro das cavernas com as pinturas rupestres. Os símbolos desenhados são, representativamente, uma ruptura com a obscuridade de suas mentes incomunicáveis, os ruídos produzidos e o simples cumprir de suas atividades diárias eram insuficientes em matéria de comunicação entre eles.

A descoberta de materiais que poderiam ser utilizados como tinta, bem como a própria predisposição do homem por dar significado a sua jornada, foram os marcos do que se tornou o início de uma nova fase da evolução humana, inscrevendo-os em uma nova configuração de vida que, mais tarde, pôde originar as primeiras civilizações bem-organizadas. Em suma, o surgimento dos símbolos denota um novo estágio de organização da humanidade, com o intuito sócio interacional, ou seja, a palavra está aí para dizer, falar e escrever a outrem, tal como descreve Monteiro a partir de Bakhtin (2004):

Para Bakhtin (2004), a palavra é o material privilegiado da consciência, através da qual o homem elabora sua concepção de mundo, seu entendimento de si e dos outros, ou seja, qualquer elaboração discursiva é ao mesmo tempo individual e social. Bakhtin (2004) dirá que a enunciação é de natureza social, determinada pela situação social imediata e a consciência não existe fora da linguagem. Assim, a realidade da linguagem não está nem na enunciação monológica, nem no ato individual, mas na interação (Monteiro, 2005, p. 54).

Os primeiros registros rupestres foram feitos somente para a descrição da rotina do homem. Cada tarefa era representada por uma imagem (a caça, por exemplo, era representada pela imagem do animal a ser caçado). Mais tarde isso foi se tornando como uma lista de afazeres diários, até se chegar a níveis mais sofisticados de comunicação entre os próprios seres humanos. E assim, como os desenhos rupestres foram os primeiros sinais do que viriam a ser nossos futuros sistemas alfabéticos, o conceito e a funcionalidade dos símbolos também alcançaram patamares de desenvolvimento superiores as suas primeiras inscrições, os símbolos contemporâneos podem comportar muito mais do que a semelhança com aspectos de nossa vida cotidiana, eles ultrapassam até mesmo o plano material criando uma ponte que nos torna sensíveis ao espiritual. Os símbolos são a nossa ponte para o numinoso (Cavalcanti, 2008). Pensamento semelhante a esse é o expressado por Fernandez (1973):

La imagen tradicional no poseía un significado propio; se contentaba con reflejarlo por semejanza, no era un estado de la sensibilidad, sino que exhibía una estructura racionalista capaz de verse en un contexto, en una noción abstracta. La imagen contemporánea es «irracional», no reducible a conceptos, es una creación que sobrepasa no sólo el poder de evocar imágenes y relacionarlas según ciertas semejanzas, sino la simple percepción. Nace en las raíces profundas del preconscious, animada por el deseo, que se convierte en impulso y se transforma en realidad viviente; abriendo a nuestro alrededor horizontes para lo posible, se inserta en nuestros proyectos, en nuestras esperanzas, y en nuestros temores y conjeturas. Tiene poder para representar lo distante y para alejar la realidad presente (Fernandez, 1973, p. 38).

Nesse trecho, o que o autor trata por imagem se refere a todas as formas de simbolizar, o que engloba símbolos, alegorias, metáforas e todo pensamento com a capacidade de reunir mais de um significado. A criação dessas imagens simbólicas possibilita que a individualidade de um ser e sua relação particular com o mundo possa vir a ser matéria de expressão em forma de criação: “*El individuo es el sujeto que expresa, es el sujeto del significante; el cosmos es lo expresado, el simbolizado (1)*” (Fernandez, 1973, p. 37). Ainda segundo Fernandez, estamos diante de um Humanismo que não “*considera el mundo como objeto de utilidad*” (Ibidem, p. 36), um Humanismo da expressão, para aqueles que, em meio ao caminho e aos caminhantes, voltam seus olhos para o que não é material. Esse me parece ser um ótimo, ainda que superficial, retrato da obra de Helena Parente Cunha. Ela que, saltando o cerco de seu próprio ser, veio converter a matéria de seu inconsciente em um mundo real, concreto e místico através da construção de imagens que desenharam seu caminho e seus passos em direção ao Centro, corroborando as reflexões de Ribeiro, sustentadas, por sua vez, em Cirlot:

Como nos diz Cirlot (1984, p. 12), há indícios antigos, como o empoar dos cadáveres com ocre vermelho, de que o pensar simbolista¹ teve seu princípio nos fins do paleolítico ou até mesmo antes. Naquela época, as constelações, os animais, as pedras e os elementos da paisagem natural foram os mestres da humanidade. A inserção do homem no mundo dos fatos espirituais e morais, por exemplo, deu-se por meio do contato com o visível. Sem dúvida, como afirma Eliade (1991^a, p. 8), o pensamento simbólico, em todas as suas dimensões, é consubstancial ao ser humano e precede qualquer linguagem e razão discursiva (Ribeiro, 2010, p. 46).

Diante disso, torna-se inegável a funcionalidade dos fenômenos simbólicos dentro de nossa sociedade, sobretudo no campo literário. Os símbolos tornam-se uma matéria que antecede os mais sofisticados sistemas alfabéticos do mundo moderno, estando intimamente interligado ao conceito primordial da comunicação humana, sobretudo em uma perspectiva sagrada. Segundo Cavalcanti (2008):

A percepção de uma realidade transcendente foi continuamente intuída e experienciada por todos os povos e transmitida simbolicamente. Em todas as épocas, o homem sempre usou símbolos para falar de verdades eternas e essenciais e para expressar ideias ou princípios abstratos profundos que transcendem o intelecto e a compreensão racional. Os símbolos são, portanto, os meios mais apropriados, tanto para revelar quanto para ocultar o sentido espiritual que está presente em todas as coisas e que não pode ser comunicado através da razão e representado convencionalmente (Cavalcanti, 2008, p.1).

Assim se inserem as imagens simbólicas na humanidade, para velar aquilo que deve ser acessível a quem estiver disposto ao sagrado. Ora, vejamos aqui mais uma excelente interpretação a respeito de CQA, a linguagem cifrada estabelece ao caminho uma acessibilidade difícil, nem todos que leem realmente enxergam a verdade. Ainda, no âmbito poético, a linguagem simbólica também observa e absorve a incompletude do sujeito autor no momento da escrita, buscando o uno em sua contraparte: o leitor. Este que deve estar plenamente preparado para receber e compreender as instruções do autor. Porque ler e escrever é dialogar com o outro, e, segundo Ravoux Rallo (2005), é para o outro que o autor escreve, é neste outro que a obra se torna completa porque é no outro que a solidão da escrita se torna a união da compreensão.

Ademais, alguns conceitos de símbolos estão justamente em consonância com essa perspectiva de união de contrapartes. Segundo Lurker (*apud* Ribeiro, 2005), a palavra símbolo (*syμβάlein* = juntar, reunir) era um termo utilizado para representar a união das metades de um

objeto (anel, moeda et al) repartido por amigos que se separariam por um longo período. Deste modo, o costume ditava que, assim que algum de seus parentes encontra-se futuramente, a união das duas partes do objeto seria a representação da hospitalidade e amizade entre as famílias. O símbolo é, portanto, e de acordo com essa perspectiva, uma palavra, imagem ou objeto com a capacidade de comportar diferentes sentidos: o expressado e o interpretado.

Nesta mesma linha de pensamento, e retomando algo já citado anteriormente, se tomarmos o simbolismo como um estilo de vida, iniciar-se nele é estabelecer uma ponte com o numinoso, desta forma, corpo e espírito estarão reunidos e trabalhando em conjunto. Assim, torna-se perfeitamente compreensível a íntima relação dos símbolos com o sagrado. Muitas mitologias em diversas culturas do mundo, estabeleceram seus dogmas e doutrinas através de uma linguagem permeada de símbolos, para que, desta forma, somente os iniciados, pertencentes aquela cultura, possam compreendê-la. Tem sido assim ao longo de toda história do homem, todo conhecimento incompreendido pelos olhos da carne, deve ser cifrado e repassado somente aqueles dispostos a enxergar com os olhos do espírito.

Segundo Cavalcanti (2008), essa religação com a alma “abre as portas para o Espírito e reorienta o processo de identificação com o ego e com seus valores para a alma” (p. XIII). A ausência da palavra em eras pré-históricas, pode ser, assim sendo, comparável ao estado de silêncio do espírito. O homem pré-histórico enxergava somente pelos olhos da carne, seu campo de visão resumia-se a caverna de suas necessidades. Mas, saltando deste silêncio, nasce o impulso por compreender o incompreensível. A alma chama, e o corpo simboliza. Se compararmos as situações com a do homem atual, enveredar-se por caminhos simbólicos, representa uma ruptura de igual magnitude, contudo, o homem moderno romperia com a tendência mecânica e materialista da sociedade global.

A comodidade atual a um mundo completamente subjugado ao desenvolvimento material e tecnológico, é o principal fator de impedimento do desenvolvimento humano no campo espiritual. Aparentemente, o desenvolvimento de um setor seria prejudicial ao outro, deste modo, prioriza-se o que tem mais valor aos olhos mortais: o material e o capital. Estabelecer, portanto, uma conexão com aquilo que lhe leva em um caminho totalmente inverso a esse, é, diante de muitas culturas e em uma perspectiva sagrada, um iniciado, um religioso. O termo religioso, segundo Jung, não precisa estar associado a uma doutrina religiosa, mas sim no ato de religar-se a sua consciência transcendente. Segundo Cavalcanti (2008), os símbolos constituem “refinadíssimos artefatos psíquicos capazes de ampliar, transformar e estruturar a consciência em uma forma superior” (p. 6).

Quando observamos a incidência fenomenológica dos símbolos dentro da literatura, podemos constatar um movimento semelhante de desligamento e de abstração ao mundo mecanicista e materialista. O autor escreve sua própria jornada de desligamento do mundo material, oferecendo ao seu leitor um mapa cifrado que o permitirá alcançar sua própria desalienação. Segundo Fernandez (1973), a construção de imagens simbólicas, como um movimento literário contemporâneo, implica o que chamaram de *novo Humanismo da expressão*, em que um indivíduo consciente de si mesmo, expressa sua individualidade, seu cosmos, sua unidade, e que, na interpretação de outrem, simboliza a si mesmo.

De maneira óbvia, o processo de criação como um todo depende de muito mais do que a simples vontade de escrever, ou de nossa inspiração, sobretudo envolvendo simbologia. Construir e oferecer a outrem a construção de uma imagem que representa muito mais do que se é visto, demanda uma certa confiança no despertar do próximo, exige estabelecer em si mesmo a crença de que seu público também sairá do estado de dormência espiritual e conseguirá interpretar as pistas expressadas. O autor ainda contara com a questão de que, a imagem expressada, possivelmente, já carrega consigo um conceito socio-historicamente estipulado e estabelecido. E tal qual já foi supracitado anteriormente, a sociedade moderna encontra-se mergulhada em um tendencialismo egocêntrico do material e, portanto, o autor deverá saber que o olhar de seu leitor pode estar enviesado desse pensamento. Destarte, as linhas da imagem construída deverão comportar a essência dessa sociedade ao passo que nos provoca a abandoná-la.

Apesar disso, Fernandez (1972) afirma que o pensamento simbólico pertence ao homem tanto quanto sua genética. Ainda, segundo Gaston Bachelard (*apud* Fernandez, 1972) “a verdadeira unidade poética deve ser essencialmente dialética, capaz de conciliar contrários” (p. 109). Essa unidade é capaz de construir uma “metáfora total” que reside no interior dessas imagens simbólicas e em sua organização na totalidade da obra. Sendo assim, para Bachelard (Guiraud *apud* Fernandez, 1972, p.109), as imagens desenhadas no texto, são as responsáveis por estruturar a obra. Desta forma:

Si el arte es un hecho semiológico, toda obra de arte es un símbolo autónomo que se compone de «una obra-cosa que funciona como símbolo sensible», de «un objeto estético presente en la conciencia colectiva que funciona como significado» y de «la relación con la cosa designada, cuya relación no considera una existencia especial, distinta, porque se trata de un símbolo autónomo sino el contexto de conjunto de los fenómenos sociales de un determinado ambiente». Es decir que aún para la lingüística actual, y dejando a un lado lo que a lo largo de la historia literaria han sido las diversas formas de simbolización en su realización concreta, la obra literaria es en esencia y

por supuesto. Su lenguaje y referencia un símbolo indiciario (de la personalidad del autor y su relación con lo social), y su sentido, un gesto semántico que nos remite al esfuerzo realizado para decir lo que no dice ni puede decir el lenguaje ordinario porque toda expresión literaria supone una alteración de la función referencial (6). (Fernandez, 1972, p.110)

Para os autores toda obra literária articula interdependentemente signos, símbolos e sintomas. Cada um com suas qualidades específicas, agindo unitariamente para estruturar a obra. Importante destacar também que, segundo os mesmos autores, a originalidade da linguagem literária, em especial a poética, reside justamente na capacidade de identificação entre signo e significado. Tendo-se a ideia de que a depender do contexto situacional em que a imagem simbólica foi concebida, alguns significados podem não encerrar nem comportar os significados cabíveis ao representante ou significante. Segundo Huizinga (*apud* Fernandez, 1972), portanto, o simbolismo é, desde o princípio do pensamento causal, comparável e semelhante a um “curto-circuito espiritual” (p.11). A conexão é subitamente estabelecida entre os polos, o significante e o significado, o expressado e o interpretado, através de um salto que culmina na união entre sentido e finalidade (*apud* Fernandez, 1972, p.11).

Ainda observando a fenomenologia simbólica no âmbito literário, o uso desses construtos é de uma fertilidade ímpar em gêneros ligados a mitologia e as lendas como as formas épicas. O pensamento mítico é desenvolvido através do arquétipo do herói que enfrenta inúmeras adversidades para alcançar uma recompensa em benefício próprio ou de sua pátria, são utilizadas em diversas tradições culturais por meio da oralidade, como um apoio pedagógico que instrui a comunidade, na maioria das vezes, a permanecer em um caminho de sensatez, paciência, moralidade e ética. Segundo Monteiro (2005), o fascínio do homem por todos os mistérios e poderes que escapam de sua compreensão, o levou a desenvolver o pensamento mítico e a buscar na dimensão imaginária e fantástica, a explicação para sua própria condição humana.

Como citado anteriormente, os símbolos são responsáveis por estruturar a obra, segundo Fernandez (1972), no caso da narrativa mitológica e lendária, isso ocorre por meio de signos alegóricos historicamente definidos. Se, a partir deste ponto, observarmos que o símbolo se refere e reflete uma realidade intersubjetiva, esse modelo de alegoria no qual se constitui o mito e a lenda, portanto, também constitui um símbolo (Fernandez, 1972). Neste viés, o presente trabalho configuraria um caso de injustiça e incompletude teórica, se não mencionasse a estreita relação entre a simbologia, os mitos, as lendas e os gêneros épicos, tendo em vista a fenomenologia simbólica nessas ocasiões literárias.

Os signos e as imagens simbólicas estruturam a mitologia e as lendas, sobretudo através de arquétipos divinos, os gêneros épicos, por sua vez, estruturam-se em íntima conexão com os mitos e as lendas. A narrativa mitológica e a lendária, geralmente estão associados a uma perspectiva sagrada presente na cultura da qual emergem. Desta forma, cada mito e cada lenda condensa e associa manifestações e concepções culturais arcaicas e primitivas repassadas de geração em geração através da narração oral. Segundo Anazildo de Azevedo da Silva (2017), a aliança dessa narrativa mítica a uma dimensão poética, os caracteriza uma linguagem literária e, faz nascer a matéria épica. Ainda, segundo o autor, a matéria épica possui, em sua veia cultural, “uma dimensão real e uma dimensão mítica que se fundem intimamente na constituição de uma unidade articulatória indissociável, comumente reconhecida como narrativa mítica ou lenda” (Silva, 2017, p.13).

Segundo Silva (2017), a teorização e a crítica relacionadas ao gênero épico permaneceram estagnadas, fator que impossibilitou o reconhecimento do percurso independente da epopeia na formação da Literatura Ocidental. A visão completamente formalista ao qual foi relegada marginalizou os estudos e a observação das demais formas épicas ao longo da evolução do gênero épico. Oferecemos destaque especial aos gêneros épicos não só por não podermos dissociá-los de nosso tema central, mas também por observar que em muitos aspectos, a obra *CQA*, enquadra-se no que chamamos de poesia épica, conquanto, voltaremos a nos aprofundar neste assunto na seção dedicada a análise desta obra de Helena Parente Cunha.

Acredita-se que, neste momento, todas as premissas já expressadas sejam mais que suficientes para possuímos um conceito minimamente concreto a respeito de símbolos. Este sendo uma imagem ou palavra que, construída em determinada realidade, possui o poder de comportar um ou mais significados para além daquilo que, em signo representa. Destarte, e exemplarmente, “o significado de ‘pedra’ é um sinal, mas o que o sinal indica, a pedra como objeto, não é um sinal” (Araújo, 2004, p.21). O processo de estabelecer significados, a semiose, portanto, carece de um cuidado minucioso para que, no caso dos símbolos, sobretudo no meio artístico, o significante não se distancie do signo expressado e proposto pelo autor.

O simples mencionar desse processo de significar mais afirma que sugere a existência de uma sintaxe dos símbolos. De certo, o processo de perceber e significar é algo tão consubstancial a nossa existência que nos custa acreditar a menção de um estudo voltado a esse procedimento. Grande parcela dos símbolos já determinados, é fruto da adição histórica do homem, de suas experiências pessoais, culturais e familiares, herdadas e repassadas entre gerações. Segundo Ribeiro (2010), o símbolo estabelece relação com seu objeto por meio de

uma “ideia presente na mente do usuário” (Ribeiro, 2010, p.51). Essa “ideia” configura algo como uma associação habitual ou “lei” a qual o filósofo americano Charles Pierce vai chamar de interpretante lógico (Ibidem).

Segundo Santaella (2005, *apud* Ribeiro, 2010), essa regra de interpretação é a responsável por nortear os princípios associativos entre o significante e o significado. Segundo a mesma autora, essa lei interpretativa é flexível e adaptável a determinados contextos. Assim sendo, de acordo com a realidade subjetiva expressada, a lei é alterada e a conexão interpretativa entre o representado e o interpretado, conseqüentemente, também será alterado. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001), “O valor simbólico atualiza-se diferentemente para cada um de nós, sempre que uma relação de tipo tensional e intencional une o signo que estimula e o sujeito que percebe” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, np). Se formos tomar um exemplo, podemos citar a cruz que, em algumas mitologias, sobretudo cristãs, a concebem como símbolo de salvação, redenção, sacrifício et al, pois, após a passagem de Jesus Cristo na terra, a lei interpretativa adaptou-se ao acontecimento que concebeu todos esses significados. Possivelmente, antes da crucificação de Jesus no Monte Calvário, ela possuísse um outro significado e, talvez futuramente algum outro evento possa alterar a regra em vigor.

Mediante todas as informações expostas, sabendo-se da fertilidade funcional dos símbolos dentro da literatura, sobretudo em gêneros épicos, e sabendo da existência dessa “sintaxe semiológica”, temos toda a matéria necessária para observar a obra *CQA* de Parente Cunha a luz dos símbolos do Centro. Compreendendo que o caminho simbólico por si só já propõe um movimento e retorno espiritual à origem, observamos a autora retornar ao ponto criacional de sua lide lírica. Destarte, os arquétipos do Centro, estruturam e iluminam esse sua obra na proposição deste retorno como o grande objetivo da jornada. Assumir a existência de um Centro denota a crença em algo superior e incompreensível, como veremos na próxima seção.

2.1 Os Símbolos Do Centro

Os símbolos do Centro representam uma família de arquétipos de profunda ligação com as narrativas míticas, lendárias e, conseqüentemente, com os gêneros épicos. Esses arquétipos estão relacionados a um eixo central do qual emana toda nossa força. Destarte, as mais diversas narrativas constroem a figura de um herói e sua busca incessante por algo que irá realizá-lo enquanto ser humano. Essa realização pode advir de alguma recompensa preciosa ou de um

retorno a um lugar estimado pelo herói. Essas imagens vêm estabelecer conexões entre o mundo material e o espiritual, e seu alcance é demarcado por um caminho árduo e perigoso, onde o herói deve renegar os próprios desejos para alcançar o objetivo final: O Centro. Segundo Cavalcanti (2008), os símbolos do Centro referem-se a cosmogênese, a criação do mundo, desta forma, eles vêm representar a figura divina e central do universo, o ponto onde tudo se iniciou e para onde todos devemos retornar, o *Axis-Mundi* (O eixo do mundo).

O Centro encerra o significado da imagem da Unidade Primordial, de onde tudo se originou e para onde tudo retorna. O Centro sinaliza o começo de todas as coisas, onde aconteceu pela primeira vez a emergência do sagrado, o desdobramento da Totalidade primordial. E, por se tratar de uma concepção de grande complexidade, abstrata e intuitiva, esse símbolo é universalmente conhecido como o Centro do Ser, sem forma e sem dimensão (Cavalcanti, p.4, 2008).

O Centro é, portanto, o ponto de totalidade e unificação de todas as coisas, no qual o individual torna-se uno, tanto no Ser quanto no universo. Em uma sociedade tão materialista como a nossa, é completamente anormal possuir um senso unificador de todas as coisas. As pessoas estão sempre preocupadas com a individualidade de suas posses. Essa cosmovisão que privilegia o material em detrimento do espiritual, tornou-se um infeliz fator que comprometeu o desenvolvimento humano em sua integralidade, criando um comportamento predatório em relação à natureza (Cavalcanti, 2008), a crise climática atual se deve a essa falha na evolução do homem, que passou a observar a natureza como o principal empecilho para seu avanço tecnológico. Se pudermos observar a natureza como um símbolo do Centro, do que advieram todas as coisas, poderemos compreender a magnitude da questão. Nesta perspectiva o ser humano passou a olhar seu próprio Centro criador como o principal inimigo de seu desenvolvimento.

O abandono dessa consciência egóica é o único meio para o alcance do Centro, assim como na mitologia os heróis devem abdicar de seus bens mais preciosos (como Ulisses renunciou ao próprio nome para retornar à sua casa), o homem deve encontrar um ponto de unificação no qual possa retornar ao Centro sagrado de si mesmo, do Self. Segundo Jung (1998, *apud* Monteiro, 2005), “o ser humano possui um sentimento de totalidade – *self* (o si mesmo) – do qual emerge a consciência individualizada do ego à medida que o ser humano cresce” (p.58). Essa consciência individualizada nasce da constante fragmentação do Centro primordial do Ser. Cada rito de passagem representa uma morte e um nascimento de um novo fragmento do ser. Nossa consciência egóica nos fragmenta em diversos personagens para que possamos

atuar nossa melhor versão de acordo com a exigência do mundo. A essência desse pensamento reside no justo ato de agradar ao público.

Esses movimentos e ritos tornam-se prejudiciais porque massacram sua unidade com o espírito. Mistificar esses ritos pareceu a saída mais saudável a sanidade humana para explicar o que lhe parecia incompreensível e oculto. A figura do herói que ultrapassa as mais estranhas e dolorosas adversidades para alcançar a recompensa final, pareceu o mais seguro dos papéis a interpretar para compreender que a constante busca pela unidade, confundida com aceitação, nada mais é do que a transcendência da consciência para além do plano terreno. O caminho do Centro passou então a ser representado nas mais diversas narrativas, desde aquele com o coração puro que encontra o Santo Graal, àquele que abandona sua família e embarca em expedições marítimas para alcançar glória e riquezas para sua nação. Desta forma, as mais diversas imagens foram adquirindo, ao longo do tempo, o valor simbólico daquilo que chamamos de Centro.

Constituindo uma complexa e universal fenomenologia de rico significado simbólico, as imagens do Centro aparecem representadas de forma espontânea, através de uma variedade de imagens abstratas; de símbolos numéricos, de figuras geométricas, como o ponto, o círculo, ou o quadrado, e de imagens figurativas; o umbigo, a árvore, a montanha, o templo, o altar, o pilar, a cruz, os mandalas, a fonte, o paraíso, o coração, o sol. Reflexos dos vários semblantes de Deus, os símbolos do Centro são os espelhos por meio dos quais o *Self* se revela e se olha (Cavalcanti, p.4, 2008).

Os símbolos do Centro irão aparecer com muita recorrência em *CQA*. Sua constante utilização de símbolos que nos façam lembrar do Centro, de algo que nos pertence, mas se faz maior que nos mesmos, exigiu que dedicássemos uma subseção a essa família semiológica. Imagens como a do rei e rainha, príncipe e princesa, soldado e general, pastor e pastora, o mestre, o altar, a fonte, a montanha, o tesouro, dentre tantas outras, são construídas na obra em pura evidência de que o Centro é a meta do eu-lírico/narrador de Parente Cunha, e por mais dolorosa que seja a sua via, ela nem mesmo questiona seu rei (o Centro, o *Self*), apenas aguarda cada procedimento do processo, pois é necessário.

Segundo as tradições de diversas culturas afirmam o Centro como um lugar ou um estado de elevação da consciência conquistado somente por quem se propõe a caminhar conforme o caminho, a obedecer a cada comando e realizar cada tarefa, tornando-se um iniciado. Segundo Cavalcanti (2008), os símbolos sagrados são criados pelo *Self* e mediados por nossa alma, assim se constrói uma ponte entre nossa personalidade temporal e a divina.

Quando nos distanciamos do Centro Primordial de nossa personalidade passamos pelo processo de divisão, então aquilo que era uno, torna-se um múltiplo de verdades que não conhecem sua própria essência, cada uma representando um dos diferentes papéis que empenhamos ao longo da vida. E ao mesmo tempo que esse afastamento é prejudicial, também é necessário, pois, o Centro só se trona visível quando saímos dele. O movimento de retorno, desta forma, é o que visa à unificação das diversas consciências e máscaras que nos habitam, neste momento o homem se torna não só um iniciado, mas também um religioso.

Segundo Jung: ‘o termo religião designa a atitude particular de uma consciência transformada pelo numinoso’³. A vivência simbólica tem o poder de causar um impacto sobre a psique; ao revelar a beleza e a verdade última da vida, provoca a transformação da consciência e a reconexão com a alma e com o *Self* (Cavalcanti, p. XIV, 2008).

Estabelecer essa relação de unidade consigo mesmo requer uma profunda dedicação ao processo de abandono da profanação deste mundo causada pelo apego à materialidade, pois, esse é o principal fator a nos fazer fragmentos de nós mesmos e, apesar de ser um procedimento difícil e doloroso, este é um dos desejos mais recorrentes na humanidade. Estamos sempre em busca de nossas metades, na maioria das vezes, buscamos em outras pessoas, estabelecemos laços e relacionamentos em busca de algo que, possivelmente, está dentro de nós: no Centro.

Segundo Cavalcanti (2008), no Symposium, Platão discorre sobre o amor transpessoal e aponta que “o homem se sente como a metade uma esfera, mas que o homem busca incessantemente um centro perdido” (p.8) que está próximo e distante ao mesmo tempo, porque, na verdade, o Centro perdido está dentro de si mesmo.

À luz de todos os conhecimentos abordados neste capítulo, aprofundaremos agora nossos olhares ao livro *CQA*, almejando realizar uma análise a respeito das intenções do fazer poético de Parente Cunha nesta obra com ênfase na utilização dos símbolos do Centro no jogo simbólico elaborado pela autora. Observaremos não só a estrutura de sua escrita, mas sim e, sobretudo, como as imagens simbólicas do Centro que se desenham no caminho colaboram e estruturam sua lírica durante todo seu percurso.

3. ANÁLISE DA OBRA

Existem muitas correntes críticas às quais podemos nos afiliar ao analisar uma obra. Conquanto, já lhes avisando de antemão a respeito do teor simbólico da obra de Helena Parente Cunha, um dos caminhos mais prováveis para seguirmos é o da crítica psicanalítica. Explicando de outra forma, segundo Mircea Eliade, a compreensão do mundo simbólico nos abre uma porta para a compreensão da própria psiquê humana. Ou seja, os símbolos, sendo matéria criada sob o controle e responsabilidade de nosso inconsciente, nos permitem compreender mistérios e perspectivas a respeito da existência humana que o caminho da abstração racionalista não nos permite. Cada exposição a ser realizada a seguir, embasará a comprovação do caráter iniciático da obra *CQA* a partir dos símbolos do Centro. Mas antes de apresentarmos um olhar psicanalítico, atentemo-nos a alguns aspectos principais a respeito da obra.

A obra *Caminhos de Quando e Além* (2007), de Helena Parente Cunha, apresenta uma ruptura com o fazer poético mais sintético ao qual seus leitores estavam adaptados. A poesia normalmente em estrutura curta e breve, foi substituída por uma poesia longa, difícil de ser compreendida. O leitor embarca em um caminho desconfortavelmente confortável. Confortável por se tratar de uma linguagem já conhecida em seu fazer poético, mas desconfortável pelo cansaço fruto de um jogo de velar e desvelar pistas de um caminho já tortuoso por si só. Um caminho verdadeiramente cumulado de incompreensões e dúvidas. O constante ir e vir que constitui o caminhar/escrever do eu-lírico/narrador em cada *Estação*, impossibilita uma leitura fluida e de fácil abstração. Ao final de cada Estação nos vemos tão cansados quanto o eu-lírico/narrador que caminha/escreve.

Talvez, por essa característica de sua obra, Parente Cunha tenha preferido estruturá-la em partes sequenciais. A obra publicada em 2007 pela editora *Tempo Brasileiro*, reúne um prólogo e 48 Estações poeticamente narradas em uma linguagem fragmentária já íntima de outras obras da autora. Contudo, o novo tom mítico e simbólico circunscreve esta obra em uma atmosfera épica. A literatura épica é permeada de sentidos simbólicos e evocações a um heroísmo latente em cada ser humano, mas que toca o fantástico e o maravilhoso através de uma constante menção a uma energia central e divina que emana de nós mesmos. Essa vertente da literatura permaneceu marginalizada durante muito tempo, mas encontrou um solo fértil no mundo contemporâneo.

O gênero épico, segundo Anazildo Vasconcelos da Silva (2017), é marcado, por uma dupla instância de enunciação: a lírica e a narrativa. Eis que essas duas instâncias encontraram nas mãos de Parente Cunha o caminho para a difusão de uma epopeia moderna do ser em busca de si mesmo. Nessa perspectiva, os símbolos do Centro, que evocam essa imagem central sobre o próprio ser, são um constante artifício utilizado pela autora. Assim como cada herói épico possui seu grande objeto de conquista, Parente Cunha, utiliza-se de diversos arquétipos da família do Centro para construir o objetivo de seu caminhar/fazer poético na mente do leitor. Em cada Estação, há sempre uma imagem que se assume como o Centro, a fim de que o leitor se concentre onde o eu-lírico/narrador quiser.

Apesar de haver evidências de que *CQA* seja um excelente exemplar de literatura épica, essa constatação também nos vela um pouco daquilo que realmente deveríamos ver. Os elementos fantásticos e maravilhosos fundidos em sua linguagem fragmentária e simbólica, dificultam a compreensão da obra, sobretudo porque, Parente Cunha, ao nos oferecer as possíveis portas para compreensão de sua obra, deixa de lado essa veia épica de seu fazer poético, e lança nossos olhares a um outro portal de abstração. A autora parecia estar ciente das dificuldades às quais estariam expostos seus leitores e achou por certo dedicar uma pequena seção, “*Antes de começar a caminhada*”, na qual explica e justifica os motivos de sua obra.

Leitora assídua de Fernando Pessoa e fascinada pela sua obra, senti-me atraída pelo teor altamente simbólico do *Cancioneiro* e me dispus a uma espécie de diálogo, interagindo com vários poemas, sobretudo com os transcritos na epígrafe, “Eros e Psiquê” e “Na Sombra do Monte Abiegnô” (Parente Cunha, 2007, p.23).

Apesar da linguagem familiar e da benevolente explicação inicial, a difusão de tantos elementos e a possibilidade de tantas perspectivas à interpretação dessa obra são o principal empecilho ao leitor no quesito compreensão. No trecho acima, encontra-se o primeiro facilitador da compreensão desta obra, ao nos oferecer essa proposta de um diálogo metalinguístico, a autora delimita uma direção ao qual devemos nos deter. Compreendendo a linguagem *pessoana*, estaríamos com grande parcela de nosso caminho andado, compreendendo o autor com o qual a obra dialoga, compreenderíamos o teor do diálogo estabelecido. Eis aqui o primeiro Centro desenhado pela autora dentro da obra, o poeta que guia seu fazer poético.

Parente Cunha parece querer enfatizar a todo momento esse teor metalinguístico de sua obra, pois, além de mencionar essa característica de sua obra em destaque no subtítulo, e

transcrever os dois principais poemas na epígrafe, ainda, como na tentativa de relembrar o leitor a todo momento de que alguém dialoga com o eu-lírico/narrador de sua obra, traz fragmentos e citações a Fernando Pessoa durante sua poesia.

Emissário de um rei desconhecido
Eu cumpri informes instruções de além”
(Pessoa, 1916 *apud* Parente Cunha, 2007, p.36)

“Para onde vai a minha vida e quem a leva?
Por que faço eu sempre o que não queria?
Que destino contínuo se passa em mim na treva?
Que parte de mim que eu desconheço, é que me guia?
(Pessoa, 1930 *apud* Parente Cunha, 2007, p.58)

Venho de longe e trago no perfil,
Em forma nevoenta e afastada,
O perfil de outro ser que desagrada
Ao meu atual recorte humano e vil
(Pessoa, 1942 *apud* Parente Cunha, 2007, p.91)

Estes são apenas alguns dos recortes em que Parente Cunha faz citações diretas ao poeta com quem se propôs a caminhar. Conquanto, ao mergulharmos de fato na obra notaremos que, aparentemente, a autora utilizou as citações diretas como recurso para lembrar a si mesma de com quem estava dialogando, ou, como afirmado por Ramalho (2015), a expectativa do diálogo metalinguístico, que seria um elemento facilitador da leitura, é na verdade, uma cortina de fumaça, um véu colocado sobre os nossos olhos para que, olhando para Fernando Pessoa, não enxergássemos uma autora que dialogava consigo mesma. “*Caminhas por dentro de teu manuscrito e verás que és tu/de tu mesma, /Não te ouves?*” (Parente Cunha, 2007, p.59). Desta forma, Parente Cunha estabelecia um jogo de sentidos e símbolos que nos faziam nos aproximar de alguma compreensão para vê-la esvair-se logo em seguida. As constantes evocações a Fernando Pessoa durante o percurso, além de nós envolver em uma atmosfera continuada dos poemas do autor, nos impossibilitam enxergar que as linhas daquela rota nos levam também a obras de Parente Cunha.

Em *Eros e Psique*, por exemplo, o último verso da primeira estrofe nos leva diretamente a uma das primeiras obras de Parente Cunha, *Corpo no Cerco* (1968). A menção ao muro é um lembrete ao eu-lírico/narrador do poema *Horizonte*, que acreditava que seu mundo acabava em um muro, completamente sem esperanças (“*o mundo começa/ na minha janela/ E ACABA NO MURO*”, p.23). O muro representa a dormência do ser alienado, na impossibilidade do ir além. Contudo, no poema de Pessoa, o advérbio de lugar *além* que antecede o substantivo muro,

desconfigura o cerco e lhe mostra a expectativa de um caminho. Esse tipo de constatação só é possível a um conhecedor da obra de Parente Cunha. O que torna a obra ainda mais complexa aos “marinheiros de primeira viagem” na escrita da autora.

EROS E PSIQUE

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante que viria
De além do muro da estrada.

[...]

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A princesa que dormia.
(Pessoa, 1942 *apud* Parente Cunha, 2007, p. 25-26)

NA SOMBRA DO MONTE ABIEGNO

Na sombra do Monte Abiegno
Repousei de meditar.
Vi no alto o alto Castelo
Onde sonhei de chegar.
Mas repousei de pensar
Na sombra do Monte Abiegno.

[...]

Mas por ora estou dormindo,
Porque é sono o não saber.
Olho o Castelo de longe,
Mas não olho o meu querer.
Da sombra do Monte Abiegno
Quem me virá desprender?
(Pessoa, 1942 *apud* Parente Cunha, 2007, p. 26-27)

Esses dois poemas vão ser o chamado de Helena Parente Cunha, a partir daí ela estabelece um profundo diálogo, não com eles, mas consigo mesma, eles a fizeram despertar de sua alienação, ela era a Princesa que dormia e o Infante que viria, era aquele que sonhava com a chegada ao castelo e a que permanecia na sombra do Monte, ainda dormente, temendo o muro. Se olharmos atentamente os poemas acima, a palavra latente em ambos é *despertar*, conseqüentemente, este também se tornou o principal objetivo de CQA. Ambos os eu-líricos Pessoaanos encontram-se no estado de dormência do ser e, enquanto o primeiro encontra o

agente do despertar em si mesmo, o segundo segue aguardando à sombra. Como dito anteriormente, o muro era a representação dessa dormência, não uma dormência acomodada, mas sim uma dormência incômoda, pois o muro era visível. As imagens do monte e do castelo, por sua vez, assumem o lugar do Centro primordial que clama esse despertar.

A linguagem simbólica pessoana foi, portanto, o estalar de dedos para que o eu-lírico/narrador de Parente Cunha torna-se se o Infante de seu próprio despertar. Desta forma e, apropriadamente, o eu-lírico presente em *Corpo no Cerco* (1968) compreendeu que além do muro havia mais: o Centro. Então, saltando a janela de seu próprio cerco, ele caminhou/escreveu seu despertar em busca de si mesmo. Consubstancialmente, Parente Cunha (2007) explica que seus versos, em semelhança aos de Pessoa, também foram “tramados sob o jogo de luz e sombra do símbolo” e, que a interação construída com os percalços do Infante que busca a Princesa dormente, desenha uma “travessia atormentada, em que a subida até o castelo no alto do Monte Abiegnio tem sentido equivalente ao despertar da princesa” (Parente Cunha, 2007, p.23). O caminho iniciático para o Centro, assume as mesmas características de tormenta e sofrimento, pois exigem a abdicação de si mesmo em troca do *Self*.

Nesta perspectiva, fica clara e nítida a tentativa de Parente Cunha em estabelecer um jogo metalinguístico, por meio de uma linguagem fragmentária, simbólica e iniciática. Ao acreditarmos que seu diálogo é com o poeta português, não notamos o pano de fundo sendo tecido por suas próprias obras. Ramalho (2015) estabelece uma interessante e concreta conexão entre *CQA* e o quadro *As meninas* de Diego Velázquez através de Foucault. Segundo a autora, da mesma forma que rei e rainha se espelham no fundo imagem, enquanto o restante da corte encontra-se em primeiro plano, os poemas de Fernando Pessoa também se encontram em segundo plano na obra de Helena Parente Cunha, enquanto obras da autora prefiguram-se no plano central de seu fazer poético. O rei e a rainha (poemas de Pessoa) receberam maior atenção por terem sido colocados no topo da hierarquia, enquanto o restante da corte (obras de Helena) representa o verdadeiro alicerce do reino/obra.

A relação de submissão entre rei/rainha e a corte, representa a tensão dialogal entre o eu-lírico/narrador de Helena consigo mesmo, sendo a próprio algoz de seu martírio e a salvador de sua pátria. As evocações simbólicas utilizadas por Pessoa em todo cancioneiro, ofereceram a Parente Cunha o elenco de personagens para que ela, através do mesmo fazer simbólico, provocasse uma escuta apelativa ao imemorial. Desta forma, o Cancioneiro de Fernando Pessoa configura, não a contraparte de um jogo metalinguístico, mas sim uma espécie de alegoria poética construída para demonstrar a dolorosa via do despertar das tendências de um mundo egocêntrico e materialista e o retorno ao Centro.

O diálogo se passa em um mundo do parecer em tensão com a busca intensa de um sentido mais profundo do viver. A caminhada se situaria no árduo empenho para o despertar do pesado sono das aparências e atingir a verdadeira realidade (Parente Cunha, 2007, p.23).

Assim, a jornada de Parente Cunha assemelha-se a uma *via sacra* de seu fazer poético, onde um eu-lírico/narrador empenhado em despojar-se de uma consciência fragmentada, transita entre “A vaga e deslizante identidade das personas poéticas” (Parente Cunha, 2007, p.23), que perfazem seu discurso, representando todas as rupturas e as personagens que ela mesma teve que interpretar ao longo de sua caminhada. Essas rupturas e personas representam simbolicamente o processo de desconstrução da unidade do ser à medida que ele cresce e evolui em direção ao mundo, a saída do Centro sagrado em direção ao mundo profano. Os adjetivos ‘vaga’ e ‘deslizante’, utilizados pela autora para descrever a identidade dessas personagens, denotam justamente a falta de solidez que uma consciência não-unitária possui. O processo de retorno a esse ser unificado acontece justamente através de um caminho cifrado, compreensível somente aqueles que estiverem dispostos a enfrentá-lo desviando das aparências do mundo. “*No tenso enredamento de tu e você, ele e ela, / sabes o que sabeis de espelhos e reflexos, /mas te deixas e vos deixas capturar pelas miragens.*” (Parente Cunha, 2007, p. 116).

Segundo Cavalcanti (2008), a entrada em um mundo de valores simbólicos é o que possibilita o retorno do ser humano à sua consciência unificada em corpo e espírito, isto é, ao Centro original de seu Ser. As imagens simbólicas do Centro que perfazem o caminho de Parente, tem o justo poder de estabelecer uma ponte que nos leva em direção a um espaço de ressignificações do simples em grandioso, um caminho que nos leva ao *numinoso* (Cavalcanti, 2008). CQA estabelece-se, então, em uma atmosfera, grandiosa e fantástica que culmina em algo próximo do Maravilhoso e nos leva a um retorno do eu-lírico/narrador a si mesmo.

Isso unido a uma linguagem poético-narrativa, em tom evocativo e em uma estrutura longa e sequencial das estações, lhe conferem as características de um gênero épico. Ademais, a própria linguagem simbólica lhe confere um teor mítico que se alia a um “heroísmo metonímico” (Ramalho, 2015) latente em toda obra. Segundo Ramalho (2015), o encontro de Parente Cunha com o texto longo, mesclando o histórico e o maravilhoso, “elabora e desenvolve uma matéria épica, no caso, de natureza filosófica e espiritual” (p.119).

O caminho de Parente Cunha é justa e inegavelmente em direção a essa grandiosidade característica do Centro Primordial em que tudo se inicia e encerra. Segundo Cavalcanti (2008), “para a tradição iniciática, a religação com o Centro interno divino restituía a integridade, a

sanidade e a pureza que foi perdida no processo de individualização da consciência.” (p.7). De modo semelhante a isso, o eu-lírico/narrador de *CQA*, parece caminhar/escrever em busca da reintegração de seu próprio ser, um retorno ao Centro divino de si mesma. Desta forma, “o pesado sono das aparências” referido por Helena ainda *Antes de começar a caminhada*, representa a individualização da consciência, o afastamento do Centro, a fragmentação da identidade. Consequentemente, o despertar para a “verdadeira realidade”, refere-se ao retorno à sua verdadeira identidade, a consciência unificada.

Ainda segundo Cavalcanti (2008), o processo de purificação, que aqui terá o mesmo sentido de despertar, era compreendido em diversas culturas da antiguidade como “o trabalho de dissolução dos aspectos sombrios da personalidade” que o mantém subjugado e preso aos caprichos de sua consciência egóica. Desta forma, abandona-se o que se conhece de si mesmo e caminha-se em direção ao desconhecido, aquilo que está obscuro em si mesmo, um abandonar-se para encontrar-se. Obviamente, esta é uma via permeada dos mais diversos perigos e tormentos, sobretudo, com a necessidade de abdicar de seus próprios desejos e vontades. A consciência carnal e terrena precisa subjugar-se a consciência espiritual e celeste.

Aguardo as ordens do rei para me mover
e mover a mensagem a ser levada
aos quatro e quarenta e quatro cantos do globo,
aos sete vezes sete setembros do tempo.

Que mensagem? Perguntas. Eu nem pergunto.
Apenas aguardo as determinações superiores de quem sabe
por que vim.

O silêncio é frio na trincheira. As baionetas preparadas. E eu?
Espero.
Minhas medalhas no peito, meu estandarte no sopro do vento menos.
Minhas vitórias?
Vou sob o comando do rei que me envia aonde for preciso
defender
o reinado deste reino.
(Parente Cunha, 2007, p.35)

Esse curto fragmento da *Estação 2* nos apresenta um eu-lírico/narrador completamente submisso a alguém. Ele não age por si próprio, suas ações são estabelecidas por alguém que esta hierarquicamente acima dele, por isso, passivamente aguarda o momento determinado para cumprir a determinação. Figuras como a do rei, rainha, mestre, pastor, pai etc., serão presença constante em todas as estações da obra e, nesse contexto, carregam um anexo simbólico para além de serem as figuras centrais de suas respectivas realidades, representam também as figuras

míticas que ficam no topo da hierarquia que determina o caminhar do eu-lírico/narrador e o fazer poético de Parente Cunha. Segundo Ramalho (2015), por meio dessa construção simbólica, Parente Cunha “estabelece diálogo com um rei/mestre, criando uma virtual parceria de criação, em que a figura do rei situa uma hierarquia nesse processo de ‘criar palavra’” (Ramalho, 2013 *apud* Ramalho, 2015, p. 121).

Nesta perspectiva, as imagens do Centro, isto é, carregadas de uma simbologia sagrada, divinizada ou de figuras hierarquicamente superiores, funcionam, em CQA, como mentores ou guias do caminhar do eu-lírico/narrador em direção ao Centro unificador de si mesmo. Consubstancialmente, Campbell (2006) afirma que “Uma imagem mítica é uma força exterior que nos ajuda. Por seu intermédio podemos alcançar a libertação das amarras da esfera mundana.” (p.116 *apud* Ramalho, 2015 p. 121-2). Destarte, agora se torna perfeitamente compreensível e formidável a figura *Pessoana* como habitante efetivo do Centro da obra de Parente Cunha, ele nunca foi o Centro de seu fazer poético, mas sim, e como já mencionado, o guia espiritual de seu despertar. Ainda neste contexto, a figura do rei também é importante em outras culturas de maneira ritualística. Segundo Cavalcanti (2008), em algumas tradições iniciáticas, “O rito de transformação da consciência é chamado de *mukatabisheka*¹, que significa ‘o ser cingido por coroa e tiara’” (p.66). Desta forma, o ser que conseguia alcançar o Centro do mandala (representação do ser e do cosmo), assume a imagem simbólica do rei, isto sendo, aquele que conseguiu o pleno controle sobre suas emoções, desejos e paixões, aquele que assumiu o Centro de si mesmo.

Cada uma das 48 estações de CQA, vai representar os ritos de passagem inversos aos que o ser humano passa enquanto cresce. Ou seja, o homem, até o alcance da vida adulta, atravessa diferentes estágios e etapas de fragmentação e individualização do ser (afastamento do Centro), na obra de Parente Cunha, o caminhar leva o eu-lírico/narrador ao caminho contrário, leva ao justo retorno à unidade perdida no processo de individualização da consciência. A princesa adormecida é a representação simbólica de um homem completamente mergulhado em tendências capitalistas que acredita serem utilitárias. Para isso, Parente Cunha utiliza-se de um constante arquétipo de gêneros épicos, o herói. Esse elemento além de reforçar a teoria de que a autora parece ter enveredado pelos caminhos da literatura épica, é o elemento que nos permite observar a simbolização de sua própria jornada de retorno ao estado original de si mesma, em um heroísmo que perpassa o mítico, o religioso e o filosófico da humanidade.

¹ Segundo Julius Evola (1989), *Mukatabisheka* consiste em um ritual no qual, o ser que alcança o Centro do mandala é coroado, demarcando simbolicamente que ele está acima “do jugo das forças da natureza inferior” (p. 41).

Ainda tens que cumprir teu prazo de sarjetas e bordéis
imundos,
De engodo dos que te mergulham mais no lamaçal da
iniquidade.
Acorda deste sono maldito, vassalo traidor,
és servo de um rei clemente que te quer de volta ao seu
séquito
E ao seu serviço.
Recupera o relampaguear de tuas medalhas, reforça tua
garganta
Para os gritos de tua guerra.
O combate é só te para vences réus inimigos,
não entendeste ainda, oh servo infiel?

És tu, somente tu o inimigo a combater
tu e tu de você em você nas camadas superpostas de teu e
vosso eu
(Parente Cunha, 2007, p. 51).

Conquanto, apesar de todo esse enfrentamento heroico conceder a obra um tom de jornada individual, o Infante que desperta a si próprio, aparentemente, salta as páginas e retira da dormente alienação, um leitor situado e sitiado em um mundo fundado e difundido nos reflexos espelhados de seu ego. Segundo Ramalho (2015), a “*Estação 10*” é o ponto da obra que desvela “a sintonia da caminhada do eu-lírico/narrador com um percurso diacrônico que referencia o próprio percurso histórico da humanidade” (p.122). Desta forma, Parente Cunha faz com que seu despertar seja também de outros, e ela que foi guiada ao Centro torna-se a guia deste mesmo trajeto. Sua jornada ultrapassa as camadas de seu próprio eu para ecoar em todos nós através de uma linguagem que apela aos mais diversos contextos históricos e episódios marcantes da existência humana. As menções a episódios e personagens de diversos episódios da história, sobretudo os que foram permeados por dor, sofrimento e desigualdades, tem o potencial simbólico de inserir-nos dentro de sua obra como iguais caminhantes de sua vida dolorosa, desta forma, o caminho passa a ser, também, nosso.

Já sabes o que tens de fazer, oh filha do desterro,
Sabes, cavaleiro desterrado, mas não basta
Não basta teres queimado a sola dos pés nas brasas
Inquisitoriais,
Não basta a corda no pescoço no patíbulo das
Inconfidências,
Não basta teres morrido de peste nos navios negreiros,
Não basta o apedrejamento do adultério em praça pública.
(Parente Cunha, 2007, p.65)

Todos os recursos metalinguísticos abordados em sua obra estabelecem uma ponte memorial e referencial deste atual eu-lírico/narrador com os seus antecessores nas demais obras de Parente Cunha. De certo modo, *CQA* tornou-se um ponto onde todas as versões de Helena Parente Cunha se reúnem para trilhar um caminho de retorno a sua consciência unificada. Segundo Ramalho (2015), a maneira com a qual se estrutura o plano organizacional desta obra é paradoxal. Como já antes mencionado, do mesmo modo que ela, confortavelmente, oferece-nos uma leitura confortável, direcionando-nos pela porta do diálogo com Pessoa; ela também nos enreda em um jogo mítico-simbólico permeado pelo desconforto da incompreensão, ou mesmo de uma compreensão cifrada, está ali, mas não é visível o suficiente. Esse desconforto, e mesmo o sofrimento e a dor constantemente mencionados na obra, tem o potencial pedagógico e purificador do ser, a dor purga a alma de suas miséria e a leva de volta ao estado de limpidez original.

Essa caminhada nublada por saberes e incertezas, na qual não se enxerga ou pouco se vê do horizonte de chegada, faz com que a obra de Parente Cunha adquira um caráter iniciático. Segundo Cavalcanti (2008), as abordagens histórico-culturais voltadas e interessadas no religamento do homem com sua consciência espiritual, possuem esse mesmo caráter de iniciação. Desta forma, o caminho cifrado e permeado de perigos, torna-se compreensível somente aquele que foi iniciado em sua jornada de retorno ao Centro de si mesmo. Agora torna-se claro o motivo pelo qual sua obra é paradoxalmente complexa e desconfortável. Aqueles que não estiverem prontos para o despertar, simplesmente não compreenderam a iniciação e o caminho até o Centro. O ponto aqui é que vivemos em uma geração imediatista o suficiente para não aceitar a própria incompreensão, ainda que eminentemente ela seja alcançada em determinado momento, a expectativa de saber não supre as necessidades do agora.

A partir deste ponto, nossa análise em teor crítico psicanalítico ganha maior intensidade, sobretudo aliando-se a compreensão das imagens simbólicas da família do Centro presentes na obra como um recurso para compreender a fundo as intenções de Parente Cunha em seu fazer poético. O estudo dos símbolos passou a ser observado pela psicologia com Freud e em seguida com Jung. Ambos os especialistas buscaram a compreensão dos símbolos em manifestações da psique humana. Segundo Eliade, a psicanálise não vê as diversas criações simbólicas como criações aleatórias e irresponsáveis de nossa psique, ao contrário, são respostas elaboradas a partir da necessidade de “revelar as mais íntimas modalidades do Ser” (Ribeiro, 2010, p.48). A linguagem simbólica, portanto, é uma tentativa do homem em compreender os mistérios que perfazem sua existência. Os símbolos do Centro denotam, portanto, uma pulsão humana em retornar ao abrigo original, ao princípio do existir.

Onde está meu portão, minha porta do templo, o portal
do palácio do rei?
Onde é a surdina de entrar escondido no jardim das acácias
e amar a mulher proibida?
Onde é começar o remoto começo?
(Parente Cunha, 2007, p. 37)

Partindo da premissa de que os trechos de *CQA* já apresentados em outros momentos são matéria suficiente para afirmarmos que sua obra participa de um singular exemplo de linguagem simbólica e que evoca singularmente um retorno ao Centro Primordial. Com a contribuição da própria autora, que nos afirmar isso ainda no início do livro e com um olhar voltado para a psicanálise, podemos constatar e ousar dizer que a obra analisada corresponde a uma espécie de mapa instrutivo ou diário de bordo de um eu-lírico/narrador que embarcou nas profundezas de si mesmo em busca de uma união com seus fragmentos. Desta forma, os já mencionados eu-líricos das demais obras de Parente Cunha, reúnem-se e caminham em direção ao Centro de suas existências.

Nesta perspectiva, a ênfase oferecida ao arquétipo dos *símbolos do Centro* conforme Cavalcanti (2008), não foi um acaso planejado, mas sim um fator norteador desta análise. A totalidade objetivada pelo ser humano, ao longo de sua evolução na vida, passa por um processo de distorção, desta forma, o homem busca na existência de outras pessoas a sua metade perdida, que na verdade, está em si mesmo. Mas mesmo esse buscar-se no outro passou por processos de distorção e, na sociedade moderna é preferível buscar sua completude em bens de consumo que satisfazem nosso senso egóico de aceitação e pertencimento a este mundo. Esse é o justo sono das aparências comentado por Parente Cunha ainda *antes de começar a caminhada*.

Neste momento, observamos, com maior clareza, o paradoxal conforto desconfortável causado por sua obra. Essa sensação mora no justo ato de saber a finalidade sem conhecer o final, de não saber onde se está indo, mas conhecer o resultado da chegada. (“Quando comes a escrever, nunca sabes aonde teus passos /te levarão, /mas segues em cego rodopio”, Parente Cunha, 2007, p. 95). Assim, até os respectivos advérbios de tempo e lugar, *quando e além*, adquirem um peso simbólico que representa, ainda no título da obra, o sentimento de indefinição, incerteza e desconhecimento. Ainda que haja um caminho a ser percorrido, esta é a única certeza concreta à qual temos acesso, ademais só temos a vaga esperança de chegar a algum lugar em algum momento. Neste momento de indefinição, reforça-se a imagem dos superiores (rei, rainha, mestre, pastor etc.) como mentores de seu caminhar.

Quem dorme nesta folha em branco,
Neste degrau retorcido e coberto de limo?
É a princesa encantada ou o Infante que viria
De além do muro da estrada?
(Parente Cunha, 2007, p. 41)
Caminhar, sim, porque os comandos foram claros,
Segue em frente, soldado, e nada perguntes.
Se queres resposta é por vacilarem no desvio.
O que tens a fazer é segredo dos deuses,
Teus superiores te aguardam após a missão cumprida.
(Parente Cunha, 2007, p. 37)

É interessante mencionar que o próprio conceito de Centro corrobora com esse sentimento de indefinição. Segundo Cavalcanti (2008), o Centro representa “o desdobramento da Totalidade primordial” (p.4), um conceito complexo, abstrato e intuitivamente ligado a nossa sensibilidade espiritual que sinaliza e representa a Unidade encontrada no Centro do Ser, “sem forma, nem dimensão” (p.4), “Sem meio nem contorno” (Parente Cunha, 2007, p.29). Um outro ponto desta obra ligado a construção desse sentimento de indefinição e até informalidade (no sentido de não ter forma), é a imagem que constitui a capa da obra.



Fonte: produzida pela autora.

A imagem em forma de círculo condensa e reúne muitas outras imagens no Centro do que parece ser uma espiral. Quanto mais perto do Centro, menos nítida se torna a imagem,

quanto mais distante, mais visível ela se torna. Desta forma, a imagem nos apresenta uma representação simbólica do Ser. As imagens nas extremidades, separadas umas das outras, representam a individualização e fragmentação do ser através da evolução de sua consciência egóica. À medida que, em espiral, essas imagens se aproximam do Centro, perdem suas formas, delimitações e individualidades, condensando-se em uma unidade indissolúvel no Centro do ser. Desta forma, as extremidades apresentam imagens distintas, “pontas soltas de um novelo”, os fragmentos do *Self*. E quanto mais se aproximam do Centro, condensam-se em um ponto semelhante a retina de um olho desperto.

Esse movimento capturado pela imagem representa a culminância de tudo que encontraremos dentro da obra. Representa o abandono da consciência egóica, o despertar da princesa que dormia o sono das aparências, a chegada ao topo do Monte Abiegno, a conquista do alto Castelo no alto do monte. A estação 48 é o justo retrato deste retorno, o momento aguardado em que as contrapartes do Ser chegam ao local onde será realizada a cerimônia de sua união.

E agora, Mestre, agora que a jornada chega ao fim?

Ela e ele sob as vestes para os rituais,
a túnica, o anel, a grinalda de Hera em seu verde perene.

Ela segue no fôlego seguro do passo e para no mais alto da
escadaria,
ela vai límpida e líquida pelas arcadas e mandalas dos vitrais.

O celebrante se alça acima dos próprios pés,
tira o selo do grave livro e escreve os novos nomes
dele e dela.

Na alquimia da imponderável transmutação,
onde Rei e Rainha se espelham,
unem-se ele e ela na unidade do elo.

Na folha em branco do livro,
Se grava o traço firme da ancestralidade na projeção da
descendência
Alfa e Ômega recomeçam o incessante começar
que não tem começo nem fim.
(Parente Cunha, 2007, p.177)

Aparentemente, a construção das imagens simbólicas na obra de Helena tem uma funcionalidade que vai muito além do simples simbolizar, ou constituir experiências sensoriais e imagéticas em seus leitores. Pressuponho que os símbolos, e sobretudo os símbolos do Centro,

para além do contexto significativo dentro de cada poema, representam a pulsão de Parente Cunha por uma unificação de si mesma, unificação essa que, para um autor, só é possível no outro, em quem o lê. O “Escrever é incompleto, mas ler é essencial” (Rallo, 2005, p. 104), esta é a exata essência dos símbolos dentro da literatura poética, da incompletude do dizer, da necessidade do outro para tornar compreensível o que é apenas dizível, da necessidade de um agente externo que nos desperte de nossa alienação, da mesma forma que foi desperta por Fernando Pessoa ela vem despertar a outros. É dessa forma que a poética de Parente Cunha ecoa tanto em seu leitor, porque ela desperta o leitor para encontrar a sua metade não no outro, mas em si mesmo. O fazer poético de Helena Parente Cunha foi feito para completar-se no caminho, porque, no construir dos sentidos que permeiam suas imagens, caminhamos junto com ela.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que o pensamento mítico de Helena Parente Cunha é desenvolvido em seu fazer poético e culmina em uma epopeia moderna do ser, que evoca e busca a unificação de seus *eus* encontrados pelo caminho que rumo ao Centro original. Os mistérios e os poderes que não conseguia compreender sobre si mesma, viraram matéria de seu inconsciente e tornaram-se concretos em suas obras. Podemos constatar nesse momento que, assim como afirma Fernandez (1972), os símbolos não são só um artifício utilitário ao fazer poético, mas sim, são eles os responsáveis pela estruturação da obra. Em *CQA*, essa pulsão por estar em movimento é o fator que denota a busca por uma unidade consigo mesma e é este pulsar que se inscreve em seus versos através da ressignificação semiológica de sua jornada, ela reconfigura seus próprios ritos de passagem em uma linguagem simbólica e iniciática. Cada verso um passo, cada passo um significado.

Segue o que te digo sem vacilar,
ordens maiores recebo para te ordenar a nova escrita por
onde andarás,
antes da leitura dos símbolos de tua nova sentença
(Parente Cunha, 2007, p. 69).

4. OS SÍMBOLOS DO CENTRO DE CQA

4.1 Introdução metodológica

A presente seção visa à reunião e ao agrupamento dos símbolos do arquétipo do Centro ou que evocam a sua imagem, encontrados na obra *Caminhos de Quando e Além*. Encontramos cerca de 190 símbolos pertencentes a esta família, dos quais serão agrupados de acordo com suas devidas classificações e especificidades, tomando como base os estudos de Fernandes e Gonzalez (1972, 1973), em alinhamento com as constatações de um estudo dedutivo próprio baseado, sobretudo, em Cavalcanti (2008).

A constituição de cada significado tomou por sustentação o que já havia sido proposto em outros dicionários como o Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2001); O Grande Livro dos Símbolos de Jack Tresidder (2003); O Almanaque Ilustrado dos Símbolos de Mark O'Connell e Raje Airey (2011); Os Símbolos Místicos de Brenda Mallon (2009) e em Os Símbolos do Centro de Raíssa Cavalcanti (2008). Obviamente, tomando por base essas leituras, inicia-se o processo de estudo, interpretação e formulação dos significados presentes aqui, aliados a pesquisas paralelas de cunho filosófico, cultural, religioso e psicológico.

Apesar de estarmos lidando apenas com os símbolos do Centro, é necessário saber que essa família pode abrigar não só os símbolos relacionados diretamente a um Centro, podem referir-se também a energia que emana do Centro, aos guias espirituais que orientam e intermediam a relação entre o homem e o Centro sagrado, as contrapartes masculina e feminina que compõem a unidade do Centro e aos caminhos que levam a ele. Ofereço destaque a isso, somente como uma ilustração de tudo aquilo que essa família arquetípica pode abranger. A demarcação classificatória de suas dimensões e famílias serão os únicos critérios agrupadores desse apanhado.

Notavelmente, todos os símbolos aqui presentes se adequam à dimensão poética por se tratar de adequações construídas abaixo da densidade psíquica e criativa da autora. Destarte, os símbolos só receberam as classificações de dimensão antropológica ou cósmico-religiosa, esta última sendo de maior frequência. No que se referem às famílias, todos pertencem à família do Centro, portanto, só receberam as respectivas classificações entre família do caos e animalidade; ascensional e transformações topológicas, estes últimos sendo os de maior recorrência.

Antes de apresentar os símbolos, considero de suma importância ressaltar que, apesar de todas as imagens terem sido encontradas dentro da obra de Parente Cunha, e de que seus

respectivos significados buscam estar alinhados com um conceito contextual proposto pelo fazer poético da autora na obra, procurei me abster de constantes citações da obra como um artifício persuasivo e embaçador dos significados propostos. O que almejo aqui não é uma reanálise da obra a partir destes significados, mas sim o oferecimento da possibilidade do que está no indeterminado quando e além. Não trago a interpretação, mas a possibilidade de interpretar e reinterpretar ao leitor. No entanto, nas considerações finais, recuperarei alguns trechos de CQA, com o intuito de dar relevo às possibilidades interpretativas que o confronto entre os símbolos e os trechos escolhidos pode proporcionar.

Assim, mergulhemos no Centro e, ressignifiquemos nos mesmos a si e ao mundo.

4.2 Dicionário de símbolos do Centro

A

Abismo – dimensão antropológica, famílias de transformações topológicas e ascensionais.

Esta grande depressão natural, segundo Chevalier e Gheerbrant (2001) a palavra é traduzida tanto do grego quanto do latim como aquilo que é *sem fundo*, o possível mundo das profundezas ou das alturas sem definições. Ainda segundo os dois autores, o abismo simboliza globalmente, nos evangelhos apócrifos, “os estados informes da existência”. Sendo aplicável tanto a origem quanto aos dias finais da humanidade. (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 5).

No plano psicológico, também, pode corresponder tanto à indeterminação da infância como à indiferenciação da morte, decomposição da pessoa. Mas pode indicar igualmente a integração suprema na união mística. A vertical já não se contenta em afundar-se, eleva-se: há, também, um abismo das alturas como o há das profundezas; um abismo de ventura e luz, como o há de infelicidade e trevas. Todavia, o sentido de elevação apareceu posteriormente ao de descida (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 5).

O abismo, é ainda, considerado um lugar inacessível e inexplorado, pois, por vezes é associado à existência de monstros e de criaturas assustadoras em suas dependências. Nos evangelhos oficiais, mais precisamente no antigo testamento da Bíblia, por exemplo, o abismo é sumariamente concebido como o *Leviatã*, uma espécie de peixe feroz e de proporções assustadoras. Diferentemente, no Salmo 104, o abismo é descrito semelhantemente a uma veste que cobre toda a face da Terra, enquanto o criador reveste-se de um manto de luz (ibidem).

Notavelmente, mesmo em diferentes concepções a respeito do abismo, podemos constatar a sua profunda relação tanto com a cosmo gênese quanto com o fim da jornada evolutiva do universo. Uma evocação ao fascinante e tenebroso universo das profundezas de nossa alma. O abismo apresenta-se como o convite para mergulhar no começo sem fim ou no sem-fim começar. Ele é, portanto, o Centro primordial do ser para o qual o homem é puxado em retorno.

Abobada – dimensão cósmico-religiosa, família ascensional.

Referente a arquitetura dos templos, mausoléus, catedrais, mesquitas etc. É uma construção curvilínea ou circular apoiada em colunas ou paredes com o objetivo de cobrir algum espaço sagrado. As abobadas são comumente revestidas por imagens com representações celestes (anjos, astros, pássaros etc.). Simboliza o céu, e a base, normalmente quadrada, na qual se apoia, representa a Terra, desta forma, a construção completa simboliza a união entre céu e Terra, o ponto entre princípio e fim.

Abrigo – dimensão antropológica, família do Centro.

Local onde abriga-se, guarda-se, acolhe-se algo ou alguém. Refere-se ao lugar ou sentimento de estar em casa, no lar. O abrigo refere-se também ao conceito de Centro Primordial ou original do Ser, nosso Centro é nossa casa, nosso abrigo e este somos nós mesmos. O homem passa por diferentes processos de afastamento de sua casa original à medida que cresce, o retorno ao Centro é semelhante ao retorno para casa, assim como Odisseu retornou a Ítaca na obra de Homero, seu retorno ao lar representa seu retorno para si mesmo, o abrigo original é o *Self*.

O abrigo simboliza estabilidade e segurança. Os primeiros habitantes da terra não possuíam casas como as sociedades modernas, muitos deles eram andarilhos que não possuíam uma morada fixa. As cavernas foram os primeiros abrigos do homem, possuindo uma caverna para se abrigar e animais para caçar, o homem poderia manter-se estável naquele local e assim se iniciam as primeiras organizações sociais.

Dentro dos textos bíblicos, Deus é considerado o grande abrigo do homem em corpo e espírito. O livro dos salmos (salmo 16, 17, 18, 20 et al), sobretudo, ressalta Deus em diversos momentos como o abrigo, refúgio e segurança onipotente. O abrigo é exatamente a figura ou o estado divino para o qual retornaremos.

Aéreo ouro – dimensão cósmico-religiosa, família ascensional.

O ouro é um metal precioso e sofisticado advindo do minério na terra, portanto um material terrestre. O adjetivo que o antecede é referente ao ar, contrário ao que é terrestre. Esse adjetivo acresce a objetos e seres a simbologia de algo que não pertence a Terra, é aéreo,

pertence ao ar e, conseqüentemente ao céu. Simboliza pureza e leveza. Desta forma, o aéreo ouro simboliza a purificação de um material antes terreno em algo, agora, celeste. Simboliza o estado do ser que alcança o Centro celestial.

Água – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações cíclicas e do caos e animalidade.

Símbolo universalmente concebido, desde a antiguidade, como representante da fonte da vida, fertilidade e pureza. Há um aparente consenso entre as principais cosmologias de que a vida surge das águas. Em Genesis, livro bíblico do antigo testamento, o Espírito de Deus pairava sobre as águas antes do concebimento de toda a vida terrestre. Consensualmente, ainda, a água carrega consigo o teor simbólico da fluência da vida em semelhança aos líquidos necessários a ela (sangue, sêmen etc.).

As águas, massa indiferenciada, representando a infinidade dos possíveis, contêm todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção. Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se de novo num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regenerescência (Chevalier e Gheerbrant, 2001, p. 15).

Segundo os autores do primeiro dicionário de símbolos, na Ásia, a água era a representação substancial da manifestação original da vida. Elemento que regenera o corpo e o espírito, símbolo da pureza, virtude, sabedoria, fertilidade e graça. Aos olhos do peregrino, que suporta todos os percalços do caminho, a água simboliza a regeneração das forças perdidas na jornada e torna-se “um centro de paz e de luz, oásis” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 16).

A água é por via de todos os seus afluentes simbólicos, a matéria geradora, bem como a responsável pela manutenção e regeneração de toda a vida existente. Sua existência é uma dádiva divina responsável pela fertilização do solo terrestre, bem como uma possível ameaça de devastação de tudo que há, assim como é narrado em Gênesis o episódio do Dilúvio. A água que tudo gera, também pode tudo destruir. Portanto, em seu cerne simbólico, torna-se cabível e empregável a compreensão de todas as fases da vida, nascimento (fertilização), crescimento (manutenção) e morte (devastadora absorção). A água é o meio de purificação para chegar ao Centro e a energia que nele habita.

Alcovas – dimensão antropológica, família do Centro.

Pequeno cômodo isolado do exterior da casa com cama para dormir. Dentro da Bíblia as alcovas simbolizam lugar de refúgio, esconderijo ou abrigo (ver: Abrigo, p. 37-8).

Além – dimensões cósmico-religiosa e antropológica, famílias ascensional e do Centro.

É o lugar mais a frente ou adiante. Lugar ou estado para onde se vai após a morte. O fato de ninguém ter retornado do além para oferecer uma descrição deste lugar ou espaço o torna, também, o símbolo de uma definição indefinida, apesar de sabermos que existe não sabemos como é sua estrutura, nem onde fica.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001), “O Além é a região misteriosa para onde vão todos os humanos após a morte” (p.28). Um lugar do qual não se pode retornar nem ser acessado por aqueles que ainda estão vivos. Desta forma o Além comporta em seu cerne simbólico o sentido de um lugar ou estado de espírito alcançado após o fim da vida. O lugar aonde se chega após enfrentar todos os perigos da vida, o estado que se alcança após ultrapassar todas as batalhas do caminho. O Além simboliza, ainda, o justo momento e lugar de unificação e transcendência do homem consigo mesmo, onde mente e espírito encontram o denominador comum, o *Self*.

Alfa e ômega – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações cíclicas, topológicas e ascensionais.

Essas são as letras que, respectivamente, iniciam e finalizam o alfabeto grego, comportam simbolicamente tudo o que há entre o princípio e o fim de toda a criação. São, desta forma, o símbolo da totalidade, da união entre as contrapartes, da unidade do ser e da vida. O ponto de encontro entre alfa e ômega, simboliza o Centro onde princípio e fim se condensam.

João, o discípulo amado de Jesus Cristo e autor do livro do Apocalipse da Bíblia, confere a Jesus o título de Alfa e Ômega, princípio e fim. Ele que é considerado o autor da vida, obviamente representa a totalidade de todo o processo. Segundo a teoria de Chardin, citada por Chevalier e Gheerbrant (2001), a evolução do universo constituiria uma noosfera “pela espiritualização progressiva dos seres e da consciência” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 29). Infelizmente, a tendência evolutiva do espírito moderno, se dá por meio de uma “despersonalização progressiva e uma coletivização dos seres numa energia comum” (ibidem).

Sendo assim, Alfa e Ômega representarem um princípio de totalidade, justamente porque o que fica contido entre eles passa por um processo de separação e fragmentação da unidade. O homem, à medida em que cresce em direção à vida adulta, submete-se cada vez mais a necessidade egóica de aceitação e pertencimento social, eis aí a coletivização dos seres em uma energia comum. O alcance desta totalidade só acontece em ômega pois é de lá que

emana a energia do Centro de nossa consciência. O homem retorna para aquilo que o criou e se torna unidade com o criador.

Alma – dimensão cósmico-religiosa e antropológica, famílias ascensional e do Centro.

A alma recebe diversas concepções e conceituações que a propõem como um ente invisível e minimamente definido que se caracteriza por ser a contraparte sobrenatural que habita o corpo humano, ou, aquilo que, unido a psiquê, anima o corpo. No catolicismo existe a concepção de que após a morte, nosso corpo, sendo aquilo que representa nossa natureza terrena e o responsável pelas fraquezas da carne, se desfaz; mas a alma é levada ao lugar mais adequado de acordo com o julgamento divino, céu ou inferno. Em diversas passagens bíblicas a alma ou espírito são citados como os únicos entes passíveis de serem salvos e de alcançar a eternidade no paraíso. Desta forma, a alma é aquilo que nos liga a algo além deste mundo. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001):

A palavra alma evoca um poder invisível: ser distinto, parte de um ser vivente ou simples fenômeno vital; material ou imaterial, mortal ou imortal; princípio de vida, de organização, de ação; salvo fugazes aparições, sempre invisível, manifestando-se somente através de seus atos. Por seu poder misterioso, sugere uma força supranatural, um espírito, um centro energético (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 31).

Segundo Tresidder (2001), a alma simboliza os espectros espirituais e não-corporais da vida humana. Em algumas tradições, acredita-se em mais de uma alma para o mesmo corpo e até possuem a perspectiva de que ela nos deixa enquanto estamos dormindo, pois, a ela se deve o ânimo, energia e vitalidade do corpo. A alma, portanto, simboliza o Centro energético do ser, a energia supranatural necessária para a existência da vida. O elo entre a humanidade e a eternidade. A concentração energética da gênese, necessária para o surgimento da vida e aquela para a qual retornaremos ao fim da jornada.

Almirante – dimensões antropológica e poética, família do Centro.

Aquele que ocupa o cargo mais elevado dentro da marinha, aquele que comanda operações no mar. A palavra é uma derivação do árabe e significa justamente “comandante do mar”. Comumente o mar é mencionado como um símbolo da vida, enquanto o homem é o navegante. Neste caso, o almirante simboliza justamente aquele que controla a jornada, estabelece as funções da tripulação, e dá as ordens necessárias para se chegar ao objetivo da viagem. O almirante é aquele que conhece o roteiro e determina a chegada. Desta forma, apesar de não representar diretamente o Centro, o almirante ocupa hierarquicamente uma simbologia central para seu alcance, sendo o guia do percurso.

Altar – dimensão cósmico religiosa e antropológica, família do Centro.

Local onde se realizam rituais e ofertas para divindades sagradas. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001), o altar é:

Microcosmo catalisador do sagrado. Para o altar convergem todos os gestos litúrgicos, todas as linhas arquitetônicas. Reproduz em miniatura o conjunto do templo e do universo. É o recinto onde o sagrado se condensa com o máximo de intensidade. É sobre o altar, ou ao pé do altar, que se realiza o sacrifício, i. e., o que torna sagrado (Chevalier e Gheerbrant, 2001, p. 40).

Justamente por ser o Centro onde todas as linhas se encontram e onde se realizam as operações sagradas, ele precisa ser mais elevado em relação ao que o cerca. É a representação do Centro do mundo, onde o celeste encontra o terrestre. Na igreja católica o altar é o local onde o sacerdote realiza a transmutação de pão e vinho em corpo e sangue de Cristo. O altar simboliza o lugar e o momento em que “um ser se torna sagrado” (Ibidem).

Alto, Altura – dimensão cósmico religiosa e antropológica, família ascensional.

A altura é o contrário de baixeza. Simboliza a elevação horizontal do ser em direção aos céus. É um “Símbolo de ascensão e de espiritualização, de assimilação progressiva àquilo que o céu representa: uma harmonia nas alturas” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 40). A menção a tudo aquilo que é alto ou está nas alturas sinaliza a purificação por elevação e tentativa de sacralização do homem moralmente falando. Psicologicamente, alcançar o alto é alcançar o Centro. Simboliza a proximidade com o poder celeste, e associa-se a imagem do Centro por representar um estado de conquista daquilo que esta, inacessivelmente, acima de todos os homens.

Alvo – dimensão antropológica, famílias ascensional e do Centro.

Simboliza objetivo, finalidade, meta, motivo. O alvo está psicologicamente associado a perspectiva de centralidade. Para alcançar seu alvo, você deve, não obstante, centralizar-se em sua meta e necessidade. Portanto, o alvo simboliza o Centro enquanto objetivo.

Amado – dimensão antropológica e cósmico-religiosa, família do Centro.

Aquele a quem se ama, aquele por quem se tem amor. “Na cosmogonia órfica, a Noite e o Vazio estão na origem do mundo. A Noite engendra um ovo, do qual sai o Amor, ao passo que a Terra e o Céu são formados das metades da casca partida.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 46). Nesta ótica, o amado simboliza a figura de nossa outra metade, aquele por quem procuramos durante toda a vida em busca de complemento. O amado daquele que vive na terra,

habita no céu, assim, o homem terrestre passa a vida em busca de sua contraparte celeste, seu amado, e o momento de reunião ocorre, justamente, no Centro.

Amor – dimensão antropológica e cósmico-religiosa, família do Centro e do caos.

O amor simboliza a força dinâmica com a qual o ser busca a reintegração de suas metades em um retorno ao Centro Primordial. De uma perspectiva cósmica, após a explosão que originou o universo e subdividiu os seres, o amor é: “a força que dirige o retorno a unidade; é a reintegração do universo, marcada pela passagem da unidade inconsciente do caos primitivo à unidade consciente da ordem definitiva.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, 47).

Portanto, o amor é a pulsão que direciona os passos do homem em direção a reintegração de nossa consciência original. A fragmentação da consciência humana, alcança o retorno à unidade do ser por meio do amor, este é o elo entre as contrapartes. O amor é a pulsão do retorno, a centelha divina que abriga-se no homem, aquilo que nos faz retornar ao princípio.

A própria imagem cristã de Deus é um símbolo de amor, porque ele amou tanto sua criação que enviou seu filho unigênito à terra para morrer em sacrifício e salvação da humanidade, “para todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). Sendo assim, a humanidade só se manteve, porque foi salva pelo amor, Cristo era esse amor celestial do Pai. A própria criação da humanidade é um ato de amor divino, assim, o amor é a força que permite a existência do ser, é a força que emana do Centro.

Ancião – dimensões cósmico-religiosa e antropológica, família do Centro.

O ancião é o ente mais velho de uma família, casa ou tribo. Referente a ancestralidade, simboliza a figura central de uma comunidade responsável pela tomada de decisões e realização de cerimônias sagradas. O ancião é o guia que leva-nos de volta ao Centro.

Âncora – dimensões cósmico-religiosa e antropológica, família de transformação topológica e ascensional.

A âncora é uma massa pesada, normalmente feita de algum metal, com a função de fixar embarcações grandes no mar a fim de não serem movimentadas pelas ondas ou correntes marítimas. “Em meio à mobilidade do mar e dos elementos, é ela o que fixa, amarra e imobiliza.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 50). Simboliza, deste modo, firmeza, esperança, solidez, salvação, prudência, fidelidade e tranquilidade. É a representação simbólica da parte solida de nosso ser, aquela que nos mantém firmes e prudentes diante das adversidades da vida.

Segundo Tresidder (2003), a âncora adquiriu um simbolismo cristão tanto por sua forma (a parte superior lembra uma cruz), quanto por sua função em oferecer estabilidade, segurança e esperança no mar revolto que é a vida. Quando Jesus caminha sobre as águas e pede que Simão Pedro vá até ele, e o discípulo em um momento de dúvida, medo e incredulidade, acaba

afundando sob as águas, e quando Jesus o salva, passa a simbolizar a âncora de sua vida, a estabilidade do seu corpo e espírito. O Cristo é a âncora da alma pois oferece a segurança da salvação, simboliza, por associação, o abrigo original do ser.

Anima e animus – dimensão antropológica, família ascensional.

Segundo Jung (1998), a alma nem é totalmente consciente nem totalmente inconsciente, comporta em si mesma algo de natural e algo de sobrenatural. Seguindo esta perspectiva, *anima* se constitui como o índice feminino da consciência masculina responsável por intermediar a relação entre o consciente e o inconsciente sempre em direção a uma espiritualização progressiva. Em contraparte, *animus* é o índice masculino da consciência feminina responsável pela mesma mediação em direção ao mundo espiritual. *Anima* e *animus* simbolizam, portanto, o uno, a unidade entre o masculino e o feminino. Representam o justo ponto central do ser.

Antepassados – dimensão cósmico-religiosa e antropológica, família das transformações topológicas.

Ancião, aquele que veio antes. (v. antigo, ancestral, p. 44).

Antigo, ancestral – dimensão cósmico-religiosa e antropológica, família do Centro.

Passado, primórdio, aquele ou aquilo que antecede, que vem antes. O antigo, reveste de um caráter sagrado tudo e todo que assim é chamado, “evoca desde logo uma espécie de elo com as forças supratemporais de conservação.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p.64). Simbolicamente, representa as raízes e a gênese sagrada, o Centro primordial, de onde tudo veio e para onde tudo retorna.

Antiga dama – dimensão antropológica, família do Centro.

Mulher dos primórdios, mulher honrada e sagrada. Simboliza a figura originária da qual viemos, carregada de virtudes e qualidades.

Antigo retrato – dimensão antropológica, família do Centro.

Representação visual original, primordial; o primeiro retrato, a primeira imagem.

Apoteose – dimensões cósmico-religiosa e antropológica, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

A apoteose é uma cerimônia da antiguidade, na qual ocorria a divinização de alguém, é o procedimento cerimonial ou ritualístico que atribui, a alguém, características divinas. Simbolicamente representa o retorno ao Centro, a reaproximação do criador, o retorno ao divino do qual somos originários.

Apogeu – Dimensão cósmico-religiosa, família das transformações ascensionais.

O auge, o mais elevado grau de algo ou alguém. Símbolo do justo momento de reencontro e unificação do ser com o Centro Primordial (ver: Alto, Altura, p. 42).

Árvores – dimensão cósmico-religiosa e antropológica, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

Simbolizam o caráter cíclico da vida, em crescimento, morte e regeneração. Comporta o simbolismo da eterna e progressiva evolução em direção ao céu, sob o princípio da verticalidade. Ainda que, muitas espécies de árvores sejam consideradas sagradas, nem todas são cultuadas sob os princípios da divinização, mas sim por abrigarem em si o espírito e essência de certas divindades. As árvores representam, sobretudo, a conexão vital entre os três mundos: subterrâneo (pela conexão com as raízes), terreno (pelo tronco) e celeste (pela copa e suas folhas).

Essas três partes, podem ainda, retornar ao simbolismo do caráter cíclico da vida, as raízes fincadas a terra representam o nascimento e morte, o mesmo lugar de onde viemos e de onde tomamos nossa força energética é o nosso ponto de retorno e regeneração. O tronco simboliza, além de um crescimento vertical, em direção aos céus, o intermédio entre céu e terra, o percurso da vertical progressão. A copa denota nosso eterno e inalcançável desejo de reencontro com o divino. A árvore é, em todo seu cerne simbólico, a maior representante imagética do ciclo da vida.

A árvore também simboliza o eixo do mundo, o eixo do universo que vai em direção aos céus. Pode representar, no caso da Árvore da Vida, o ponto central de onde emana toda a vida existente.

Asilo – dimensão antropológica, família das transformações topológicas.

Comumente associado a um local de assistência social a grupos vulneráveis, como pessoas com doenças mentais, mendigos, idosos etc., como também pode estar referindo-se ao ato de oferecer asilo, proteção, abrigo, cuidados etc. (ver: Abrigo, p. 37-8).

Astros – dimensão cósmico-religiosa e antropológica, famílias das transformações ascensionais.

Associados a transcendência e luminosidade características do céu. Simbolizam a perfeição e regularidade por conta de seu “matiz de regularidade inflexível, comandada por uma razão natural e misteriosa ao mesmo tempo” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p.95), a da perfeição dos movimentos circulares que, normalmente realizam. Ainda, são símbolos da inacessível e sublime beleza celestial, os astros são representante da força divina que nos criou e, consequentemente, do Centro energético gerador de toda a vida.

Atlântida – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

O continente submerso, o lar da civilização mais bem organizada do planeta, mas que pelas próprias ações do homem, foi afundado no mar e acabou difundindo, um dos maiores mitos de todos os tempos. É a cidade perdida pela ganância do homem em querer ser divino sem o devido merecimento. Atlântida simboliza o paraíso perdido, a cidade ideal, o princípio da divindade que reside em nós e que por nós mesmos é desprezado. É o Centro primordial que ignoramos em virtude de nossa consciência egóica.

A Atlântida mostra também eu os homens, porque desprezaram os mais belos dos bens, os mais preciosos, acabam sempre sendo expulsos do paraíso, que com eles afunda. Acaso isso não será sugerir a ideia de que tanto o paraíso como o inferno estejam basicamente em nós mesmos? (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p.98).

Auge – ver apogeu (p.48).

Azul – dimensão antropológica, família das transformações ascensionais.

Simboliza profundidade, imaterialidade, pureza e frieza. Associada a profundidade do mar e infinitude do céu, a imaterialidade vazia do ar, e dos oceanos. Assim, “o azul é o caminho da divagação, e quando ele se escurece, de acordo com sua tendência natural, torna-se o caminho do sonho.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 107), pelo azul da noite. A profundidade do azul leva a um mergulho no inconsciente celeste, leva o homem a um momento de gravitação solene ainda na Terra. A cor azul simboliza a imaterialidade do Centro.

B

Banco de pedra – dimensão antropológica, família do Centro.

Os bancos, enquanto lugar de assento, podem estar associados ao sentido de repouso, descanso ou até mesmo de poder e superioridade em relação aos demais. Se os associarmos a ideia de cadeira, enquanto assento, seu significado está associado ao mesmo conceito de poder hierárquico que os tronos. Retornando aos bancos, eles podem ser feitos em diversos materiais, mas a menção à pedra, um material rústico, resistente e difícil de ser trabalhado, sinaliza uma referência ao princípio de tudo. O universo era uma pedra até ser esculpido por Deus. O banco de pedra, simboliza, portanto, o descanso primordial, ou até mesmo o repouso de todos os passos dados desde a origem, encontrado somente no retorno ao Centro. O banco de pedra assume o caráter simbólico do lugar onde se encontra o repouso original.

Barqueiro – dimensão antropológica, família do Centro.

Aquele que direciona e comanda o barco rumo ao propósito da viagem. Dentro da cultura Católica, o grande barqueiro de nossa viagem, é Deus, aquele que direciona nossos rumos e acalma todas as tempestades e adversidades no mar da vida. Na obra *O Alto da Barca do Inferno* (1517), de Gil Vicente, o barqueiro da barca do inferno é um demônio enquanto o da barca celeste é um anjo, cada um responsável por guiar o barco a seu respectivo objetivo. No Egito antigo, além de outras divindades presentes na barca, Ísis e Néftis, cada uma em uma ponta do barco, mantém, respectivamente, a mão esquerda levantada indicando o caminho, enquanto a direita carrega uma cruz. O barqueiro simboliza, assim, aquele que aponta o caminho e coordena o barco.

Bastão – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

Assim como o cetro, o bastão simboliza poder sobrenatural concedido divinamente. Deus concedeu a Moises um bastão para lhe conferir a autoridade de pastor de seu povo para guiá-los pelo deserto em direção à Terra Prometida. Quando o Mar Vermelho foi aberto, a pedido de Deus, Moises ergueu seu bastão em direção aos céus e o mar abriu-se em passagem para os Hebreus. “O bastão aparece na simbólica sob diversos aspectos, mas essencialmente como arma, e sobretudo como arma mágica; como apoio da caminhada do pastor e do peregrino; como eixo do mundo.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 123).

Associado ainda aos galhos das árvores, simboliza criação e fertilidade. Ainda no Antigo Testamento, o irmão mais velho de Moises, Aarão, possuía um cajado que floresceu e dele brotarão amêndoas, simbolizando as bênçãos de Deus sobre a tribo de Levi, da qual fazia parte. A “vara de amendoeira” como ficou conhecida, passou a ser sinal de autoridade, esperança na aliança com o Criador, e ainda, foi o sinal de que Aarão era o escolhido para fundar o sacerdócio mediante a rebelião de Corá, Datã e Abirão.

O bastão, cetro ou cajado, podem então, simbolizar, realeza e autoridade, sobretudo concedida por meio divino. É sinal de autoridade, concedido somente a quem é merecedor. É um sinal da fertilidade masculina e ainda o apoio e sustento do peregrino e do pastor.

Berço – dimensão cósmico-religiosa, da família do Centro.

Simboliza o seio materno, é a continuação do útero, lugar de geração, proteção e segurança da vida. O lugar de onde viemos e para onde almejamos retornar, nosso abrigo primordial. O berço é:

Elemento de proteção indispensável, macio e cálido, em nos permanece como recordação das origens, que se traduz nas nostalgias inconscientes do retorno ao útero; seu balanço associa-se à felicidade da segurança descuidosa. Associa-se igualmente à viagem; essa a razão pela qual o berço tem, muitas

vezes, o formato de uma barca ou de uma nacela. Útero que voga ou que voa, e que dá *segurança* na travessia do mundo (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 129).

Branco – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações ascensionais.

Antítese do preto. Carrega uma ambiguidade simbólica em seu cerne, pode simbolizar a soma de todas as cores ou a ausência de todas elas, pode simbolizar o celeste, o sagrado ou o divino; associado às nuvens do céu significa pureza, limpidez e inocência. Em contrapartida, pode associar-se à palidez, covardia, rendição, frio, vazio e a morte. Comumente, a imagem de cavaleiros brancos ou montados em cavalos brancos é referente aos estados de luz, pureza e coragem do cavaleiro. A cor branca é a representação absoluta da luz e os indivíduos ou objetos descritos nesta cor simbolizam um revestimento do brilho supremo.

“O branco é quase universalmente a cor da iniciação, o noviço ou o neófito. A palavra ‘candidato’ deriva do latim significando ‘branco brilhante’” (Tresidder, 2003, p.54). o candidato é justamente o indivíduo a mudar de condição ou estado. Em grande parte das cerimônias de casamento, a noiva deve estar vestida de branco em sinal de seu estado de pureza e virtude. A cor do vestido também simboliza sua situação de mudança de condição. O branco:

coloca-se as vezes no início e, outras vezes, no término da vida diurna e do mundo manifesto, o que lhe confere um valor ideal, assintótico. Mas o término da vida – o momento da morte – é também um momento transitório, situado no ponto de junção do visível e do invisível e, portanto, é um outro início (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 141).

Brilho – dimensão cósmico-religiosa, família da transformação ascensional.

Luz irradiada ou refletida por astros celestes ou divindades. O brilho simboliza o estado de pureza divina de um Ser. O estado de retorno ao Centro.

C

Cabeça – dimensão antropológica, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

É o instrumento da razão e do pensamento lógico e racional. Simboliza o governo do corpo pela força vital ou manifestação espiritual. Algumas culturas compreendem a cabeça como o local onde encontra-se a alma. “Para Platão, a esfera da cabeça representava um microcosmo humano” (Tresidder, 2003, p. 59). O universo particular do homem, lugar de abrigo do consciente e do inconsciente que, em forma circular, simboliza a perfeição da unidade, o eixo central do ser. “A cabeça geralmente simboliza o ardor do princípio ativo.

Abrange a autoridade de governar, ordenar, instruir. [...] Simboliza, igualmente, o espírito manifestado, em relação ao corpo, que é uma manifestação da matéria.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 151).

Cacique – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O cacique é o chefe, ancião ou representante de uma tribo indígena. Pessoa responsável pela tomada de decisões e por presidir as cerimônias ritualísticas da tribo. São símbolo de poder, responsabilidade e realeza, por ser, normalmente, o ente mais velho de uma tribo. Representa a voz da experiência, aquele que tem conhecimentos e sabedoria, simbolizando, também o guia espiritual ou o eixo do espírito.

Cachoeira – dimensões antropológica e cósmico religiosa, famílias das transformações ascensionais, topológicas e cíclicas.

É a união entre *yin* e *yang*, a montanha (ascendente) e a água (descendente). A atividade celestial que desce em correntes para a terra como dádiva e demonstração do poder divino em infinitas possibilidades. “A cascata é (e, neste ponto, chegamos às formações do budismo *tch’an*) o símbolo da impermanência oposto ao da imutabilidade. Embora, como entidade, a cachoeira permaneça, ela não é, entretanto, jamais a mesma.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 160).

A força da queda d’água está relacionada ao desregramento e selvageria do movimento original. Simboliza a necessidade de domesticação e limitação. Mas significa, sobretudo a presença celestial na permanência da forma e mutação da matéria. O divino é sempre divino mesmo que sob formas e possibilidades adversas. Simboliza, acima de tudo um ponto onde o celeste e o terrestre se fazem em um só e se tornam o Centro do mundo.

Caixa – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, família do Centro.

É um recipiente fechado que carrega em seu cerne simbólico o peso feminino de qualquer receptáculo, por associação ao inconsciente e ao ventre materno. A caixa simboliza, também o segredo e o mistério daquilo que está oculto, pois, “encerra e separa do mundo aquilo que é precioso, frágil ou temível. Embora proteja, também pode sufocar.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 164). A caixa simboliza o mistério desconhecido do oculto Centro do ser, daquilo que está misteriosamente guardado em nós.

A caixa de Pandora, na mitologia grega, era o recipiente em que estava guardando o inconsciente e todas as possibilidades destrutivas e construtivas de nossos desejos. A caixa é ainda e, portanto, símbolo da surpresa e da possibilidade.

Cálice – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas e ascensionais.

Espécie de copo utilizado em cerimônias sagradas. Suas principais associações são ao Santo Graal e, obviamente, a Comunhão Eucarística (copo no qual se bebe o sangue de Cristo) na Igreja Cristã. Aparece simbolicamente nas artes e em cerimônias como um emblema de fé e fidelidade ou de soberania. Simboliza ainda, “beber a iluminação ou o conhecimento espiritual, a redenção e, assim, a imortalidade.” (Tresidder, 2003, p.63). O cálice também está associado a tentação, assim como Jesus foi provado no deserto e pediu que Deus afastasse aquele cálice, que era a tentação de Lúcifer. Desta forma, simboliza também a tentação e o pecado.

Calor – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

Associado à luz do sol e do fogo, “O calor é uma potência cósmica, aquela que, de acordo com o Rig-Veda, permite ao *Um* nascer do caos primordial. [...] O que, aliás, não é senão o símbolo da concentração do espírito no coração, em vista do nascimento do *embrião da imortalidade*” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 169).

O calor é, portanto, símbolo da geração da vida, seja no caloroso seio materno ou no calor regenerante da alquimia que transmuta nosso ser; simboliza a força energética encontrada no *Self*. “O calor faz amadurecer, biológica e espiritualmente.” (ibidem), está também associado, segundo Jung (1998), a libido, ao calor do desejo carnal e sexual. O indivíduo que recebe o calor tem suas forças revitalizadas. O calor também é associado como uma característica valorosa em pessoas, por simbolizar simpatia e alegria. Um guerreiro caloroso é, ainda, aguerrido e determinado em seu objetivo.

Campo – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

Geograficamente um terreno plano sem muita vegetação propício à criação de animais ou a atividades agrícolas de plantio. De acordo com o estereótipo atual, o campo está associado a um lugar com desenvolvimento urbano em pequena escala, podendo ser associado ao atraso tecnológico. O campo, sobretudo artisticamente falando, é símbolo de paz e calma e luminosidade causado por um reencontro com a natureza.

Além das práticas de pastoreio, associadas a vida campestre, a agricultura também compõe o cerne desse estereótipo. Recordando o peso simbólico da sementeira, sobretudo nas parábolas do Novo Testamento bíblico, o semeador é Deus e nós somos o campo, a colheita será realizada no Juízo Final e os frutos dependem da fertilidade ou infertilidade do solo de nossos corações. Se formos terra fértil a sementeira trará os frutos necessários para a salvação, mas se nos deixarmos levar por toda iniquidade humana, seremos terra infértil. É justamente no campo da colheita final, que o joio será retirado do meio do trigo para queimar nas fogueiras da iniquidade valorizada na Terra. Desta forma, os campos são a antítese do inferno, simbolizam

o “Paraíso, ao qual os justos têm acesso após a morte.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p.172). Os Campos Elíseos são o paraíso da mitologia grega, por exemplo.

O campo simboliza, portanto, o lugar de reencontro e reconexão com o espírito natural do criador, é o Centro do ser e o eixo entre os mundos. Lugar onde se reestabelece a paz e a leveza primordial. O camponês, por sua vez, sendo aquele que vive no campo, é sempre associado a figura de um homem gentil, pacífico e humilde, virtudes essas, cultuadas, justamente pelo ambiente em que vive. Conquanto, a natureza humana de conquistar e dominar, pode estabelecer ao campo um significado totalmente adverso ao de passividade. As guerras que permearam a história da humanidade, tiveram suas maiores disputas desenvolvidas em lugares que ficaram conhecidos como campos de batalha ou, em decorrência dos conflitos campo dos mortos ou dos vitoriosos.

Todavia, de qualquer maneira, o caos da guerra está associado ao caos da criação. Todo conflito libera quantidades significativas de energia e, segundo Jung (1998), a cosmogênese do universo relaciona-se com este tipo de liberação energética aplicada em organizar o caos e gerar a criação. Esta perspectiva reitera o sentido do Campo como um ponto ou estado central do ser, de onde viemos e para onde retornaremos.

Candelabros – dimensões cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

Simboliza a luz espiritual como raiz da vida e salvação. O candelabro, com todas as hastes de sua estrutura, simboliza a árvore da vida, que se encheu de luz divina em representação ao poder celestial. Feito de ouro, ou em cor dourada, representa também a pureza e preciosidade associadas ao metal. O candelabro simboliza a luz divina que irradia em toda a vida terrena, estabelecendo-se como uma representação do eixo central da vida, a energia que sustenta nosso ser. “O candelabro representa a amendoeira, ou seja, a noz de ouro que se encontra em muitas civilizações.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 174), assim como o cajado de amendoeira de Aarão floresceu e simbolizou o anúncio do sacerdócio e da fertilidade sobre a casa de Levi.

Capitães – dimensão antropológica, família do Centro.

Comandante das forças de guerra, aquele que lidera. A figura alta na hierarquia das forças armadas, soldados e guerreiros. Simboliza poder, comando, organização e força. Por ser o responsável por organizar e coordenar os soldados e seus ataques, simboliza também a sabedoria de guerra vinda de sua consequente experiência. O capitão está em uma posição central de comandante e guia espiritual.

Cara, rosto – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

O rosto é o inconsciente e o consciente desnudos, temporária e incompletamente. É a linguagem silenciosa para o outro, a parte do corpo com a qual o íntimo revela-se fisicamente ao outro. É a identidade, o retrato, o desvendamento do ser. “O rosto, símbolo do mistério, é como uma ‘porta para o invisível’, cuja chave se perdeu.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 791). O rosto é a parte mais importante do homem, pois Deus o fez a sua imagem e semelhança, portanto, ao nos olharmos vemos o Deus ao qual nunca vimos. O rosto simboliza o velar e o desvelar da alma humana, é o misterioso Centro desconhecido que se torna externo.

Carlos Magno – dimensão antropológica, família do Centro.

Ou Carlos, o Grande, foi um rei e imperador, mais tarde canonizado pela Igreja Católica, que governou francos, lombardos e romanos. Com a Queda do Império Romano do Ocidente, no início da Idade Média, Carlos Magno unificou as partes ocidental e central do continente europeu. O Estado Franco governado por ele, deu origem ao Império Carolíngio. Sua menção e alusão simboliza poder governamental e real concedido celestialmente, além de uma menção àquilo que está hierarquicamente acima dos demais, aquele que possui acesso ao Centro.

Carrossel – dimensão antropológica, família das transformações cíclicas.

Simboliza o caráter cíclico de algumas coisas. A vida, exemplarmente, configura-se em um eterno carrossel de partidas e retornos. O movimento giratório configura o formato de um círculo, que é símbolo de unidade. O ato de girar também implica a existência de um Centro do qual se gira em torno, comumente, a estrutura do carrossel possui uma torre central de sustentação posta em direção vertical, o que também implica um sentido de conexão entre céu e terra. O carrossel torna-se um símbolo não do Centro, mas associado a ele porque tenta imitar o mesmo movimento circular que realizamos em torno de nosso Centro energético.

Casa – dimensão antropológica e cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

Além de um sinônimo de estabilidade, segurança e acolhimento, devido a simbologia feminina e materna, assim como o abrigo (ver: p. 37), a casa simboliza também o Centro do mundo, o universo de um homem fora de si mesmo é sua casa. Estruturalmente composta por um telhado, paredes e o piso, ela reúne os três mundos em si mesma. É a cabeça, o tronco e os membros de um homem fora dele. Ainda: “A casa significa o ser interior, segundo Bachelard; seus andares, seu porão e sótão simbolizam diversos estados da alma. O porão corresponde ao inconsciente, o sótão, à elevação espiritual (BACE, 18).” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 197).

A igreja, exemplarmente, é a casa de Deus, lugar de abrigo e acolhimento supremo. O local onde retornamos ao Centro primordial de nossa existência.

Casa do pai – dimensão antropológica e cósmico-religiosa, família das transformações topológicas e ascensionais.

Simboliza a casa original, abrigo primordial o lugar de onde se veio e para onde se retorna. Pode ser também sinônimo de templo, casa de Deus ou habitação divina. O pai visto como uma figura de poder, responsabilidade e sabedoria, abriga seus filhos abaixo de sua casa em sinal de acolhida e compaixão. A casa do pai simboliza lugar de pertencimento.

Em uma das parábolas contadas no Novo Testamento, precisamente no Evangelho de Lucas, Jesus fala de um filho que pede ao pai sua parte da herança a fim de sair de casa e fazer fortuna na cidade, seu pai lhe dá o que é seu por direito, mas o filho perde tudo o que possui e retorna falido. Seu retorno para casa do pai, é uma metáfora ao retorno a uma vida com Deus, perder todas as riquezas simboliza a humilhação em decorrência do pecado. Seu retorno é então celebrado, pois a humilhação o trouxe de volta para o lugar onde pertence originalmente.

A casa do pai é então, o abrigo do espírito, a segurança da libertação, do perdão e da salvação.

Cãs do pai – dimensão antropológica e cósmico-religiosa, família do Centro.

As cãs são os cabelos brancos ou grisalhos comuns aos anciãos de uma casa ou povo. Simbolizam a sabedoria adquirida pela experiência. *Cãs do pai* simboliza, justamente a sabedoria daquele que criou e deu vida. Associa-se ao Centro por simbolizar a sabedoria suprema e divina.

Castelo – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

A construção suntuosa e elevada, comumente construída em locais de difícil acesso (no alto de montanhas, no Centro de florestas densas), é símbolo de segurança, proteção e transcendência ao celeste. Sua localização de difícil acesso lhe confere uma simbologia também de merecimento, sobretudo espiritual. O castelo é a cidade de Deus, difícil de ser alcançada e merecida. Só será digno de chegar ao castelo aquele que realmente estiver disposto à enfrentar as dificuldades para alcançá-lo.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001), a construção, normalmente feita de pedra, é como uma fortaleza e assemelha-se a descrição artística da Jerusalém Celeste, repleta de torres pontiagudas e situada no cume de uma montanha para enfatizar sua inacessibilidade. Simboliza a “conjunção de todos os desejos” (p. 199), a realização do ser, a chegada ao objetivo. O castelo na escuridão é ainda, símbolo do inconsciente, uma imagem construída com a ausência de luz, sinônimo de fortaleza infernal. O castelo branco, antagonicamente, simboliza a presença de luz, o ser consciente, a casa celeste onde se abriga um poder desconhecido e misterioso (ibidem).

Castelão – dimensões antropológicas, família do Centro.

O castelão é uma espécie de zelador ou guarda que faz a segurança do castelo. É aquele que permite a entrada de alguém no castelo. Sua figura está semiologicamente associada ao merecimento ou desmerecimento ao poder que é representado pelo castelo. A figura do castelão associa-se ao Centro à medida que ele se torna o responsável por conceder ou não o acesso ao Centro, ao poder desconhecido que habita o castelo.

Catedral – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

Cede ou igreja principal onde encontra-se a cátedra ou trono episcopal. A catedral simboliza o Centro primordial de tudo. A maior catedral da Igreja Católica é a Basílica de São Pedro, situada no Vaticano, onde encontra-se o corpo do apóstolo Pedro, aquele sobre quem Jesus fundou sua igreja. Desta forma, essa catedral representa o lugar onde tudo começa, é o Centro eclesiástico que guia todas as outras igrejas católicas do mundo.

A catedral simboliza, além de Centro do mundo e do universo, poder eclesiástico e sacerdotal, retornando à Basílica de São Pedro, lá está a cátedra do Papa, que é a figura de autoridade máxima dentro do Catolicismo. A catedral é também a casa de Deus, símbolo de retorno à segurança, proteção e confiança do pai. Simboliza um lugar sagrado em um grau elevado hierarquicamente, onde se encontram as autoridades eclesiásticas da igreja.

Cavaleiro – dimensão antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações ascensionais e topológicas.

Aquele que domina a arte de montar cavalos, é símbolo de domínio do corpo ao abdicar dos desejos da carne por uma causa maior. É símbolo de honra, dignidade, lealdade, compromisso e serviço. O cavaleiro, mesmo não pertencendo as instituições sociais da atualidade, é a representação historicamente concebida, de “um tipo superior de humanidade” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 201) e, desta forma, associa-se ao Centro por representar o estado de quem o conquista.

A interpretação simbólica do cavaleiro, como de toda imagem carregada de significações ocultas, deve levar também em consideração todos os detalhes da representação. Da expressão do triunfo, militar ou espiritual, a imagem do cavaleiro passou a significação de um perfeito autodomínio e do domínio das forças naturais. Jung observa, ao contrário, que a imagem do cavaleiro, na arte moderna, passou a exprimir já não mais a tranquilidade, mas sim um *medo torturante* e um certo desespero, como uma espécie de pânico diante de forças cujo controle o homem, ou a consciência, teriam perdido (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 201).

Portanto, o cavaleiro pode simbolizar não só a honradez de um homem completamente dedicado aos deveres que deve cumprir, mas também ao medo do não cumprimento desses deveres mediante a um controle que não lhe pertence mais. O cavaleiro simboliza o pânico humano em perder o controle sobre seus objetivos, bem como, o estado adquirido por quem possui domínio sobre si mesmo. Ele não simboliza o Centro, mas sim o estado honroso de sua conquista.

Caverna – dimensão antropológica, família das transformações topológicas.

Cavidade profunda que serviu de abrigo à muitos povos nas eras primordiais, é símbolo arquetípico do útero materno. Portanto, é abrigo, acolhida, proteção e berço do nascimento de muitas culturas. O sentido primordial de segurança adquirido com os povos paleolíticos, concede à caverna um sentido de zona de conforto e alienação do qual não queremos sair. Lembremos, exemplarmente do Mito da Caverna de Platão, o homem alienado não quer tomar conhecimento do novo, se o que conhece já lhe é suficiente.

A caverna também é um Centro de energia telúrica, completamente sem luz, por isso desassociada do celestial, assim, está relacionada ao obscurecimento do ser, por ser um símbolo também do Centro espiritual do homem. A caverna é, desde o princípio da existência, um símbolo de desconhecimento da verdade; sair da caverna e de sua escuridão possui peso semelhante a um renascimento em espírito. Entretanto, quando a olhamos como algo semelhante ao útero maternal, entrar na caverna simboliza renascimento e regeneração da vida. Portanto, pode simbolizar tanto o estado de conquista do Centro, quanto o de sua perda.

Cedros do Líbano – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

Símbolo de grandiosidade, perenidade e proximidade ao celestial graças a sua grande estatura. O cedro é considerado a Árvore da Vida para os sumérios, mas os cedros do Líbano tornaram-se “um emblema bíblico de majestade e incorruptibilidade” (Tresidder, 2003, p. 76), um estado acessível somente aquele que já transcendeu este mundo. “O justo brota como a palmeira, cresce como um cedro no Líbano.” (Salmos 92:12). Desta maneira, o justo cresce grandioso e incorruptível em direção ao reino dos céus. Simboliza ainda as bênçãos adquiridas pela nobre obediência a Deus ou um estado adquirido por alcançar o retorno ao Centro original da vida.

Cego rodopio – dimensão antropológica, famílias das transformações topológicas e cíclicas.

Símbolo de instinto, atitude completamente desprovida de racionalidade. O movimento de rodopio associa-se ao movimento dos astros em volta do Sol (astro rei), o que implica a

existência de um Centro em torno do qual se gira. O cego rodopio simboliza, portanto, o movimento instintivo e incorruptível realizado em torno de um ponto energético central.

Ceia – dimensões cósmico-religiosa, família das transformações ascensionais e topológicas.

Associada, sobretudo a última ceia do Senhor, onde Jesus partilha o pão e vinho entre seus discípulos, em anúncio de sua morte. Geralmente é a última refeição do dia, e em muitas tradições é observada como uma festividade, a convenção social da “ceia de Natal”, por exemplo, tornou-se tradição católica para aguardar e festejar o nascimento de Jesus Cristo. Sobretudo nos Estados Unidos da América, o *Thanksgiving*², feriado onde as famílias dedicam-se a preparação da última refeição do dia, na qual, todos estarão reunidos em ação de agradecimento.

Retornando a última ceia narrada na bíblia, Jesus prepara seus discípulos para sua partida e, naquele momento institui a cerimônia Eucaristia, onde ele se fara em alimento para o espírito de seus fiéis e lhes diz: “Fazei isto em memória de mim.” (Lucas, 2:19). A ceia eucarística é realizada em todas as missas, no justo momento em que pão e vinho são consagrados e, em comunhão, o corpo e o sangue de Cristo são partilhados reestabelecendo a aliança divina entre céu e terra. A ceia simboliza, portanto, uma cerimônia sagrada onde reúnem-se os fiéis em sacrifício e comunhão com o divino, a ceia simboliza a cerimônia de retorno e comunhão com o Centro.

Celebração – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

Festa ou ritual onde, alegremente, se celebra algo ou alguém. A missa, exemplarmente, é uma celebração composta por quatro ritos, o inicial, o litúrgico, o eucarístico e o final. Desta forma, o sacerdote que também pode ser chamado de celebrante, revestido da figura de Cristo, prepara, celebra a palavra e o corpo de cristo e abençoa os fiéis respectivamente. A celebração da palavra, por sua vez, é também um ritual católico mais simples, ministrada pelos chamados Ministros da Eucaristia, mas na qual não há a consagração do corpo de Cristo nem a benção final, por serem ritos de responsabilidade somente dos ordenados. A celebração, sendo um rito onde se celebra o sagrado, possui uma simbologia de unificação ou descendência dos céus à terra. A celebração é o momento de encontro e união das contrapartes no Centro.

Celebrante – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

² Ação de graças.

Pessoa responsável por realizar o ritual de celebração. Aquele que foi adequadamente preparado para ministrar todos os ritos de uma celebração. Um sacerdote, ministro, mestre et al. Simboliza poder adquirido por merecimento espiritual, aquele que possui, hierarquicamente o poder de celebrar o divino e, conseqüentemente, nos elevar ao Centro celeste ainda na terra. Simboliza a mediação entre o terreno e o celeste, é o ente através do qual as bênçãos divinas chegam à terra.

Cerejeira – dimensão antropológica, famílias das transformações topológicas, ascensionais e cíclicas.

Entre os chineses a cerejeira é um emblema da primavera e considerada a árvore da sorte e o símbolo da virgindade; suas flores sinalizam a pureza e, por consequência, são emblemas do ideal cavaleiresco de honra e limpidez. A floração das cerejeiras é um dos eventos naturais mais apreciados no Japão, sendo “uma das manifestações mais sedutoras que existem da beleza em seu estado puro” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 222).

Seus frutos são o emblema dos guerreiros samurais, por conta da polpa cor de sangue, que significa o sacrifício em nome de um objetivo maior; e de sua semente dura, em sinal da resistência, força e incorruptibilidade do guerreiro (Tresidder, 2003, p. 78). Ainda, “A flor de cerejeira, efêmera e frágil, que o vento não tarda a levar, simboliza também, no Japão, uma morte ideal, desapegada dos bens deste mundo, e a precariedade da existência.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 222). A cerejeira representa um estado de pureza adquirido somente por aqueles que já transcenderam espiritualmente e encontraram o Centro de si mesmo.

Cervical – dimensão antropológica, família das transformações topológicas.

A coluna cervical é uma parte da estrutura esquelética responsável por ligar o cérebro a todas as partes do corpo, desta forma, todas as células nervosas recebem os estímulos cerebrais que possibilitam o movimento e o funcionamento do corpo. A cervical, por ser uma estrutura centralizada no corpo humano, pode simbolizar o mediador entre a cabeça e o corpo, além de simbolizar um elo de unificação da estrutura e do funcionamento do corpo. A noção de verticalidade do homem, define a coluna como um “símbolo da afirmação do self, o que dá todo o seu sentido aos costumes de prostração e de volta à posição direita do corpo entre homens ou em face de uma representação sagrada.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 265).

A coluna cervical, assim como as colunas de uma estrutura arquitetônica, é a estrutura de sustentação do corpo e o eixo do ser. Dobrá-la simboliza justamente a humilhação ou a humildade, o aviltamento ou a obediência, o afastamento ou a aproximação do Centro. O ser humano dobra a coluna diante do mundo todas as vezes que se permite ouvir seu corpo ao invés do espírito, causando, desta forma, a desonra a si mesmo e ao divino, em contrapartida, todas

às vezes em que o homem escolhe dobrar-se ao seu espírito, demonstra obediência e submissão ao divino.

Cetro – ver: Bastão (p. 47-8).

Céu – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, família das transformações ascensionais.

Universalmente associado ao poder sobrenatural, simboliza elevação espiritual, ascensão, superioridade divina e sagrada, domínio celestial e supremo. O céu é quase unanimemente concebido como o lar do divino criador de todas as coisas, bem como, é uma “manifestação direta da transcendência, do poder, da perenidade, da sacralidade: aquilo que nenhum vivente na terra é capaz de alcançar.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 227).

Biblicamente, Jesus Cristo foi elevado aos céus, em corpo e espírito, onde sentou-se à direita de Deus pai, após ressuscitar dos mortos (Marcos, 16:19). O reino de Deus é enfaticamente citado na bíblia como o Reino dos céus, deixando explícito que o lar do criador está nos céus, de onde emana toda sua glória em bênçãos e correções à humanidade. O céu é também o lugar onde está o Paraíso, a Terra Prometida aos justos e obedientes, o lar de todo aquele que for digno da vida eterna. O céu é comumente aceito como o lugar para onde somos elevados em espírito após a redenção e a morte. O céu é o Centro divino e sagrado para o qual o homem retornará.

O céu é o símbolo complexo da ordem sagrada do universo, que ele revela pelo movimento circular e regular dos astros, e que esconde sugerindo apenas a noção de ordens invisíveis, superiores ao mundo físico, a ordem transcendente do divino e a ordem imanente do humano (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 227-8).

Chão – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas, ascensionais e cíclicas.

Base de sustentação, superfície fértil de onde brota todo o alimento do homem. O chão está associado a terra e ao pó, lugar de onde o criador retirou os materiais que formaram o homem, portanto, associa-se a imagem do Centro por ser o lugar de onde o homem foi retirado e ao qual será devolvido. O chão é a superfície onde se constrói o templo, a casa; é o lugar que sustenta os passos do homem; é o lugar onde se fincam as raízes de uma planta ou árvore. O chão é a base sagrada de toda a existência e o destino final dela. O Centro no qual inicia-se e finaliza-se o ciclo.

O chão de um templo é sagrado, normalmente, feitos de pedra ou algum material que a remeta a solidez e a firmeza do divino. Em algumas culturas, o chão das casas deve ser varrido frequentemente a fim de expulsar as impurezas e maldições. O chão considerado impuro ou

maldito, normalmente está manchado por episódios de brutalidade e violência, além de poder se tornar um ambiente dedicado a realização de sacrifícios pagãos.

O chão possui uma simbologia cíclica de princípio e fim, o solo é o ponto de encontro entre alfa e ômega. O chão, seja pelo retorno ao pó ou por findar em um cemitério, é o lar dos corpos mortos e o berço dos vivos. O chão simboliza, portanto, a regeneração da vida. O solo absorve o fim e possibilita o novo princípio do eterno retorno.

Chave – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

Abertura ou fechamento, descoberta ou segredo. A chave “é ao mesmo tempo um papel de iniciação e de discriminação, o que é indicado com precisão, pela atribuição das chaves do Reino dos Céus a São Pedro.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 232). A chave possui o poder de velar ou desvelar um poder superior e oculto, contudo, está associada a um critério de merecimento celeste. A chave está associada a ideia de cofre, compartimento ou porta secreta, ela é o elemento que impossibilita a acessibilidade daqueles que não são dignos de recebê-la.

O Paraíso, exemplarmente, perdido pelo pecado humano e por isso inacessível ao homem, seria a cidade celeste cujas portas foram lacradas por uma chave celestial que só será dada àqueles que se redimirem em espírito e verdade. A chave, “segundo a terminologia alquímica, é o poder de coagular e de dissolver” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 233). Quem possui a chave possui, simbólica e efetivamente, o poder divino de tornar acessível ou não, é aquele que possui o poder e responsabilidade de decisão sobre os demais. “No plano esotérico, possuir a chave significa ter sido iniciado. Indica não só a entrada num lugar, cidade ou casa, mas acesso a um estado, morada espiritual, ou grau iniciático.” (ibidem).

A chave simboliza, portanto, um estado de poder e responsabilidade espiritual sobre o outro, mas também, sinaliza a entrada iniciática no mistério do Centro sagrado.

Chefe beduíno – dimensão antropológica, família do Centro.

Símbolo de liderança. É líder, ancião ou responsável pela tribo de andarilhos. Aquele que toma as decisões sobre os demais peregrinos. Desempenha um papel semelhante ao de um pastor ou guia espiritual. É aquele que possui o conhecimento e experiência para guiar o retorno ao Centro.

Cidades – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

As cidades simbolizam a estabilização, sedentarização e organização dos povos nômades. Um pensamento da Idade Média era o de que o homem é um peregrino entre a cidade de baixo e a cidade de cima, seu caminho está sempre direcionado ao reino celestial. A cidade também apresenta um princípio feminino e maternal de segurança, acolhimento e limitações.

As caravanas representavam a instabilidade e a insegurança de um caráter cíclico, os acampamentos eram assentados somente para poderem retornar a estrada descansados, por isso o teto das tendas era, normalmente, um círculo, para denotar o movimento de eterno retorno e do conseqüente eterno caminhar.

As cidades e as casas, por sua vez, são construídas em uma estrutura e formato quadrado, o que simboliza a estabilidade e a fixação na terra. “Também é por esta razão que o Paraíso é redondo e tem relação com o simbolismo vegetal, enquanto a Jerusalém celeste, que encerra o ciclo, é quadrada e mineral” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 238). Ainda, tanto no Novo quanto no Antigo Testamento, as cidades são descritas como entes personificados, no livro de Gálatas (4: 26), por exemplo, Jerusalém é tida como a mãe estéril. Dessa forma “A cidade de cima gera através do espírito, a cidade de baixo através da carne; tanto uma quanto a outra são mulheres e mães.” (ibidem).

Assim, uma **cidade libertada**, simboliza não só um povo liberto de quem quer que sejam seus algozes, mas também uma mãe liberta para seus filhos. Por sua vez, uma **cidade soterrada**, simboliza uma civilização perdida e apagada pela terra. O soterramento de cidades pode ser semelhante ao afundamento, assim como Atlântida, por castigo divino, deste modo, a desobediência dos filhos destrói junto, sua mãe. Ainda, a oração do Ofício da Imaculada Conceição composta por volta do século XV, menciona a Virgem Maria como a cidade do Altíssimo e uma fortaleza impenetrável.

Sois terra bendita e sacerdotal
Sois da castidade, símbolo real
Cidade do Altíssimo, porta oriental
Sois a mesma graça, Virgem singular
Qual lírio cheiroso entre espinhas duras
Tal sois vos Senhora entre as criaturas
[...]
Deus vos salve cidade de torres guarnecida
De Davi com armas bem fortalecida
De suma caridade sempre abrasada
Do dragão a força foi por vós prostrada
(Comunidade Shalom, 2021).

Cimo – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, família das transformações ascensionais.

A parte de cima, o topo, o ponto mais alto de algum lugar. O cimo está simbolicamente associado a grandes alturas o que lhe confere um simbolismo de inacessibilidade, celestialidade, poder, grandiosidade e majestade. O cimo pode ser associado a imagem do céu, por exemplo, o céu está sobre nós e abriga as mais poderosas divindades espirituais. O cimo ou cume,

simboliza, desta forma, o topo do mundo, o lugar mais próximo aos céus, o Centro celestial ainda na terra, lugar de difícil acesso aos mortais.

Ciranda – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

Tipo de dança popular que acontece normalmente, em comunidade. A ciranda ou brincadeira de roda, é comum entre o público infantil, mas não restringe idades nem qualquer outro aspecto. As pessoas formam um círculo e de mãos dadas giram e cantam cantigas populares na cultura oral ou folcloricamente.

Simbolicamente ela pode enveredar por dois caminhos possíveis, o primeiro é o ritualístico ou cerimonial. O fato de ser uma dança cultural pode lhe envolver em um cerne simbólico ritualístico, tendo em vista que em muitas culturas e mitologia as danças de roda são feitas em adoração ou evocação de alguma divindade. O segundo caminho é o de estar representando um movimento cíclico e circular realizado pelos astros em torno do sol, o que simula a existência de um centro em torno do qual o homem também gravita ou deveria gravitar. A perspectiva cíclica ainda se alia a constante renovação da vida, aludindo ao eterno retorno ao Centro primordial.

Círculo – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas, ascensionais e cíclicas.

Considerado a forma perfeita, simboliza a unidade e a sincronia imperturbável do universo. Um dos símbolos fundamentais ao lado do Centro (arquétipo que também engloba o círculo), o quadrado e a cruz. Todos estes símbolos aludem a um caráter primordialmente centralizador da vida, mas a diferença deles para o círculo, é que eles estão associados a existência de dois polos opostos que mesmo distintos caminham um em direção ao outro, o círculo denota justamente a falta de distinção e divisão entre as coisas, ele é proporcionalmente, perfeito, homogêneo e imutável. O círculo é o grande símbolo do eterno retorno que configura a unidade do ser e da vida.

O círculo simboliza também o céu, por representar o movimento dos astros, mas também por denotar a pulsão humana de sempre buscar um retorno a casa divina de onde veio. O círculo simboliza o movimento de *Ômega* a *Alpha*, é o fim que sempre retorna ao princípio. O círculo simboliza também o invisível, porém existente elo indissolúvel entre o céu e a terra representados pela aliança celestial.

Cocar de penas – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas e ascensionais.

O adorno de cabeça utilizado pelos povos indígenas de algumas partes da América, simboliza um status elevado hierarquicamente dentro da tribo. São utilizados, normalmente,

pelos homens, sobretudo, ancestrais que presidem as principais cerimônias da tribo. Segundo a Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas), tendo se tornado um dos principais ornamentos utilizados pela tradição indígena no Brasil, o cocar possui uma força simbólica muito importante nessa cultura, mas que pode diferir de etnia para etnia.

Segundo as crenças da etnia Haliti-Paresi, do Mato Grosso, as cores fortes e diversas são como escudos usados para rebater as energias negativas e os espíritos ruins que tentam desvirtuar o objetivo e o foco dos caminhos do homem indígena (Funai, 2022).

Além da coloração das penas, há também a coroa do cocar que simboliza a necessidade de manter-se centralizado em seus pensamentos e ações, além disso, “as pontas simbolizam que o homem precisa ter flexibilidade como pessoa, e o formato aberto do cocar retrata a busca por novos conhecimentos e experiências.” (Funai, 2022). O cocar, portanto, permite ao homem uma conexão flexível e respeitosa com o mundo, sobretudo espiritual. Segundo a etnia Fulni-ô, fixada no estado nordestino de Pernambuco, além de ser um elemento extremamente pessoal, “o cocar é a conexão do guerreiro com o grande espírito e deve ser utilizado somente pelos homens.” (Funai, 2022).

O cocar simboliza, portanto, além de sinal de poder real, a conexão espiritual estabelecida com quem nos concede todo o poder, ou seja, é a conexão com o mundo espiritual do qual viemos e para o qual retornaremos.

Cofres – dimensão antropológica e cósmico-religiosa, família do Centro.

Caixa, recipiente ou estrutura onde se guardam coisas preciosas. O tabernáculo, sendo uma estrutura onde se guardava e carregava a Arca da Aliança, citada no Antigo Testamento, seria uma espécie de cofre onde estava guardada a aliança de Deus com o povo de Israel, sendo, desta forma, o cofre do grande tesouro celestial para povo israelita, era o suporte da Presença Divina. “O simbolismo do cofre tem por base dois elementos: o fato de nele se depositar um Tesouro material ou espiritual; e o fato de que a abertura do cofre seja equivalente de uma revelação.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 262). Assim, o cofre é o lugar onde se encontra o Centro sagrado do ser, que, após aberto, terá o poder revelador e transcendente sobre quem o conquistar.

Colunas – dimensões antropológica e cósmico religiosa, famílias do Centro e das transformações topológicas.

Simboliza estrutura, solidez, segurança, eixo de sustentação. A coluna é um elemento de extrema importância na arquitetura e na construção por oferecer estabilidade e suporte a

todos os elementos da estrutura. “A coluna, com a base e o capitel que, em geral, o acompanham, simboliza a árvore da vida. A base indica a raiz; o fuste, o tronco; e o capitel, a folhagem, o que explica o emprego popular da palavra para designar o falo ereto.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 265). Seu sentido de verticalidade também denota a oposição direcional entre os mundos de cima e o de baixo, mas sobretudo, denota a sustentação humana sempre vinda do meio celeste, ou ainda, um lembrete de que a força humana sempre vem do alto.

Coluna vertebral, dorsal – ver: Cervical, p. 58.

Compasso – dimensão antropológica, famílias das transformações topológicas e cíclicas.

Esse instrumento é utilizado para traçar medidas e circunferências em torno de um ponto central. Portanto, está simbolicamente associado à localização e orientação geográfica em torno de um ponto central, desse modo, denota um tipo de auxílio orientador que permite ao homem, retornar ao Centro de si mesmo. Em outra perspectiva, o compasso e o esquadro são capazes de desenhar a forma perfeita de um círculo e um quadrado, o que o torna símbolo da perfeição da forma e de uma orientação para perfeição do ser. Notavelmente, independente do contexto, o compasso está associado a uma capacidade orientadora que permite ao homem a chegada ao seu objetivo final, simbolizando também, o pensamento racional.

Numa linguagem literária – e até certo ponto convencional –, o compasso é considerado entre nós como o emblema das ciências exatas, do rigor matemático, por oposição à fantasia imaginativa, à poesia. As noções de regra e régua, de retidão, direitura, estão também na base do **kuie** chinês.

E, no entanto, quer no esoterismo ocidental, quer na China antiga, o compasso – geralmente associado ao esquadro – é um importante símbolo cosmológico, uma vez que serve para medir e para traçar o círculo, enquanto o esquadro serve para traçar o quadrado. É no esquadro e no compasso, dizem os legistas, que está a perfeição do quadrado e do círculo (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 268).

Conquista – dimensão antropológica e cósmico religiosa, família das transformações ascensionais.

O objetivo final, simboliza a vitória de todas as adversidades. A conquista é o ponto central da jornada do herói, é a chegada ao topo do monte, a entrada triunfante no castelo e o alcance do Santo Graal, é a vitória triunfante sobre o inimigo. A conquista é a ordem reestabelecida após o caos. A existência e a criação são as grandes conquistas de Deus e do universo. Simboliza o efetivo retorno ao Centro.

Coração – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, família do Centro.

O principal órgão do ser, aquele que bombeia, por seus afluentes, o líquido que mantém o corpo: o sangue. Simboliza, em uma perspectiva generalizante, mas precisa, o Centro vital do indivíduo e o pulsar involuntário do ser.

Se o Ocidente fez do coração a sede dos sentimentos, todas as civilizações tradicionais localizam nele, ao contrário, a inteligência e a intuição: talvez o centro da personalidade se tenha deslocado da intelectualidade para a afetividade (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 280).

O coração é o lar do espírito, é o lugar onde a racionalidade da carne é substituída pela sensibilidade da alma. O coração é o inconsciente do ser. Também simboliza a honra e a pureza do cavaleiro, cujas melhores virtudes carrega em seu coração. No islamismo, o coração que demonstra fidelidade ao criador, torna-se seu trono majestoso. Este órgão central do ser, é o templo divino de Deus no homem, a parte que o liga ao princípio de sua existência individual, o ponto original para o qual o homem retorna em sua jornada espiritual.

Se a igreja cruciforme se identifica com o corpo do Cristo, o lugar do coração é ocupado pelo altar. Diz-se que o Santo dos Santos é o coração do Templo de Jerusalém, ele mesmo coração de Sion (Sião), que é, como todo centro espiritual, um coração do mundo (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 281).

“O duplo movimento (sístole e diástole) do coração faz dele, ainda, o símbolo do duplo movimento de expansão e reabsorção do universo.” (ibidem). O coração é, portanto, também um símbolo de princípio e fim da vitalidade que ele preserva pulsante. É o Centro divino do ser, o *self*, para onde tudo retorna.

Cordilheira – dimensão antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

O conjunto de montanhas associado à sua grandiosidade, concede a cordilheira o símbolo de eixo do mundo, lugar próximo ao céu e, portanto, sagrado. A cordilheira associa-se a imagem do Centro porque seu cume está próximo ao grande Centro divino, consequentemente, subir a cordilheira é o caminho que leva em direção ao Centro, do mesmo modo, sua descida sinaliza o afastamento em direção ao mundo inferior. (ver: Alto, Altura, p. 41-2; Cimo: p. 61).

Corpo menor – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas.

O corpo não é associado a nenhuma representação do Centro, a não ser a de ser o principal responsável pelo afastamento humano por meio do desejo. O corpo é considerado o germe corruptor do espírito, é através da carne que o homem peca contra si e contra o criador. O

corpo menor, por sua vez, está associado a alma, é o corpo que esta oculto dentro do corpo externo e maior. O corpo menor menciona uma infantilidade inocente, pura e ingênua dentro de nós mesmo. Este é o eixo central para o qual se retorna, é o estado alcançado com a chegada ao lar original.

Corredores – ver: Labirinto, p. 78.

D

Danças – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações cíclicas.

As danças sagradas são consideradas um meio de comunicação com o Centro original. Em algumas cosmogonias, a criação do universo surge através do som e da dança de alguma divindade. Segundo a mitologia hindu, por exemplo, o mundo foi criado através da dança de Shiva Natajara, que é o deus da dança. E do mesmo modo que foi criado pode também ser destruído.

Todas as culturas antigas possuíam as suas danças sagradas. O homem dançava porque através da dança ele reestabelecia a comunicação com o Centro, com a energia do tempo primordial, na qual o mundo surgiu pleno de força. Dançar, no contexto sagrado, era vivenciar o momento cosmogônico, um meio de restaurar o contato com as potências primordiais da criação (Cavalcanti, 2008, p. 175).

A dança é, por assim dizer, o meio pelo qual o homem reestabelece-se no Centro energético de si mesmo. É o caminho pelo qual se retorna à origem do ser, ao momento do encontro unificador entre o princípio e o fim, entre corpo e espírito. Por intermédio da dança se estabelece a ordem unificadora que põe fim ao caos e a animalidade do ser. “Dançar, criar e ordenar tem o mesmo significado simbólico de estabelecimento de harmonia e corresponde a expressão da Beleza e do Bem do Espírito.” (ibidem, p.176).

A dança é a parte essencial da cerimônia de unificação entre *Animus* e *Anima*, entre *Alfa* e *Ômega*, entre o masculino e o feminino do ser. Dançar é a parte que antecede o casamento que simboliza o Centro.

Deserto – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e cíclicas.

O deserto assemelha-se ao labirinto sob a perspectiva de que representam um caminho difícil ou um estado de perdição do ser. Estar no deserto é o momento em que se domestica o corpo para que se encontre com o espírito. Suportar o deserto é a experiência necessária ao homem para que ele alcance a transcendência e um estado superior de sua consciência, assim, o deserto é o meio pelo qual se prova o seu merecimento de acessar o poder contido no Centro.

Em algumas passagens tanto do Antigo quanto do Novo Testamento bíblico, o deserto é citado como um lugar de provações e sofrimento, mas também, como um passo necessário para a salvação do homem. Dentro de uma perspectiva cristã, atravessar o deserto é uma penitência repetida anualmente no período quaresmal. Esse rito, sobretudo, católico, tem por finalidade imputar ao corpo as mesmas provações que Jesus passou ao permanecer quarenta dias no deserto, onde foi tentado por Satanás, “Durante quarenta dias, sendo tentado pelo Diabo. E naqueles dias não comeu coisa alguma; e terminados eles, teve fome.” (Lucas, 4:2).

Ainda remete aos quarenta anos que o povo Hebreu, guiado por Moises, passou no deserto antes de chegar à Terra Prometida, como castigo divino por sua incredulidade (Números, 14, 29-34). O deserto é, então, um momento e um local de purificação do espírito para que haja o merecimento da salvação e do consequente retorno ao Centro divino. Até mesmo a areia está associada ao sentido de limpeza, visto a escassez de água em regiões desérticas, os povos originários dessas áreas, utilizavam a areia como um método de limpeza. Passar pelas areias do deserto atribui ao homem um estado de limpidez, pureza, honra e merecimento divino.

Desfiladeiro – (ver: Abismo, p. 36-7).

Deuses, Divindades – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, família ascensional.

Os deuses são as figuras supremas de todo o universo. Eles estão hierarquicamente acima de todos os seres existentes, porque deles nos foi dada a existência. Em qualquer tipo de cosmogonia ou mitologia, existe uma força suprema capaz de criar, destruir, governar e ordenar o universo, essa força energética da qual emanou toda a criação, é atribuída a uma ou mais divindades que são, consequentemente, o Centro primordial de onde tudo vem e para tudo retorna.

Independentemente da mitologia aceita, o homem necessita estar alienado a um Centro divino que funcionará como o guia de sua jornada. Quando o homem se perde do Centro ele está em um estado de dormência e alienação ao mundo e às necessidades de sua consciência egóica, nestes casos o homem toma como Centro a carne ou o corpo e não o Espírito Divino que lhe habita. Nesses momentos, o auxílio divino de algum deus é um fator determinante para o processo de despertar desta alma.

Em algumas mitologias cada divindade é responsável por algum setor que influencie a vida humana ou por algum elemento da natureza. Os orixás, por exemplo, são as divindades cultuadas, sobretudo, pela religião Iorubá e por algumas outras religiões de matriz africana. São divididos entre os masculinos e os femininos, cada um representado por um elemento da natureza e responsável por auxiliar a harmonia da humanidade em algum aspecto específico.

Na mitologia grega, um outro exemplo, o Olimpo seria o Centro onde todos os deuses se reúnem e observam a vida na terra, cada um tomando para si suas responsabilidades, Zeus é o deus dos raios, Poseidon é o deus dos mares, Athena é a deusa da sabedoria e da justiça et al. Conquanto, mesmo com cada um representando uma especificidade ou condensando o todo em si mesmo, os deuses simbolizam o Centro de toda energia suprema, são a fonte da fertilidade e os provedores de toda a vitalidade do universo.

E

Éden – dimensão cósmico-religiosa, família ascensional.

É o paraíso da plenitude humana. Um lugar paradisíaco que representa um estado espiritual de plenitude, limpidez e honra. Este é de fato, um dos símbolos que mais associa-se à imagem do Centro original por ser o lugar onde Deus deu vida ao homem e à toda a criação. O Jardim do Éden é a representação de toda a perfeição primordial, um ambiente que reflete a harmonia imperturbável do universo e do homem em seu estado de totalidade e unidade em corpo e espírito.

O paraíso representa o fatídico momento em que o homem não tem sobre si a consciência corruptível de sua carne, seu corpo é somente o templo do Espírito. E no Éden, “a claridade e a primavera são eternas e o clima é sempre ameno, o homem não sofre com as mudanças naturais, pois vive numa relação harmoniosa com a natureza.” (Cavalcanti, 2008, p. 85). Esse jardim simboliza o lugar e o estado de salvação, é a Terra Prometida após a longa estadia no deserto, é o lugar em que o homem foi criado e para o qual ele, merecidamente irá retornar.

Na tradição judaico-cristã, o paraíso é apresentado como um jardim, o Éden no qual Iajé colocou o primeiro homem, Adão, e depois a primeira mulher, Eva, formando o casal primordial. O paraíso bíblico encontra-se no Centro do mundo e, de acordo com uma tradição sírio-cristã, estava localizado no alto de uma montanha. O estado de totalidade é representado pelo casal primordial, Adão e Eva, vivendo em perfeita harmonia e integração (Cavalcanti, 2008, p. 85).

Desta forma, o Éden, condensa em si toda a essência do Centro, tanto por ser o lugar da criação, o lugar no qual as contrapartes do ser estabelecem-se em Unidade (homem e mulher, animus e anima, alfa e ômega et al), quanto por representar o estado de limpidez humana acessível somente àquele que transcendeu ao *Self*. O Éden é o ponto no qual o homem se unifica

e se separa de si mesmo, é o momento em que princípio e fim se encontram pelas rotas perfeitas do eterno retorno, é o Centro energético de tudo.

Foi a partir dessas concepções simbólicas a respeito do Paraíso que os Jardins espalhados pelo mundo passaram a ser associados e construídos com o intuito de reestabelecer a conexão primordial entre o homem e a natureza. O jardim associa-se a simbologia de paz, harmonia e amenidade, justamente para lembrar o homem de que ele possui um Centro unificado e sagrado para o qual deve retornar. A imagem do jardim é, simbolicamente a representação de toda a segurança, acolhimento e felicidade originais do Jardim do Éden.

Encontro – dimensão antropológica, famílias das transformações ascensionais.

O encontro não condensa em si toda a semiologia do Centro, mas é no Centro que o encontro acontece. Não estamos falando de um simples ato de encontrar-se, mas sim, do justo momento de unificação entre as contrapartes, o encontro é o fatídico momento em que a cerimônia de casamento entre princípio e fim acontecem. O encontro é o momento em que a totalidade do ser e do universo acontecem.

Espiral – dimensão antropológica, família das transformações topológicas.

A espiral é a manifestação do movimento circular da natureza, seja pelo movimento dos astros, seja pelas transformações cíclicas, seja pela lei do eterno retorno do princípio ao fim. A espiral denota um movimento circular que parte de um ponto central, e que, para ele retorna. Para muitos povos do continente africano “a espiral ou o helicóide simbolizam a dinâmica da vida, o movimento das almas na criação e na expansão do mundo.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p.399).

A espiral é o símbolo do movimento tanto de separação quanto de retorno e unificação com o Centro. É “Como uma linha aberta e flutuante, ela sugere a extensão, a evolução e a continuidade.” (O’Connell, Airey, 2011, p. 232) o movimento realizado por todo ser vivo que quando nasce, aparta-se de sua Unidade e quando morre retorna a ela. Ainda, a famosa Espiral de Fibonacci é conhecida como a “assinatura” universal do criador. A proporção áurea encontrada na natureza, um padrão que simboliza a perfeição da criação. Essa sequência também se torna um símbolo do Centro à medida em que apresenta-se como um número irracional e infinito, assim como o Centro, indefinível e imensurável.

Esposo – ver: Amado, p. 42.

Eternidade – dimensão cósmico-religiosa, família ascensional.

É tudo aquilo que não possui delimitação de tempo. A eternidade é o tempo em que todos os outros tempos estão unificados, é o Centro temporal e atemporal de todas as coisas.

“A eternidade representa a infinidade do tempo independente de toda contingência limitativa: é a afirmação da existência na negação do tempo.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 409).

A eternidade é o lugar e o estado para o qual o homem retornará no fim da vida. A imagem do jardim do Éden é constantemente associada a ideia de eternidade e a perspectiva de que no princípio, o homem, feito a imagem e semelhança de Deus, possuía a imortalidade e consequentemente, estava inscrito na eternidade. Dessa forma, ser eterno é a condição e o estado primordial do homem, algo que lhe foi tirado como punição pelo pecado original. O homem vem ao mundo mortal, justa e exclusivamente, para passar por provas e comprovar seu merecimento de retornar à eterna unidade.

Excalibur – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

A espada do Rei Artur é lendária nas histórias do Ciclo Arturiano. Essa espada concedia, a quem a empunhasse, poderes mágicos ou ainda a soberania sobre a ilha da Grã-Bretanha no Reino Unido. Em alguns casos, Excalibur é descrita como a espada fincada na pedra, inclusive esta é uma das concepções mais férteis, sendo aquela que só pode ser retirada da rocha pelo legítimo rei da Bretanha. Em uma outra concepção, a verdadeira Excalibur é a espada que a Dama ou Senhora do Lago, a mais importante e poderosa sacerdotisa de Avalon, entregou a Artur como confirmação de sua linhagem real. Independente da concepção adotada, a espada mágica tinha o poder de comprovar a linhagem nobre e, consequentemente, merecedora do rei.

Essa espada simboliza, não o Centro, mas o merecimento de chegar a ele. É um símbolo irrevogável de pureza, honra, nobreza, coragem e merecimento divino. Todas as espadas possuem uma forma semelhante à da cruz o que a estabelece como, no mínimo, uma menção ao eixo do mundo. O cavaleiro, guerreiro ou soldado que a conquista, é merecedor do Centro do mundo.

F

Faraós – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

O faraó é a figura suprema de poder governamental e hierárquico do antigo Egito. Os Faraós são considerados as figuras divinas na terra, seu poder sobre os demais era considerado uma bênção de ordem divina. Os faraós não representam uma menção direta ao Centro do ser ou do universo, mas representavam as figuras que, hierarquicamente estavam no Centro do universo. Em decorrência desse poder divinamente concedido, eles eram considerados a imagem e semelhança das divindades que adoravam.

O faraó é o símbolo do homem que adquire a supremacia através do mérito e da proximidade com o divino. É, assim como um rei, a figura central de uma nação, aquele que

toma as decisões e estabelece a ordem após o caos. A supremacia do faraó lhe concede uma simbologia de guia espiritual.

Fogo – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

O fogo é o elemento natural que consegue associar-se tanto ao material quanto ao imaterial. O modo como ele surge, através de meios naturais e a forma que ele assume, sobretudo a chama, representa o imaterial, é a representação elementar da alma e do Espírito. Após a morte de Jesus Cristo, no dia de Pentecostes, estavam seus apóstolos e sua mãe, Maria, reunidos quando o Espírito Santo desceu sobre eles como fogo.

Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem (Atos, 2: 1-4).

O fogo é, desta forma, uma força energética que aquece e ilumina o homem, uma energia transformadora e vitoriosa. Em uma das orações católicas mais famosas em honra ao Espírito Santo, ele é mencionado como “alma de minh’alma”. Assim o espírito e, conseqüentemente o fogo, são a alma de nossa alma, o Centro energético de nosso ser.

Fonte – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

A fonte é o símbolo sagrado do Centro dos Centros. É o ponto do qual emana toda a vitalidade presente no mundo, é o ponto que concentra toda a energia cosmogônica do universo. É a imagem mais semiologicamente adequada para representar o reservatório de toda a força celestial, é além de energia geradora, um ponto regenerador e revitalizador do ser. Esta imagem está comumente associada a presença de água, o elemento que cria, mantém e absorve a vitalidade do homem. A fonte condensa o princípio da vida, da morte e da ressurreição.

Como uma expressão simbólica do lugar de fruição da matéria-prima do cosmo, a fonte concentra a ideia da totalidade virtual criativa que pode vir a se atualizar no mundo fenomenal. A fonte é o Alfa e o Ômega, o ‘Centro dos Centros’, a força inesgotável que da origem e mantém toda a vida (Cavalcanti, 2008, p. 113).

Segundo Cavalcanti (2008), em destaque ao caráter numinoso da fonte, ela é normalmente descrita ou representada como uma centelha de luz, ou um reservatório de luminosidade que está associada ao poder celeste. A fonte é o Centro energético de todo o universo. No evangelho de João, é narrado um episódio em que Jesus passa pela Samaria e pede

água a uma samaritana que estava no poço. Ao ter seu pedido negado, Jesus afirma que se ela o conhecesse teria lhe pedido água e não o contrário, pois: “Quem beber desta água terá sede outra vez, mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se trará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (João, 4: 13-14).

Neste fatídico episódio, Cristo põe-se como a fonte de vida eterna, o reservatório divino que concede a outros o poder de também chegar à eternidade e acessar o sagrado. Aquele que se abastece do poder divino, torna-se ele mesmo, uma afluenta desta fonte e deste poder numinoso.

Fortaleza – dimensões antropológica e cósmico religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

Semelhante ao sentido de abrigo, a fortaleza, sendo uma construção voltada à proteção, está associada a segurança concedida pelo refúgio primordial. A primeira fortaleza do homem é o ventre materno, ao ser colocado no mundo o homem perde essa segurança original e passa sua vida buscando o retorno a ela. Em uma concepção cristã, Deus é o refúgio e fortaleza do homem, aquele que busca o refúgio do Altíssimo e abriga-se à sombra do Onipotente, possui uma fortaleza inabalável, pois está abrigado no e pelo Centro dos Centros. A fortaleza é o Centro do ser, aquela que não o permite ser abalado. É um lugar ou estado de harmonia e ordem imperturbável do ser.

G

General – ver: Almirante, p. 41; Capitães, p. 52.

Glória – dimensão cósmico-religiosa, família ascensional.

Estado e sentimento de vitória, celebridade, honra e poder adquirido por meio de virtudes, dons ou realizações importantes. A glória é o comum sentimento ou estado de um soldado ou nação que vence uma guerra. É o estado sagrado daquele que alcança por mérito próprio, o poder supremo e divino. Biblicamente, a glória divina está associada a uma perspectiva de luminosidade e brilho do poder supremo. Esse versículo do livro de Apocalipse retrata a Virgem Maria sob a glória de Deus: “Ela resplandecia com a glória de Deus, e o seu brilho era como o de uma joia muito preciosa, como jaspe, clara como um cristal.” (Apocalipse, 21:11). Assim, a glória é o poder e a essência divina e celeste que resplandece sobre aquilo que é sagrado. A glória associa-se ao Centro sob a perspectiva de que o estado de glória e seu resplandecer divino, só são acessíveis àqueles que conseguirem retornar ao Centro primordial e sagrado de si mesmo.

Graal – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

O Santo Graal ou Santo Cálice, era o artefato considerado, sobretudo na Idade Média, sagrado, por ser, supostamente, o cálice usado por Jesus Cristo na Santa Ceia, e com o qual, José de Arimatéia recolheu o sangue de Jesus durante sua crucificação. Desde então, passou a ter sua simbologia associada ao banquete celeste, à morte de Cristo e à instituição da Eucaristia.

Os Cavaleiros da Távola Redonda, das lendas do Ciclo Arturiano, foram guerreiros que, constantemente enfrentavam grandes adversidades em busca da conquista do Santo Graal que teria o poder de reestabelecer a prosperidade de Camelot em um tempo de desgraça e escassez. O objeto tornou-se, desde então, um arquétipo comum em lendas e fábulas mitológicas, nas quais o herói arrisca-se em busca da conquista preciosa do Cálice sagrado. Encontrar o Santo Graal é embarcar em uma jornada em busca da perfeição e simboliza, portanto, a chegada ao Centro Sagrado.

Em uma perspectiva semelhante, os hindus possuem o Soma, a bebida dos deuses, na qual está contida a perfeição da unidade e a imortalidade. Conforme o Rig-Veda, aquele que bebe o Soma, alcança a existência independente da temporalidade e tem acesso aos deuses (Cavalcanti, 2008). De modo semelhante, aquele que alcança o Santo Graal possuiria um poder, até então oculto em si mesmo, mas que o enfrentamento heroico necessário à sua conquista, lhe permitiu revelar.

Os alquimistas representam de diferentes formas o bem precioso árduo que se busca conseguir. Entre essas ideias simbólicas, a mais frequente é aquela que se refere ao tesouro oculto na matéria escura, o ouro filosófico que só pode ser obtido através de um intenso trabalho de transformação interior do adepto ou iniciado (Cavalcanti, 2008, p. 154).

Desta forma, o Santo Graal simboliza o Centro dos Centros, e a jornada em busca da perfeição eterna. O Santo Graal é a eternidade, o sagrado, o Centro energético, o banquete celeste que celebra o retorno do filho à casa do pai.

Grande círculo – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e cíclicas.

O círculo é a forma associada a perfeição do cosmos, a perfeita unidade do universo. É o formato do movimento incorruptível dos astros. O Grande círculo refere-se justamente ao círculo do Centro, aquele que está acima de todos os outros, a perfeição suprema. O grande círculo é o lugar ou estado além da conjuntura espaço-temporal no qual consumam-se e encontram-se todos os ciclos. O ponto em que princípio e fim se convidam ao eterno retorno de um para o outro. É o movimento e o lugar do qual emana toda a energia cosmogônica.

O Jardim do Éden, exemplarmente, é o local no qual o homem retornará ao Centro de si mesmo e reestabelece sua harmonia com o universo. De modo curioso ou perfeitamente formidável, algumas de suas descrições o propõem como um lugar em forma de círculo, justamente em menção à perfeição e à Totalidade do ser. O grande círculo é o símbolo da Unidade e Totalidade do ser que retorna ao Centro de si mesmo.

Guardião – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

Aquele que guarda, protege e abriga. Em muitas culturas, a figura dos guardiões é associada à seres divinos ou celestes, sejam eles anjos, arcanjos, criaturas místicas ou deuses. A existência de um guardião implica a existência de algo a ser guardado ou protegido dos demais. Seja um objeto precioso ou um poder desconhecido, o guardião deverá protegê-lo e conceder acesso somente àqueles que forem dignos.

O guardião é, ainda, uma figura poderosa e que assume uma posição hierarquicamente superior, que impõe respeito e submissão. A figura do guardião está associada aos princípios de proteção e segurança do seio materno, mas, sobretudo, a uma imagem paterna de controle, ordem e acolhimento original. O guardião é aquele que guarda o poder contido no Centro e, por isso, é sinônimo da segurança pacífica, feliz e harmoniosa disponível somente a quem já alcançou o Centro.

H

Herói – dimensão antropológica, famílias das transformações topológicas e cíclicas.

Segundo Monteiro (2005), o pensamento mítico é a resposta da psiquê humana à todos os mistérios que o homem não compreende sobre si mesmo, desta forma, o herói é um produto da psiquê humana que alegoriza a própria figura do homem em algo superior. Apesar do herói ser a figura Central de narrativas mitológicas, sua figura associa-se ao cerne simbólico do Centro porque ele é o ente que percorrerá todos os caminhos e enfrentará todas as dificuldades para chegar ao Centro. Esse arquétipo está associado justamente aos enfrentamentos heroicos e as lutas contra as faces mais vis de seu próprio âmagô. O Herói é o ser merecidamente superior aos demais, aquele que possui as virtudes que o capacitam a destruir às piores facetas de sua personalidade. Ele é o:

Produto conúbio de um deus ou de uma deusa com um ser humano, o herói simboliza a união das forças celestes e terrestres. Mas não goza naturalmente da imortalidade divina, se bem que conserve até a morte um poder sobrenatural: deus decaído ou homem divinizado (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 488).

O Herói é, ainda, um ser considerado nobre e honrado graças a sua linhagem celeste. Não obstante, simboliza também o estado espiritual daquele que merece a transcendência. Sendo ele um semideus, seu retorno à transcendência, é apenas uma vitória de seu lado celestial sobre seu lado carnal, sua essência divinizada o chama e o leva de volta à imortalidade suprema. O herói é, assim como o cavaleiro uma espécie superior de humanidade, não a que está perfeita, mas a que pode alcançar a perfeição e reestabelecer Unidade de si mesmo. A figura do Herói simboliza, acima de tudo, a conquista merecida do Centro sagrado. O homem que enfrenta com obediência e coragem os desertos de si mesmo até chegar à Terra Prometida.

Homem e mulher, Masculino e feminino – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas e ascensionais.

Simbolizam as contrapartes da unidade, as metades opostas e complementares do todo.

I

Igrejas – dimensão cósmico-religiosa, família ascensional.

A igreja é a casa de Deus, o ponto no qual a terra encontra o céu e funciona como uma constante lembrança da aliança divina, do abrigo do Altíssimo e da eterna segurança que possuímos em Deus ainda no mundo mortal. A igreja é o local em que os fiéis vislumbram o banquete celeste onde entram em comunhão com Deus através da Eucaristia. A igreja ou Templo simbolizam o eixo do mundo e a imagem do cosmos.

Vista como a expressão de uma cosmologia, o reflexo de Deus no tempo e no espaço, a construção do templo obedecia a um plano divino e traduzia, harmoniosamente, a estrutura do cosmo. A forma do templo estava estritamente de acordo com a forma do universo, com a expressão da medida divina. [...]

Na construção do templo, o estabelecimento do ciclo temporal e os elementos de orientação no espaço, que antes estavam dispersos, eram reunidos a partir de um Centro (Cavalcanti, 2008, p. 46).

Desta forma, a igreja e os templos em geral, além de representarem um local de união espaço-temporal entre céu e terra, simbolizam ainda, através de sua arquitetura, o princípio ordenador e perfeito de toda a simetria da cosmogênese universal. É o lugar que leva ao Centro, mas se faz ele mesmo o Centro energético e sagrado, a imagem concreta de toda a criação. Semelhante a uma fonte, a igreja é o reservatório do poder divino na terra, um local que deve

ser frequentado para que o homem possa reabastecer suas forças e não permitir que seu espírito pereça sob a corruptibilidade de sua carne.

Ilha perdida – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

A ilha é por excelência o símbolo de um Centro espiritual original. O lugar ou o estado ao qual se chega após um longo período de navegação. Semelhante ao Jardim do Éden, a ilha é o paraíso que o homem passa a vida procurando enquanto navega no imenso mar da vida. Segundo os celtas, o outro mundo ou o além maravilhoso é a ilha dos navegantes irlandeses.

A ilha perdida é, portanto, o paraíso perdido em consequência da iniquidade humana. A ilha é o Centro primordial e a civilização ideal, o Centro do mundo no qual todo o caos é ordenado. A ilha perdida é ainda, um estado de perdição do homem, pois, aquele que não se centra na ilha de si mesmo, navega-se em perdições e sofrimento. (ver: Atlântida, p. 46).

Imperador – dimensão antropológica, família do Centro.

Aquele que governa o império. Apesar de ser um título hierárquico comumente concedido aos homens, o Imperador também se associa a imagem de um criador, o governante de um Centro energético primordial que converte todo o caos em ordem. O Imperador simboliza a concentração de poder hegemônico e “a supremacia da inteligência na ordem temporal e material” (Rijt, 231 *apud* Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 502). A carta de Tarot do Imperador, em uma perspectiva psicológica:

convida a que se tome posse de si mesmo, a tudo ordenar no sentido da vontade de poder. Com uma das mãos, segura o cetro, enquanto a outra se fecha sobre o cinto: assim, o Imperador afirma sua autoridade e se mostra pronto a defendê-la. Numa palavra, ele é o demiurgo, aquele que constrói tanto o homem quanto o mundo (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 503).

O imperador representa o poder divino que unifica e conquista a totalidade no Centro. Evoca o agente da cosmogênese, aquele que pairou sobre as águas e concedeu ao homem, o fôlego da vida. Assim como o Rei, o Imperador representa o poder supremo e concedido divinamente, ele é o homem que reestabeleceu a ordem sobre si mesmo ao conectar-se com seu Centro energético e sagrado.

Império – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

Se o Imperador é aquele que criou e governa a terra, o império é, consequentemente tudo aquilo que ele governa. Se o imperador é o detentor de um poder divino, o império, em decorrência disso, é a cidade celestial. O império é o espaço onde há existência independente da temporalidade, é o além maravilhoso, o paraíso celestial o ponto no qual todos os polos do

universo tornam-se unos e indissolúveis. O império é o Centro, o lar primordial de toda a criação, a casa do pai, o abrigo celeste.

Infante – dimensão antropológica, família do Centro.

É o título dado, em Portugal ou na Espanha, a um príncipe que não herdará o trono por não ser da linhagem primogênita ou principal. A simbologia e representatividade que se forma em torno desta figura assemelha-se à do Herói, um semideus: nem homem, nem deus; um Infante: nem plebeu, nem príncipe. Essa personalidade deslizante entre um lado e outro e ao mesmo tempo nenhum, concede à ambas as figuras o caráter de uma humanidade especial e superior. (ver: Herói, p. 74-5).

Infinito – dimensão cósmico-religiosa, família do caos e da animalidade.

Característica daquilo que não se pode medir ou mensurar. Aquilo que não possui delimitação ou definição, não possui fim. “Sem meio nem contorno” (Parente Cunha, 2007, p.29). O infinito é a característica mais bem delimitada a respeito do Centro, ele tanto é o infinito, como comporta a infinitude espaço-temporal em si. O universo, em sua contínua expansão, é infinito. O conceito de abismo também o propõe sobre a característica daquilo que não possui fim.

O infinito é o Centro expansivo em que se condensam todas as coisas. A humanidade possui uma espécie de convecção cultural que associa a maioria das concepções de vida após a morte a um espaço-tempo associado à infinitude. O outro mundo, mundo dos mortos, eternidade, paraíso, inferno et al, qualquer um desses, está associado a uma existência que anula a perspectiva espaço-temporal em que vivemos, destarte, o infinito é aquilo que está além da mortalidade.

Associa-se direta e indissolúvelmente ao Centro porque o infinito é o Centro energético em que tudo se condensa numa eterna expansão do ser. É o lugar indelimitável e indefinível do qual viemos e para o qual retornaremos.

J

Jardim – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

É o Paraíso terrestre. (ver: Éden, p. 67-8).

Jerusalém – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

A cidade é a atual capital de Israel e o berço das três grandes religiões de origem associada à Abraão: o Cristianismo, o Islamismo e o Judaísmo, portanto, essa cidade é a “visão de paz, de justiça e de união para todas as tribos de Israel (Salmo 22); símbolo do reino

messiânico e da Igreja cristã aberta a todos os povos.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 517). Contudo, o cenário atual de Jerusalém nos lembra de que o próprio Jesus já havia falado sobre o perfil destrutivo da cidade: “Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e apedrejas aqueles que te são enviados!” (Mateus, 23:37).

Sobre esta Jerusalém, que rejeita os seus, não restará pedra sobre pedra, mas a que vira após esta, no fim dos tempos, como descreve o apóstolo João no livro de Apocalipse, significará um novo absoluto, a nova ordem de todas as coisas. A forma quadrada dessa Jerusalém celeste representa a estabilidade da consumação de todos os ciclos e “a distingue do Paraíso terrestre, geralmente representado sob uma forma redonda: é que este era o *céu na terra*, enquanto a Nova Jerusalém é a *terra no céu*.” (ibidem).

A palavra Jerusalém, em hebraico (*Yerushalayim*), comporta a união de dois radicais: *Yir’a*, que quer dizer temor à Deus; e *Shalem* que quer dizer perfeição (Enciclopédia significados, 2011), deste modo, Jerusalém significa que o temor à Deus leva à perfeição. Portanto, o temor e a obediência a Deus são o único caminho de alcance à Jerusalém celeste, ao novo Centro da energia sagrada.

L

Labirinto – dimensão antropológica, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

As representações e desenhos de labirintos tem aparições desde as eras mais remotas da antiguidade, tanto no Oriente quanto no Ocidente. Independentemente da forma, os labirintos sempre partem de um ponto central em direção a extremidade, construindo um cerne simbólico de caminho iniciático que vai em direção ao Centro.

Os labirintos mais elementares foram concebidos a partir do desenho de uma cruz central, em torno da qual surgem círculos, acabando por formar um caminho entrelaçado, que sempre conduz da periferia ao centro, e desse para o exterior, como o clássico labirinto cretense (Cavalcanti, 2008, p. 127).

A criação de um labirinto a partir de um ponto central possui um valor simbólico semelhante ao da cosmogênese, os caminhos que se constroem a partir daí simbolizam o processo de expansão do ser e seu consequente afastamento do Centro. Enveredar pelos caminhos desconhecidos e misteriosos do labirinto, simboliza embarcar no retorno tortuoso e complexo ao Centro dantes abandonado. O Fio de Ariadne, foi o auxílio que Teseu recebeu para escapar do labirinto no palácio de Minos, o que denota a necessidade de um guia espiritual para chegar-se ao centro do labirinto devido à dificuldade do percurso.

Para melhor representar o caráter iniciático do símbolo e mostrar a sua relação com a busca do Centro, o labirinto era desenhado no chão das catedrais e das igrejas, no ponto de intersecção da nave com os transeptos que formam os braços da cruz. Geralmente o labirinto estava colocado num local visível e acessível a todos, mostrando que ele está disponível para todos aqueles que desejarem percorrê-lo (Cavalcanti, 2008, p. 129).

Desta forma, aquele que se propõe a caminhar no labirinto assume a papel de ser um iniciado ao caminho do Centro. Aquele que decide percorrê-lo assume para si a missão de enfrentar as piores facetas de si mesmo a fim de retornar à unidade primordial. O labirinto é o caminho, que nós mesmos construímos, de retorno à nossa forma e personalidade originais.

Lei – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

As leis, apesar de não estarem sempre associadas ao Centro de modo simbólico, carregam consigo um princípio ordenador e harmonizante da humanidade. Por meio do cumprimento das leis o homem consegue viver em estado pacífico e em uma sociedade organizada. Elas simbolizam, justamente, os princípios de ordem e supremacia do poder divino, que estabelecem a ordem criativa da cosmogênese e dissolvem o caos universal.

Os Dez Mandamentos, exemplarmente, representam esse princípio de ordenação de Deus que, falando a Moises, as leis a serem seguidas e esculpidas na pedra, a fim de que o homem pudesse obedecê-lo, viver em passividade e assim, alcançar o retorno à paz celestial. As leis, ou até mesmo as ordens, possuem esse poder de supremacia normativa e orientadora do ser, cumprindo as leis o homem retorna ao *Self*.

Lugares sagrados – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

Os templos, igrejas, cidades sagradas et al, simbolizam justamente, o céu que desce à terra. O ponto sagrado em que o poder celeste vem à terra como sinal da aliança e promessa divina. Os lugares sagrados são os pontos centrais ao longo do caminho, os constantes lembretes aos pés do peregrino de que ele possui um lar original para o qual retornará. Os lugares sagrados são as afluentes do Centro original, que reabastecem as forças do caminhante para dar continuidade a caminhada.

Na obra, algumas cidades sagradas são citadas como um lembrete desses afluentes divinos:

Aparecida é um município do Estado de São Paulo, dedicado a cultuar a fé e devoção à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. A cidade é comumente visitada por peregrinos de todas as partes do país que vão até lá expressar sua fé e devoção à santa originária do Brasil;

A cidade de Santiago de **Compostela** fica no noroeste da Espanha, é o ponto central da peregrinação dos fiéis que se dedicam à percorrer os mesmos caminhos do apóstolo São Tiago (Caminhos de Santiago);

Lurdes é uma cidade do interior da França que ficou mundialmente conhecida por abrigar o Santuário de Nossa Senhora de Lurdes. É um importante local de peregrinação visitado por milhões de católicos anualmente por ser considerado um local milagroso.

Luz do sol – dimensão cósmico-religiosa, família ascensional.

A luz do sol simboliza justamente o poder e a glória vinda do Centro. O sol é a estrela em torno da qual todos os astros desta galáxia giram em torno. A luz, por sua vez, simboliza um estado de pureza e limpidez do ser, alcançado somente quando se chega ao Centro energético primordial. Destarte, a luz do sol é a energia cosmogenética presente em todos os astros, mesmo distantes desse Centro energético, sua luz ainda os alcança como um lembrete do iminente retorno. Essa luz vinda do Centro de nossa galáxia, é o símbolo do estado original de todos os astros que o orbitam.

M

Macieira – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

A macieira possui uma simbologia construída sob sentidos distintos, é a Árvore da Vida, aquela que estava no Centro da criação do mundo, mas é também a Árvore do Conhecimento do bem e do mal. Por intermédio dela, o homem chega à glória da imortalidade e ao castigo da mortalidade. Seus frutos, são comumente associados à fertilidade do Verbo divino e a perdição da carne humana. A macieira possui o: “conhecimento unificador, que confere a imortalidade, ou o conhecimento desagregador, que provoca a queda. Alquimicamente, o *pomo de ouro* é um símbolo do enxofre.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 572).

A macieira é a árvore do outro mundo, aquela que está no paraíso celeste. Essa árvore simboliza a concentração do poder energético divino, mas seus frutos simbolizam a perdição do homem. Quando Adão e Eva comem a maçã, eles perdem o estado de pureza original representado por aquela árvore e passam a conhecer o estado corruptível de sua carne. A macieira é o estado original de ingenuidade divina, a maçã é a passagem ao conhecimento, é a possibilidade da escolha.

Mãe – dimensão antropológica e cósmico-religiosa, família do Centro.

É o lar original, o ceio da vida, a matriz geradora do ser e a terra receptora da morte. A mãe é o receptáculo divino da vida, o lugar de abrigo e da limitação do ser.

Encontra-se nesse símbolo da mãe a mesma ambivalência que nos dá terra e do mar: a vida e a morte são correlatas. Nascer é sair do ventre da mãe; morrer é retornar à terra. A mãe é a segurança do abrigo, do calor, da ternura e da alimentação; é também, em contrapartida, o risco da opressão pela estreiteza do meio e pelo sufocamento através de um prolongamento excessivo da função de alimentadora e guia: a genitora devorando o futuro genitor, a generosidade transformando-se em captadora e castradora (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 580).

Ela é o abrigo primordial do homem e o delimitante e exigente caminho do retorno. Para retornar ao Centro, o homem precisa moldar-se ao estado original de sua personalidade, abdicar de si mesmo e enfrentar os piores personagens que possui. A mãe é aquela que oferece o ceio seguro, mas também é aquela que utiliza a dor e o sofrimento como estratégias pedagógicas. Assim como a água, a mãe fecunda a vida e absorve a morte. Ela é o ponto do eterno retorno, o princípio e o fim.

Majestade – ver: Imperador, p. 76; Rei, Rainha, p. 93.

Mandalas – dimensão antropológica e cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

O mandala é o símbolo do Centro Divino de convergência, no qual todos os caminhos orientam ao ponto central do sagrado. É a representação sintética do mundo, a resumida manifestação do cosmo em torno de um ponto que simboliza às potências divinas, destarte, é “uma imagem psicagógica, própria para conduzir à iluminação quem a contempla.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 585).

Mandala é uma palavra de origem sânscrita e significa círculo. É representada, geralmente, na forma circular e concebida como um símbolo do princípio Eterno, um modelo arquetípico da Unidade primordial, do Centro. O mandala sintetiza, simbolicamente, através de sua forma, a presença do Infinito, a Essência Espiritual que emana e permeia todas as coisas (Cavalcanti, 2008, p. 59).

A imagem do Mandala representa e orienta a superação das múltiplas polaridades do ser e de sua unidade, simboliza a divisão e a unificação, a decomposição e a integração, a expansão e a compressão do ser em direção ao Centro energético da cosmogênese. “Vista como a representação simbólica da presença de Deus no Centro do mundo, o mandala era concebido como o suporte, o lugar da verdadeira manifestação divina.” (Cavalcanti, 2008, p. 60).

Culturalmente concebido na antiguidade como um diagrama do universo, o mandala era a representação geométrica do projeto essencial do criador. Essa *imago mundi* possui o poder

(re) orientador ao homem que abandona o Centro em virtude de si mesmo, mas que retorna à origem porque em si não é suficiente. O Mandala representa e simboliza a potência divina que pulsa e induz o retorno à ela.

Mansão do pai – ver: Casa do pai, p.53.

Memória – dimensão antropológica, família do Centro.

As memórias, local em que se guardam as lembranças daquilo que já se foi, simbolizam justamente o pulsar que nos leva ao retorno. As memórias afetivas que criamos a respeito de nosso céu original, são as responsáveis por nossa saudade e vontade de retorno. Apesar de não simbolizar o Centro propriamente, a memória é o apelo do Espírito para o retorno ao Centro sagrado.

Algumas culturas milenares, acreditam que a memória abriga às lembranças de vidas passadas ou mundos passados. Sendo como for, a memória é sempre o chamado para o retorno à saudosa cosmogênese.

Mestre – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O mestre é aquele que possui maestria naquilo que faz, que se destaca e, por isso, passa a ser o orientador, o guia daqueles que foram iniciados. Apesar de não ser um símbolo do Centro de forma direta, o Mestre representa uma figura hierarquicamente superior, é aquele que conduz. Biblicamente, Jesus Cristo recebeu diversas vezes o título de Rabi, que significa mestre, em expressão de respeito e honra à sua figura. Atualmente, esse título é concedido aos líderes espirituais de uma congregação judaica.

O Mestre simboliza, justamente, aquele que guia, aquele que toma a frente e conduz o povo. É o sacerdote que conduz os fiéis, é o pastor que conduz as ovelhas, é o profeta que conduz à Terra Prometida através do deserto. O mestre simboliza a condução ao Centro, e denota a necessidade de uma figura superior para orientar o iniciado pelo caminho labiríntico do Centro. O Mestre é o fio de Ariadne que conduziu Teseu à sua libertação, é o Cristo que conduz à salvação.

Montanha – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

A montanha simboliza o eixo do mundo, o ponto mais próximo dos céus na terra em representação a caminhada progressiva do homem em direção aos céus. A montanha é o ponto Central, do princípio ao fim, é o começo e o retorno. A montanha não é só o seu cume, o ponto mais alto, mas também é o umbigo do mundo, o núcleo cosmogênético, o Centro gerador de toda a criação.

Considerada o símbolo do Centro por excelência, a montanha reúne em torno de seu simbolismo os mais complexos significados, tornando-se, assim, investida de um forte poder numinoso. As mais diversas representações do Centro estão, frequentemente, associadas a uma montanha sagrada, cuja imagem está presente na mitologia de quase todos os povos. O templo, o altar, o palácio e a cidade sagrada são por extensão simbólica, concebidos universalmente como montanhas sagradas. Esses símbolos aparecem, geralmente, interligados, acentuando e reforçando o significado do Centro como o lugar da perfeição, da emanção e da concentração de energia sagrada (Cavalcanti, 2008, p. 73).

Além de simbolizar o Centro e a transcendência do ser, a montanha carrega em si os princípios de estabilidade, segurança, firmeza e imutabilidade. É a rocha divina imperturbável e incorruptivelmente pura, é o lar dos deuses e um símbolo da grandiosidade divina e suprema. Tanto no Novo quanto no Antigo Testamentos, as montanhas e os montes são descritos como um lugar de orações, por se acreditar que ali estava-se mais próximo de Deus. Jesus realizou Sermão da Montanha em uma montanha da Galileia, mas o hábito de subir ao monte e orar à Deus é narrado desde os antigos profetas.

“As etapas da vida mística são descritas por São João da Cruz como uma ascensão: a subida do Carmelo, por Santa Teresa d’Ávila, como as Moradas da Alma ou o Castelo Interior.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 616). A palavra montanha deriva originariamente do latim e simboliza, em essência e excelência, o lugar onde o sagrado e o profano se manifestam. A montanha é o lugar onde toda energia cosmogônica e sagrada se concentram.

Monte Abiegnio – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

O Monte Abiegnio é um nome místico para designar montanha sagrada. Um símbolo esotérico da poesia Pessoaana.

Monte Sinai – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

Um monte referenciado biblicamente como o local onde Moisés falou com Deus, ficou com o rosto transfigurado de luz e escreveu os Dez Mandamentos (Êxodo, 34:29). Simbolicamente, também emblematiza a montanha como um lugar habitado pelo sagrado.

Morada – ver: Abrigo, p.37-8; Casa, p. 53.

Morte – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

A consumação do ciclo, o fim da vitalidade do corpo, a passagem ao outro mundo, o reencontro com a matriz do ser. A morte possui uma significação semelhante ao sentido de transformação, metamorfose, pois, é a passagem da matéria ao espírito, o palpável se torna

impalpável. Para alguns povos, como os egípcios, existe uma forte crença de que a morte é apenas o recomeço, por isso, os cadáveres passavam pelo processo de mumificação, no qual eram embalsamados para conservar o corpo até o retorno.

Outras culturas aplicavam sua fé na existência de um mundo paralelo ao nosso, este fica do outro lado, seria a terceira margem do rio, na qual a prosperidade, a harmonia e a imortalidade aguardam o retorno do homem à sua forma original. A morte é o fim do corpo e, conseqüentemente de sua corruptibilidade, é o retorno da carne ao espírito. A morte é o início da unificação e o retorno a totalidade, é o momento em que Ômega retorna à Alfa.

N

Nascedouro, nascente – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

Símbolo de pureza e fertilidade, o nascedouro ou nascente é o Centro gerador do ser, a fonte sagrada da cosmogênese e o estado original de limpidez do homem (Tresidder, 2010). É o ceio materno e a Casa do Pai, do qual o ser sai e para o qual retorna em busca de abrigo e segurança. Associada a imagem da água, a nascente representa a fonte original da qual tudo flui e um ponto de retorno à pureza e à limpidez do ser humano.

O nascedouro simboliza também o lugar em que se encontra sabedoria, cura e salvação para o espírito, o que associa-se à imagem do batismo Cristão, mergulhar nas águas ou ser mergulhado, representa a purificação da carne e o retorno ao estado de limpidez e ingenuidade primordial. O nascedouro é a fonte energética da qual brotou toda a vida, é o Centro da energia fecunda do sagrado. (ver: Água, p.38-9; Fonte, p. 71).

Nascimento – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

É o início, é Alfa, o ponto do qual tudo começa. O nascimento simboliza o soprar do fôlego da vida pelo Criador, o momento em que a fecundidade divina fertiliza o pó e o faz carne. E apesar de simbolizar a natividade de um ser, em muitas culturas, o nascimento representa o retorno, a regeneração daquilo que foi desintegrado pela morte, a regeneração do corpo e a unificação do ser. O nascimento não é o Centro, mas acontece nele, é lá que a energia sagrada permanece concentrada na fonte até o momento de conceder à carne, o calor vital do espírito.

Ninho – ver: Berço, p. 47; Nascedouro, Nascente, p. 84.

O

Objeto perdido – dimensão antropológica, família do Centro.

Simboliza o Centro perdido e o estado iníquo do ser. (ver: Ilha Perdida, p. 75).

Olivais – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro e das transformações topológicas e ascensionais.

O Paraíso dos eleitos, salvos e vitoriosos pela graça divina. Assim como muitas outras árvores, o crescimento vertical, associa à oliveira ao eixo do mundo e ao retorno do pó ao Centro celeste. Simboliza também um lugar de passividade e reconciliação com o divino tendo em vista que, a pomba branca trouxe à Noé, no fim do Dilúvio, um ramo de oliveira para sinalizar o reestabelecimento da aliança divina, antes rompida pela iniquidade e desobediência do homem.

No Islã a oliveira é a árvore central, o eixo do mundo, símbolo do Homem universal, do Profeta. A Árvore abençoada é associada à Luz, pois o óleo da oliva alimenta as lâmpadas. De modo semelhante, no esoterismo ismaeliano, a oliveira no cume do Sinai é uma imagem de Imâm: é, ao mesmo tempo, o Homem universal e a fonte da luz (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 657).

Destarte, os olivais são o Centro do universo, a fonte de toda a Luz do mundo e de todo o poder sagrado. É o local ou estado em que se reestabelece a unidade primordial, um ponto de reconciliação com o divino. Nos olivais, o homem retorna à totalidade de si mesmo e refaz o elo com seu polo espiritual, justamente, porque a oliveira é o símbolo do elo divino conosco.

Oráculo – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O oráculo é a pessoa ou o lugar que intermédia a relação entre os homens e os deuses. Diversas culturas milenares possuem o costume de comunicar-se com suas respectivas divindades por meio de um oráculo, ele é comumente consultado para pedir respostas e soluções à problemas e causas pessoais. O oráculo mais famoso da tradição Clássica, é o **Oráculo de Delfos** que ficava no templo dedicado ao deus Apolo na Grécia Antiga.

O oráculo, assim como a igreja e o sacerdote, é o responsável por possibilitar o contato humano com o sagrado. As respostas e profecias dadas por meio do oráculo, são um sinal, um guia norteador à sabedoria espiritual ainda na terra. O oráculo, assim como um templo, estabelece-se como o eixo do mundo, um ponto central de orientação do ser.

Origem – ver: Fonte, p. 71; Nascedouro, Nascente, p. 84; Nascimento, p. 84.

Ouro – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

É o metal mais precioso dentre todos. Símbolo do estado de pureza, da transmutação do profano em sagrado. O ouro é o estado de perfeição absoluta do ser, é rocha que, por meio de uma transformação alquímica complexa e progressiva, transforma-se em um metal precioso e

luminoso. O ouro simboliza a chegada ao Centro, ele é o estado original do ser, límpido, puro e resplandecente como a glória divina.

Sua cor dourada é o reflexo da luz celeste associando-se à luz do sol. O ouro representa a chegada ao Eterno e a conquista da imortalidade. “A proposito de perfeição, é preciso lembrar, além disso, a primordialidade da Idade de ouro tradicional, ao passo que as idades seguintes (de prata, de bronze e ferro) marcam as etapas descendentes do ciclo.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 669). Assim, o ouro é o estágio de supremacia espiritual do ser.

P

Padre – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O padre é uma figura de liderança dentro da Igreja Católica, é aquele que foi ordenado pela igreja para a missão de ordenar e orientar à messe. O Padre é a figura de Cristo na terra, um homem completamente dedicado ao pastoreio dos fiéis em direção ao reino, ele é o responsável por presidir todas as cerimônias sacramentais da igreja: o batismo, a eucaristia, o crisma, a cura, a unção et al. O padre é aquele que consagra o pão para a transmutação do natural em sobrenatural, as mãos do padre são as que trazem ao mundo, o corpo de Cristo. O padre é o ser que possibilita que a carne humana toque o Centro celeste ainda na terra.

Pai – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, família do Centro.

Aquele que fecunda e possibilita a vida no ceio materno. O pai é o símbolo masculino da fecundidade divina, Deus é o pai criador de toda a humanidade. O pai é:

Símbolo da geração, da posse, da dominação, do valor. Nesse sentido, ele é uma figura inibidora; castradora, nos termos da psicanálise. Ele é uma representação de toda forma de autoridade: chefe, patrão, professor, protetor, deus. O papel paternal é concebido como desencorajador dos esforços de emancipação, exercendo uma influência que priva, limita, esteriliza, matam na dependência. Ele representa a consciência diante dos impulsos instintivos, dos desejos espontâneos, do inconsciente; é o mundo da autoridade tradicional diante das forças novas de mudança (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 678).

O pai é o Centro reservatório da fecundidade, o que se alia ao sêmen masculino como um líquido fertilizante do solo maternal que gera a vida. Ele assume a simbologia delimitante, assim como a mãe, que restringe pedagogicamente, como um método educativo que gere a obediência e conserva o estado límpido e puro original do ser. O Pai é a contraparte masculina da unidade do ser, é aquele para quem se retorna em busca de um abrigo seguro e uma redenção misericordiosa.

Biblicamente, Deus é citado constantemente como o pai criador e salvador. Esse título, além de sinalizar a superioridade divina em detrimento dos filhos, denota uma relação respeitosa e afetuosa para com o criador. Deus é o autor da vida, o espírito que pairou sobre as águas antes de soprar ao homem o fôlego da vida. O pai é, portanto, parte do ponto Central do qual a vida emana e para qual, em seu fim, retorna.

Paraíso – ver: Éden, p. 67-8.

Passado – dimensão antropológica, família das transformações topológicas.

Relacionado àquilo que já passou e ao que está na matriz. É a origem, o início e tudo o que antecede o agora. (Ver: Antigo, ancestral, p. 44).

Pastor – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O pastor é aquele que conduz o rebanho ao retorno para casa. Dentro da bíblia, Deus é o pastor que conduz o povo de volta ao reino celeste. Contudo, “A messe é grande e os trabalhadores são poucos. Por isso, pedi ao dono da messe que mande trabalhadores para a colheita” (Lucas, 10:2), neste trecho do Novo Testamento, Jesus institui que Deus pai é o dono da messe e, portanto, é o grande pastor celeste do rebanho, mas afirma a necessidade de pastores na terra, isto é, guias espirituais que orientem o rebanho à seguir obedientes às virtudes divinas.

Destarte, aquele que for chamado ao pastoreio, será considerado pastor até que Deus retorne para o julgamento final. “O Antigo Testamento não concede o título de pastor ao chefe, em particular ao rei, senão secundariamente. Ele é o pastor escolhido por Deus, que é o único dono do rebanho e representa o verdadeiro pastor” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 691). Olhando mais de perto, e por uma analogia completamente formidável, Deus é o dono do rebanho enquanto os sacerdotes pastoreiam as ovelhas à sua Santa casa aqui na terra. A missão do sacerdote é constante e semelhante a um nômade, não possui um lar fixo, sua casa está onde Deus o chamar. Essa característica é interessantíssima se associada à perspectiva de que os sacerdotes católicos são, geralmente, remanejados de paróquia a cada cinco anos.

O simbolismo do pastor comporta também um sentido de sabedoria intuitiva e experimental. O pastor simboliza a vigília; sua função é um constante exercício de vigilância: ele está desperto e vê. Por isso é comparado ao sol, que tudo vê, e ao rei. Além disso, o pastor, ao simbolizar o nômade, como já foi dito, está privado de raízes; representa a alma que, no mundo, jamais é sedentária – está sempre de passagem (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 691-2).

O pastor é o guia desperto que sabe quais caminhos tomar, pois ouve a voz sagrada, sabe retornar ao lar original, porque já reconheceu seu afastamento e aceitou o chamado. O pastor é a voz que guia pelo deserto e leva à Terra Prometida, ao sagrado original.

Pátria – dimensão antropológica, família do Centro.

A pátria é o lar original, o berço primordial, é um símbolo que evoca à feminilidade do útero materno. A pátria é o solo amado do qual nos afastamos por necessidades adversas, é o Centro original do qual nos foi soprada a vida. A pátria, em uma cosmologia associada a tradição judaico-cristã, é o Jardim do Éden, o Paraíso dos Eleitos. A pátria é o Centro sagrado no qual fomos gerados e para o qual retornaremos em uma promessa de segurança, harmonia, regeneração e recomeço.

Patriarca – ver: Pai, p. 86-7; Ancião, p. 43.

Peito – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O peito é o abrigo do coração e, portanto, do Centro do ser. É o lar da alma. O lugar em que toda a vitalidade flui em direção ao corpo. O peito de Cristo foi transpassado pela lança do soldado romano para assegurar sua morte e de lá jorrou sangue e água, porque o coração de Deus é a fonte de toda a vida e salvação para a humanidade. Ser ferido no peito é o equivalente a morte, pois nele reside o Centro energético do ser. (ver: Coração, p. 64-5).

Pedra – dimensão antropológica, família das transformações topológicas.

A pedra é o símbolo da base, do primórdio, dá sustentação e da firmeza. A pedra simboliza a origem de tudo, a base da humanidade, a pedra é o homem que desce do Centro sagrado e retorna a ele após passar por todas os processos de transmutação na terra para retornar à sua forma original, preciosa e límpida. Descer à terra é o processo de lapidação do homem. “A pedra e o homem apresentam um movimento duplo de subida e de descida. O homem nasce de Deus e retorna a Deus. A pedra bruta desce do céu; transmutada, ela se ergue em sua direção.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 696).

A pedra é símbolo da obra divina, representa aquilo que é sagrado pois possui firmeza e associa-se à proteção. Em algumas partes do evangelho do Novo Testamento, narra-se o episódio em que Cristo determina que um de seus apóstolos, Simão Pedro, será a pedra sobre a qual ele edificara sua igreja (lembrando que Pedro significa pedra): “E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela.” (Mateus 16:18). Desta forma, Cristo não só determina o início da Igreja Cristã, mas determina que ela estará construída sobre a pedra e será inabalável.

A própria imagem de Deus associa-se à pedra ou à rocha em um sentido fortalecedor e de seguridade. “O Senhor é a minha rocha, a minha fortaleza e o meu libertador; o meu Deus é

o meu rochedo, em quem me refúgio.” (Salmo 18). A pedra também assume um sentido libertador, associada à imagem de pertencimento divino, nada pode prender o homem à terra, pois sua natureza é celeste. A pedra é, de toda forma, um símbolo da inabalável obra divina, é a segurança do retorno e a fortaleza do Centro. A pedra bruta é o símbolo do estado original do ser.

A **Pedra filosofal**, por sua vez, é o símbolo alquímico da imortalidade. Representa o retorno ao estado eterno do ser. Ela é uma substância mítica com a capacidade alquímica de transmutar qualquer metal em ouro puro. A Pedra filosofal é o elixir da vida e concede, à quem o tomar, a conservação eterna de suas forças vitais. Assemelha-se a pedra bruta por estar relacionada ao estado original do ser, infinito, puro e eterno, esse é o resultado alcançado por quem usa a pedra filosofal, o retorno à matriz.

Penhascos – ver: Abismo, p. 36-7.

Pó – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O pó é a matéria que formou o homem. Deus soprou vida ao pó e assim surgiu a humanidade. Deste modo, o pó simboliza não só o princípio da criação, mas também a força criadora de Deus e, a posterior capacidade reprodutiva do homem. “A poeira é comparada ao sêmen, ao pólen das flores.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 727). Assim disse Deus a Jacó: “Tua posteridade será tão numerosa como os grãos de poeira no solo; tu te estenderas, para o ocidente e para o oriente, pra o norte e para o meio-dia, e todas as famílias da terra serão benditas em ti e em tua posteridade.” (Genesis, 28:14).

E do mesmo modo que simboliza o princípio e a continuidade, o pó também se associa a morte, ao retorno ao estado original. A poeira também simboliza as cinzas, a matéria resultante da transformação destruidora do fogo. “Os hebreus botavam poeira na cabeça em sinal de luto [...]” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 727). O pó é o estado original e final do ser. Sob esta perspectiva, remover o pó é um símbolo de purificação e afastamento da lamentação, do mesmo modo que, sacudir o pó das sandálias simboliza o abandono de um estado, o desprendimento e a ruptura com o passado e tudo o que nele habita.

Poço – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

O poço, assim como as fontes, possui a simbologia de reservatórios da energia sagrada, a água que brota do solo, desta forma, fertiliza, reabastece e sustenta o espírito. O poço também está associado à perspectiva de salvação, pois de lá brota a água que purifica o ser. No evangelho segundo João, Jesus encontra a samaritana à beira do poço, Cristo revela sua identidade messiânica àquela mulher, tornando-se ele mesmo, a fonte de sua salvação eterna (João 4: 13-

14). O poço também é uma construção, normalmente circular, que simboliza a perfeição e o poder celeste na terra. Ele possibilita o reabastecimento do espírito ainda na terra, e simboliza a conexão entre os três mundos. O poço também é um caminho para o inconsciente.

O poço se reveste de um caráter sagrado em todas as tradições: ele realiza uma espécie de síntese de três ordens cósmicas: céu, terra, infernos; de três elementos: a água, a terra e o ar; ele é uma via vital de comunicação. É também, ele próprio, um microcosmo, ou síntese cósmica (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 726).

Poeta – dimensão antropológica, família das transformações topológicas.

A figura do poeta assume um cerne semiológico que se associa ao seu potencial criativo. A sensibilidade de perceber a poesia nos detalhes do universo, lhe confere um poder de superioridade espiritual em relação aos demais e, denota um estado de domínio interior que está acima dos seres humanos comuns. Deus foi o poeta que escreveu a poesia universal, nós somos a poesia do Criador.

O poeta simboliza o estado desperto da alma, tanto para a beleza quanto para a maldade do mundo, ao mesmo tempo que é dono de uma sensibilidade celeste, também é conhecedor de todos os perigos de seu corruptível e egóico ser. Essa superioridade sensitiva, confere ao poeta um papel de guia espiritual, aquele que, enquanto escreve, guia seus adeptos em um retorno à esse estado natural de sensibilidade e pureza. O poeta é a força interior do ser, o estado do princípio e aquele que guia o despertar desalienante da alma.

Pólis espartana – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

A pólis espartana era uma das maiores cidades da Grécia Antiga. Era um símbolo de poder hegemônico na região do Peloponeso durante a era Clássica. Esparta é um símbolo de cidade ideal, de paraíso terreno, a civilização superior às demais, deste modo, a pólis espartana é um símbolo do Centro associado à um ideal utópico para os dias de hoje. Simboliza a cidade original, a cede do poder supremo.

Porta, portal, portão ou pórtico – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas e ascensionais.

O ponto de acesso, simboliza a entrada em um local desconhecido ou não. Estando aberta e receptiva sinaliza o merecimento, estando fechada sinaliza a inacessibilidade, a impossibilidade de adentrar, o desmerecimento. Os portais simbolizam, maioritariamente, a entrada em um lugar conhecido ou não, ou ainda, uma passagem de um estado a outro. As portas

simbolizam o acesso ao Centro, bem como, a possibilidade de acesso a um poder superior. As portas, assim como as caixas, guardam atrás de si o mistério e a possibilidade.

Simbolizam tanto a entrada quanto a saída, denotando o afastamento e o retorno do ser ao Centro.

Princesa – dimensão antropológica, família das transformações topológicas e ascensionais.

Simboliza o poder supremo ainda em desenvolvimento, assim como o herói ainda não alcançou seu objetivo de retornar ao estado divino, o príncipe e a princesa simbolizam essa promessa de poder supremo e hegemônico. E apesar de ainda não possuir esse poder, ainda nesse estágio intermediário do processo, já possuem deveres e virtudes régias para merecer a realeza suprema. A princesa também simboliza a primazia e a superioridade em relação aos demais no que diz respeito a atitudes, dons e talentos.

“O príncipe e a princesa são a idealização do homem e da mulher, o sentido da beleza, do amor, da juventude, do heroísmo.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 744). A figura real da princesa está associada com o idealismo psíquico do ser humano, sua própria existência precisa ser ressignificada em algo maior do que realmente é a fim de que ele compreenda a si mesmo. À princesa, cabe os grandes feitos associados às suas virtudes, e não a organização e coordenação do universo. Ela é o meio termo, o estado humano entre a periferia do ser e o retorno ao sagrado.

Profeta – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O profeta é o representante do céu na terra, ele é o símbolo da mediação entre céus e terra. O profeta é uma figura religiosa, escolhida por Deus para realizar algum tipo de missão especial na terra. Normalmente, estão, assim como os Pastores, associados à orientação do rebanho em um retorno obediente à Cristo. Moises foi o profeta à quem Deus concedeu a missão de libertar o povo hebreu do Egito e guiá-los rumo à Terra Prometida. João Batista, por sua vez, era o responsável pela conversão dos pecadores antes da vinda de Cristo: “Eu sou a voz que clama no deserto: endireitai o caminho do Senhor, como o disse o profeta Isaías” (João, 1:23).

Em algumas outras culturas associadas, sobretudo ao paganismo, os profetas são revestidos de uma imagem de adivinhos do futuro. Sendo como for, os profetas são aqueles que foram escolhidos para mediar a relação entre o homem e o divino. Assim como os oráculos, eles são os responsáveis por guiar-nos em meio às vias desérticas. Eles são os escolhidos para ouvir à voz sagrada, o Centro celeste chama através deles.

Q

Quadrado – dimensão antropológica e cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

O quadrado é uma forma sólida que simboliza a estabilidade, a segurança inabalável e a descida da alma ao corpo. As cidades são, geralmente, construídas em um formato quadrado para simbolizar a estabilização, fixação e sedentarização dos povos nômades. A Jerusalém Celeste é descrita como uma cidade quadrada para simbolizar a estabilização final, a consumação dos ciclos, o fim dos tempos. As bases das casas são construídas em formatos quadrados para simbolizar a estabilização do homem junto à sua família; as igrejas também possuem sua estrutura basilar quadrada ou retangular para simbolizar a terra, pois são a casa sagrada no meio tereno.

[...]o quadrado era concebido como a cristalização da eternidade em ciclos temporais, a descida da alma para o mundo material. O quadrado era a representação da alma encarnada.

[...] A terra, frequentemente concebida como quadrada, com seus quatro horizontes, era dividida em quatro regiões, representando as quatro faces da divindade (Cavalcanti, 2008, p. 21).

O círculo simboliza a perfeição divina, e sua passagem para o quadrado representa a criação da terra. É o sagrado que desce ao terreno. O quadrado é o símbolo da ordenação do caos. Assim, o quadrado não simboliza o Centro, mas uma parte dele, a parte carnal que abriga o círculo, este sendo, a centelha divina. Essas duas formas, juntas, representam a unidade do ser, o estado de totalidade do homem que habita o Centro sagrado. O quadrado é Alfa, o representante do início, o círculo é Ômega, o retorno ao sagrado, e ambos unidos são a totalidade do ser.

O quadrado dentro do círculo significava a solidificação da essência divina no mundo temporal, a criação terrena no tempo e no espaço a partir da perfeição e da eternidade de Deus. Por outro lado, o círculo inscrito dentro do quadrado representava a centelha divina oculta na matéria, animando-a, marcando a interseção dinâmica divina no cosmo e a sua relação com a terra, a casualidade (Cavalcanti, 2008, p. 21).

O quadrado é símbolo da criação e da criatura, a passagem do sobrenatural ao natural, é o afastamento do Centro sagrado. É também a representação da estabilidade do ser e do mundo, a delimitação da energia divina na simetria do corpo humano. O quadrado é o resultado do fôlego divino soprado sobre o pó. É a existência que independe da temporalidade, passando a

depende de uma ordem espaço-temporal. A eternidade divina sublima-se à mortalidade do homem.

R

Raízes – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas.

As raízes estão associadas a uma perspectiva de sustentação e firmamento do ser. Elas são o contato direto com a terra da qual se retiram os nutrientes necessários à sobrevivência. O primeiro passo para que uma árvore possa evoluir de maneira saldável, é a boa fixação de suas raízes, pois dali vira boa parte de sua sustentação. As raízes são uma fonte mantenedora do ser, o Centro energético sagrado. As raízes são a origem, o princípio e o Alfa, o momento em que a fecundidade celeste é derramada sobre o solo. As raízes são o reservatório da energia sagrada, o Centro energético que vindo do Céu, cresce e retorna a ele.

Recanto de Anima – dimensão antropológica, família ascensional.

Anima é uma parte da unidade que habita o Centro. O recanto de alma é a nossa alma, o Centro de nosso ser responsável por mediar a relação entre o consciente e o inconsciente. O recanto de alma é o local no qual habita nossa energia sagrada, é a habitação da centelha divina que habita a carne humana.

Rei, Rainha – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

As figuras soberanas do reino. Aqueles que ocupam o topo da hierarquia, e que detém o poder hegemônico. O rei e a rainha são as figuras centrais de uma monarquia, todo o reino funciona em promoção de seu bem-estar. Eles são os símbolos do poder soberano; na terra, são considerados os representantes celestes, aqueles à quem Deus revestiu de sabedoria e poder para guiar o povo. O rei é o detentor do mandato divino, aquele que está no Centro do reino.

Em algumas culturas iniciáticas, o rei é a figura que habita o Centro do mandala, àquele que retornou ao ponto que condensa todas as linhas da existência. O rei é o herói que cumpre seus objetivos e retorna à sua casa original. Essa figura simboliza o homem que, enfrentou todos os fragmentos de si mesmo e retornou à unidade, à totalidade, à transcendência do ser. Os soberanos não são mais a promessa de um poder supremo como os príncipes e as princesas, eles são o poder supremo.

Dentro de uma perspectiva judaico-cristã, o rei que governa os reinos não é o detentor do poder supremo, nem o grande habitante do Centro, mas sim, aquele que foi revestido da autoridade celeste para levar o povo em direção ao reino sagrado. O rei é o pastor que conduz as ovelhas de volta à casa do pai, o grande soberano que habita o Centro celestial. Portanto,

essas figuras monárquicas, simbolizam um estado superior da consciência que os permite guiar outros ao Centro que eles habitam.

Reino – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O reino é tanto a terra quanto os céus, é tudo aquilo que está sob o domínio do poder supremo e celestial (ver: Império, p. 76).

Renascer – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

Regeneração da vida após a morte. O ato de renascimento em si não denota a simbologia do Centro, contudo, implica que haja um lugar, ponto ou estado em que a matéria possa ser regenerada, e para que haja a regeneração e o consequente renascimento, é necessário retornar ao ponto do qual se partiu, é necessária uma decomposição da matéria. O renascer está associado ao movimento cíclico de eterno retorno à unidade.

Neste ponto de renascimento, Alfa e Ômega unificam-se e voltam à separação. O movimento de renascimento, por sua vez, necessita de uma liberação energética tão potente quanto a da criação, portanto, o renascer, é o retorno ao Centro sagrado, a transmutação da matéria natural em sobrenatural, o derramamento da fecundidade divina sobre o solo.

Retorno – dimensão antropológica, famílias das transformações topológicas.

O retorno é um movimento de voltar ao que já se deixou para trás. Esse movimento é um símbolo do movimento de volta ao Centro original dantes abandonado. Retornar é abandonar o estado em que se está e voltar a um onde já se esteve, no caso, ao estado primordial do ser, uma reintegração da unidade. “Segundo Angelus Silesius, como o ponto conteve o círculo, o círculo retorna ao ponto. O homem primordial ou o homem verdadeiro (tchen-jen), reintegrado no estado edênico, retornou da circunferência ao centro.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p.779).

Ao retorno cabem todos os passos da peregrinação espiritual que vai em direção à totalidade do homem. O retorno é a busca pelo paraíso, o caminhar vertical da alma em direção ao reino celeste. O retorno está associado ao movimento de Alfa e Ômega, o princípio que retorna ao fim e um fim que retorna ao eterno recomeçar. O retorno é a reconquista de si mesmo, o retorno ao uno de todas as contrapartes do *Self*. O retorno é a noite em uma perspectiva de prévia da luz do despertar, é a morte que antecede o renascer.

Rituais – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações ascensionais.

São as celebrações ou cerimônias em que se estabelece uma conexão entre céu e terra, entre o sagrado e o profano. Os rituais são os momentos em que o homem reencontra à unidade,

seja em um sacrifício a um deus pagão ou no momento eucarístico no qual o homem entra em comunhão com a unidade celestial por meio do corpo de Cristo (ver: Ceia, p. 56).

Ruínas – dimensões antropológica e cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

As ruínas são os fragmentos, os restos do passado, a poeira da antiguidade, a memória do princípio. Elas são uma representação do Centro sagrado que ruiu por falta de sustentação do espírito do homem. As ruínas são os restos do Centro criador que sucumbe diante do tendencioso ego humano. As ruínas são os fragmentos do poder celeste que habita o homem.

S

Sacerdote – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

O sacerdote é aquele que preside a cerimônia de sacrifício, seja de uma oferenda a um deus pagão ou que consagra o corpo e sangue de Cristo durante uma missa católica. De todo modo, o sacerdote é o símbolo da mediação entre o natural e o sobrenatural, entre o terreno e o divino. O sacerdote é o responsável por mostrar ao iniciado o caminho do Centro.

Sacrifício – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações ascensionais.

O sacrifício é a oferta que se faz em troca de algo. Os pagãos sacrificavam animais ou até mesmo homens, em favor de suas divindades. Segundo a mitologia judaico-cristã, Deus enviou seu filho ao mundo para morrer em sacrifício e salvação da humanidade. A dor e o sofrimento possuem, além de uma estratégia pedagógica de dominação sobre a carne, o peso de um sacrifício que deve ser feito a todos que almejam um retorno ao Centro de si mesmos.

Cobrir-se com um manto ou capa, por exemplo, como os monges e as noviças antes dos votos, simboliza o total abandono de si mesmos, é o sacrifício da carne pelo espírito. O sacrifício é, portanto o ato de tornar o que se oferece, sagrado. Aquilo que se oferece ou é oferecido, adquire a pureza original, torna-se límpido, inalienável e incorruptível. O sacrifício é a renúncia do mundo, o abandono de si e de tudo que o prende ao meio terreno, por isso, os iniciados vivem em clausura, não há mais um lar, uma família ou amigos. O sacrifício é, como já dito:

Ação de tornar algo ou alguém sagrado, isto é, separado daquele que o oferece, seja um bem próprio ou a própria vida; separado, igualmente, de todo o mundo que permanece profano; separado de si e oferecido a Deus, como prova de dependência, obediência, arrependimento ou amor. O bem oferecido a Deus desta forma torna-se inalienável – por esta razão é frequentemente queimado ou destruído – ou intocável, sendo a propriedade de Deus e, nessa qualidade, é fascinante e temido (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 794).

A cerimônia de sacrifício é também um ato de submissão ao divino, é o processo necessário para se merecer o retorno ao estado sagrado e original. O homem precisa demonstrar a sua pequenez e insignificância diante da figura divina. Na antiguidade, os homens sacrificavam bens próprios e animais, contudo, se associarmos o sacrifício à figura arquetípica do herói, utilizada fertilmente na mitologia, o seu sacrifício é abdicar de si mesmo, enfrentar às faces mais obscurecidas (sem luz) de sua personalidade na face de animais ou divindades mitológicas, é o sacrifício necessário à reconquista do Centro.

Sagrado – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O estado de algo ou alguém que está revestido ou em posse do poder divino. O sagrado é aquilo que está inacessível ao homem por pertencer somente à Deus. O sagrado é também a qualidade daquilo ou daquele que não se corrompe, que não se abala perante o mundo, porque não pertence a ele. O sagrado é o estado original do ser revestido da glória divina, totalmente uno em corpo e espírito.

Salomão – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O Rei Salomão foi o terceiro rei de Israel e o escritor dos livros de Provérbios, Cântico dos Cânticos e Eclesiastes. Além de ser um símbolo de poder supremo por sua posição hierárquica, ele simboliza a sabedoria divina concedida aos filhos obedientes, pois essa virtude lhe foi concedida diretamente por Deus. Salomão é o símbolo da sabedoria em governar, pois, não governou para si, mas para o verdadeiro e supremo rei do universo. Ele assume, por isso, um caráter central de guia espiritual, o pastor que guia o rebanho em direção à Cristo antes do retorno final.

Salvação – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O estado ou ato de estar a salvo, liberto, em graça. Além disso, a salvação é em uma perspectiva Cristã, associada à figura de Cristo, aquele que morreu para salvar a humanidade de si mesma e que, portanto, tornou-se ele próprio a Salvação de todas as gerações. A salvação é o estado daquele que retorna ao Centro primordial, aquele que venceu a iniquidade do mundo e a corruptibilidade de sua própria carne. A salvação é o retorno ao Centro sagrado em que tudo foi gerado, é o retorno ao estado inabalável do espírito; aquele que encontra a salvação esta, novamente, límpido, puro e, portanto, no sagrado.

Secreto – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

O secreto é a qualidade daquilo que está oculto, que não pode ser acessado por todos. Associa-se à representação de um poder misterioso que, assim que descoberto possuirá, em mesma proporção, a capacidade de salvar ou de destruir o ser. O secreto é o local em que se

esconde o poder celestial, é a centelha divina que habita a carne humana. O secreto é o Centro primordial, o abrigo do poder supremo, a fonte da vitalidade invisível à carne humana. (ver: Caixa, Cofre)

Senda – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

A senda é um caminho estreito e, por isso, difícil de ser atravessado. Associa-se à imagem do labirinto pela dificuldade em se chegar ao objetivo final, o Centro. É ainda, na perspectiva bíblica, referente ao caminho que leva à salvação contrário ao da perdição: “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição e numerosos são os que por aí entram. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho da vida e raros são os que o encontram.” (Mateus 7:13-14).

A senda é, portanto, o caminho que leva ao retorno ao Reino de Deus, ao estado ao qual, originalmente, pertencemos. A senda pode também estar associada a uma perspectiva de direções, o que lhe reflete um caráter de orientação. A senda é a orientação e o caminho a ser seguido por todos aqueles que almejam a reconquista do Centro sagrado de si mesmo. Ela é a rota de retorno ao estado original de pureza e limpidez do homem.

Senhor – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

Um pronome de tratamento que exprime o respeito à superioridade de uma pessoa em detrimento de outra. Esse termo demonstra, além de uma relação de respeito, a admiração, a dependência e a obediência em relação a alguém. Utilizado, historicamente, para referir-se aos entes mais velhos de uma família; àqueles que possuíam muitos bens. Um outro uso comum, sobretudo na cultura judaico-cristã, e para referir-se, respeitosamente, à figura divina de Cristo e de Deus. Esse tratamento denota obediência e submissão, mas, acima de tudo, o reconhecimento de uma superioridade divina em detrimento da inferioridade do homem.

Sepultura – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas e cíclicas.

Local ou estado em que a carne desfalecida é enterrada abaixo da terra. É o ponto de retorno ao pó; o homem retorna ao solo do qual foi retirado. É o local que representa a pequenez humana, o ponto em que se consuma o ciclo de sua mortalidade. O justo momento em que se conclui o eterno retorno de ômega à alfa. Assim, o solo do qual é retirada a carne original da humanidade; o berço original do nascimento, torna-se então, o berço do retorno. A sepultura é o símbolo do retorno ao Centro energético, é também o ponto em que a vida se regenera, e o fim torna-se o eterno recomeçar.

Sete – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas, cíclicas e ascensionais.

O número sete é a representação da totalidade espaço-temporal. São os sete dias da semana, os sete graus da perfeição, os sete níveis da hierarquia celestial, o sétimo dia em que se concluiu a criação e Deus pode então descansar.

O sete designa a totalidade das ordens planetárias e angélicas, a totalidade das moradas celestes, a totalidade da ordem moral, a totalidade das energias, principalmente na ordem espiritual. Era, para os egípcios, símbolo da vida eterna. Simboliza um ciclo completo, uma perfeição dinâmica (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p.826).

O número sete é o símbolo do retorno ao abrigo original, ele representa a transformação concluída ao fim do ciclo. A ordem estabelecida após o caos, é o número da conclusão, da consumação espaço-temporal. Simboliza ainda, a totalidade das partes, a unidade universal da qual viemos e à qual retornaremos. Em algumas culturas, após a morte, a pessoa deve ser enterrada à sete palmos abaixo da terra, simbolizando a conclusão das sete fases de seu ciclo vital.

A semana tem seis dias ativos, mais um dia de descanso representado pelo centro; o céu, seis planetas (no computo antigo), sendo o Sol o centro; o hexagrama, seis ângulos, seis lados ou seis braços de estrela, com um centro desempenhando o papel de um sétimo; as seis direções do espaço têm um ponto mediano ou central que dá o número sete. Ele simboliza a totalidade do espaço e a totalidade do tempo (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 826).

Soberanos, Superiores – ver: Imperador, p. 75-6; Rei, p. 93-4.

Sol – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações cíclicas e ascensionais.

O astro rei do universo, o ponto central de nossa galáxia. O conceito simbólico do sol vem se formando na humanidade desde a antiguidade. Algumas culturas o têm como o astro supremo ou uma divindade celeste responsável pela coordenação de todo o universo. O sol é a estrela em torno da qual todos os astros do universo orbitam ininterrupta e imperturbavelmente. Ele é, portanto, o Centro energético responsável pela organização do caos e da animalidade universal.

Associado ao dia, pode simbolizar também a racionalidade, a sabedoria e a esperança que vem com o despertar de um novo dia. A esfera brilhante tem sua forma associada à perfeição do círculo, sendo um perfeito representante da unidade do ser e do universo. Nele, todas as contrapartes encontram a totalidade e retornam ao caloroso e iluminado Centro original do ser. O sol simboliza o ponto Central do universo, do qual emana a luz que dissipa a noite e a

escuridão da inconsciência. É, por excelência, um símbolo do despertar do espírito, cada amanhecer é “a ressurreição da imortalidade” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 836).

Soldado – dimensão antropológica, família das transformações topológicas e ascensionais.

Aqueles que se alistam no serviço militar. O soldado simboliza a abdicação de si mesmo para um serviço maior e ainda, a promessa de um poder maior, de uma elevação hierárquica.

Solo – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas e ascensionais.

O ponto de retorno ao estado original do ser. O Centro energético do qual tudo brota, mas que tudo absorve ao fim do ciclo. Após o pecado original, Deus disse a Adão e Eva: “Comeras o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que fostes tirado; porque és pó, e pó te hás de tornar.” (Gênesis, 3:19). O solo é, portanto, o abrigo original, o berço do princípio e o leito do retorno.

T

Tábuas da lei – dimensão cósmico-religiosa, família do Centro.

As Tábuas da lei são uma referência ao episódio bíblico em que o Profeta Moises escreve, em tábuas de pedra e a pedido do Criador, os Dez Mandamentos da lei de Deus (Êxodo, 20:1-21). Simbolizam, desta forma, as leis à serem seguidas em demonstração de obediência a Deus, o que denota um princípio orientador que direciona o povo ao retorno à Casa do Pai, ao abrigo original do ser.

Terceira margem – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas, cíclicas e ascensionais.

Supondo que a vida seja um rio que possui duas margens, em uma se está vivo e na outra morto, a terceira margem é o ponto de equilíbrio em que nem a vida nem a morte fazem sentido ou possuem alguma significância. A Terceira margem é o ponto de retorno à unidade, à totalidade do ser, na qual a existência não depende do tempo e do espaço. É o Centro de em que as águas da vida brotaram, o reservatório do poder celeste, a Eternidade.

A terceira margem não é nem o mundo dos vivos nem o dos mortos, ela é o que está além. Algumas culturas costumam afirmar que ao fim da vida, as divindades aguardam em uma barca que levará ao fim da jornada. No Egito, exemplarmente, acreditava-se que a barca solar atravessava doze estações antes do retorno. A terceira margem seria justamente esse estágio de aguardo, o momento de espera, a madrugada antes do despertar. A terceira margem é o ponto de regeneração da vida antes do renascimento.

Terra Prometida – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

A Terra Prometida é o destino aguardado pelo povo Hebreu que abandonou a escravidão do Egito com o auxílio de Moises, como narra o livro do Êxodo. A Terra Prometida é a recompensa pela obediência do povo para com Deus. Sua menção também traz o peso das dificuldades encontradas antes de se chegar ao objetivo final, foram quarenta anos vagueando pelo deserto para só então, conquistar o que lhes foi prometido. O período no deserto é semelhante a estadia do homem na terra, cada dificuldade tem o propósito de domar a carne e fortalecer o espírito. A Terra Prometida é, portanto, a terra de todos aqueles que suportam obedientemente às provações, é a terra dos justos e escolhidos, pois, lá encontraram a salvação e o retorno ao estado primordial de graça.

Tesouro – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

A matéria preciosa que se encontra, normalmente, dentro de cofres e sobre forte segurança. O tesouro é aquilo que, estando oculto, custa certo esforço para ser encontrado. Semelhante à recompensa, o tesouro é aquilo que se encontra no final do caminho, ao cumprir-se a missão, ao encontrar-se o Centro do labirinto ou do mandala. O tesouro é a reunificação do ser, a reconquista do Centro sagrado, o tesouro é o sagrado.

Topo – ver: Cimo, p. 61

Triângulo – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

O triângulo de lados iguais é um símbolo da proporção, da harmonia e da divindade. Ainda pode assumir diversas outras simbologias associadas ao Centro e à vitalidade que dele emana. Alquimicamente ele simboliza o fogo e o coração, sendo estes, respectivamente, a força que aquece e transforma e o Centro do ser. Ainda:

O triângulo com a ponta para cima simboliza o fogo e o sexo masculino; para baixo, simboliza a água e o sexo feminino. O selo de Salomão é composto de dois triângulos invertidos e significa, principalmente, a sabedoria humana. O triângulo equilátero, na tradição judaica, simboliza Deus, cujo nome não se pode pronunciar (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 904).

Os vértices do triângulo são os pontos de unificação do ser, desta forma, o triângulo completo simboliza a unidade, sobretudo, em uma perspectiva Cristã, em que os três pontos de unificação, representam as três pessoas da Trindade: Deus-pai, Deus-filho e Deus-Espírito Santo.

Troia – dimensão cósmico-religiosa, família das transformações topológicas.

A cidade-estado grega, famosa por ser uma cidade lendária onde aconteceu a Guerra de Troia, narrada na Ilíada de Homero. A cidade era conhecida por sua grandiosa prosperidade e a suntuosa vida de seus cidadãos. Destarte, Troia tornou-se um ideal de cidade-nação poderosa, mas que, assim como Atlântida foi afundada em sua própria ganância, Troia foi soterrada no ego soberbo de seus homens. Troia é o ideal de paraíso perdido pela própria ação humana.

Tronco – dimensão cósmico-religiosa, famílias do Centro e das transformações topológicas e ascensionais.

O tronco é a parte da árvore que se eleva, verticalmente, em direção aos céus, mas também é a parte do corpo na qual se encontra o coração e grande parcela da coluna vertebral. O tronco é a estrutura que intermedia os dois polos opostos da árvore, é a que sustenta o homem e interliga sua mente ao restante do corpo. O tronco é, simbolicamente a estrutura que liga o homem terreno à sua centelha divina no céu, e é a estrutura que edifica a unidade do homem em corpo e mente.

Túmulo – ver: Sepultura, p. 97-8.

U

União – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

A junção de duas ou mais partes. A união é o processo em que se estabelece um elo, uma aliança entre as contrapartes. O casamento, exemplarmente, é uma grande representação da união, em que duas partes tornam-se, perante o divino, um só. A união é o processo em que as metades retornam à sua forma original, ao uno. Em diversas mitologias existem histórias e lendas a respeito da divisão da alma humana em duas metades que passam suas vidas tentando encontrar-se para o reestabelecimento da unidade. Desta forma, a união é o retorno à condição original do ser, uno e indissolúvel.

Unidade, Uno – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações ascensionais.

A Unidade ou o Uno é o estado primordial do ser, é o ponto em que se habita o Centro de si mesmo. A unidade é, também um estágio superior da consciência humana em que a fragmentação do ego é abandonada e o homem é um só em corpo, mente e espírito. O Uno é o estado transcendente daquele que habita o Centro sagrado. É a união entre Alfa e Ômega, Animus e Anima, o masculino e o feminino, o profano e o divino.

Útero – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas.

É símbolo feminino da geração, o berço que concebe e abriga a vida. O Útero é o solo fértil em que se gera a vida. É o símbolo do princípio, é Alfa, o ponto em que se derrama a fecundidade divina, é a contraparte feminina do Centro sagrado do qual viemos e para o qual

retornaremos. O útero é, obviamente, o símbolo do ceio materno, o abrigo original, o recanto seguro e estável do ser, mas que começa a ficar sufocante em dado momento. A delimitação desse Centro faz o homem abandoná-lo em busca de uma liberdade desregrada, somente para que, em seguida, ele almeje o retorno à segurança primordial.

V

Vale – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações topológicas e ascensionais.

O vale é uma cavidade vazia e aberta para cima o que simboliza, além de uma receptividade ao poder celeste, o homem que se põe em um estado inferior de submissão e dependência divina. O vale é o símbolo do receptáculo, daquele que recebe o poder divino e gera o embrião celeste, o que associa à sua simbologia a figura da Virgem Maria. O vale é a cavidade pontual na qual se convergem e se condensam todas as alturas que o cercam. “São as vibrações primordiais na caverna do coração, onde a vacuidade estabeleceu-se; é a descida do espírito no campo de cinábrio inferior, visando a geração, segundo o processo da alquimia interna, do Embrião da Imortalidade.” (Chevalier, Gheerbrant, 2001, p. 929). O vale é, de certo modo, o umbigo do mundo, o ponto profundo do qual foi retirada toda a vida existente e, consequentemente, o local para o qual se retornará ao fim dos ciclos.

Vértice – dimensão antropológica, família do Centro.

É o ponto de conexão entre as retas, curvas ou arestas. Simbolicamente, é a representação do ponto em que se reúnem os opostos, no qual se condensam todas as linhas, é o ponto central do qual tudo emana e para o qual tudo retorna. O vértice simboliza o encontro entre os opostos, o elo, o ponto em que os polos retornam à unidade.

Vertical – dimensão cósmico-religiosa, famílias das transformações ascensionais.

A verticalidade exprime a noção de direcionamento divino. A linha vertical direciona o ser à elevação de sua mortalidade à imortalidade celeste. A verticalidade, portanto, é a direção tanto da fecundidade celeste que se derrama sobre a terra, quanto do homem que busca o eterno retorno à sua origem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem simbólica de Parente Cunha propõe à seu fazer poético uma religação unificadora entre corpo e espírito, esse é o sentimento presente durante todo o percurso, mas compreendido somente na última Estação. A fertilidade fenomenológica da família arquetípica do Centro, em particular, nos permite constatar o teor iniciático de CQA. O eu-lírico/narrador estrutura seus passos/versos através das imagens simbólicas que orbitam um Centro energético ao qual se pretende retornar.

A quantidade e diversidade de símbolos pertencentes à família do Centro presentes na obra, pode nos fazer acreditar em uma personalidade deslizante não só das personas poéticas de cada poema, mas também do Centro. Como se a incerteza e a indefinição do eu-lírico/narrador lhe fizesse distorcer a imagem do Centro a cada momento. Mas o Centro é o mesmo em todas elas, essa pluralidade imagética a respeito do Centro é apenas uma estratégia para nos fazer perceber que não importa a qual cosmogonia ou mitologia o homem esteja apegado, no fim (ou no princípio), o Centro será sempre o Centro, e é para lá que retornaremos. Não é o Centro que desliza entre as personas e sim nos que deslizamos em retorno a ele.

Tratando um pouco de minha experiência pessoal com o livro, posso dizer que foi uma das leituras mais dolorosas e desconfortáveis que fiz. Foi cansativo e difícil mergulhar no universo trazido pela obra. A sensação de não sair do lugar mesmo ao passar das Estações ou de estar enxergando muito pouco e quase nada fazer sentido na minha cabeça tornou essa uma das leituras mais tensas que já fiz. Havia isso, uma tensão entre o eu-lírico/narrador e eu, ele queria que eu despertasse e eu não aceitava minha dormência.

E eu procurei desvendar as pistas dessa jornada, talvez no mesmo lugar que a maioria dos leitores: no *Cancioneiro* de Fernando Pessoa. E, apesar de pequenos vestígios de uma possível explicação, não, ainda não era ali que estava o Centro de CQA. Eu me deixei enredar pela teia simbólica de Helena e procurei em um outro autor a resposta para a tensão dialogal de sua lide lírica, mas a resposta estava diante de meus olhos fechados: era Helena, o Centro sempre esteve nela. A partir de todas as leituras que fiz, notei que as respostas para minhas perguntas talvez nem estejam nas demais obras de Parente Cunha, como destaquei a princípio, mas sim na tensão entre ela e os eus que a leem.

Neste momento, acredito ser importante expor alguns exemplo de como os símbolos do Centro servem à CQA. A *água*, exemplarmente é um símbolo que aparece cerca de vinte e três vezes na obra, sua constante menção é uma evocação simbólica dessa pulsão pela renovação de

si mesma, sendo ela um símbolo da regeneração que reabastece o ser: “Sentar ao lado da pedra grande e beber a água da fonte” (Parente Cunha, 2007, p.30). A água é o poder energético que emana do Centro, aquele que possibilita a vida, mas que também tudo devasta em absorção ou submersão.

Não, não queremos recordar aflições nem glórias
nem pesadelos
nem alucinações,
não, não quero querermos saber do que foi e do que
poderia ter sido
e ficado em alguma prateleira de um tempo submerso em
água
e extinto em fogo,
porque tanta tortura?
(Parente Cunha, 2007, p. 109)

Essa necessidade de regeneração não é uma simples consequência das dificuldades do caminho do Centro, mas também, uma etapa necessária à purificação do ser. O corpo precisa estar sedento daquilo que só o espírito pode dar, esse poder energético encontrado no Centro. Essa via permeada de dificuldades é simbolicamente construída nas imagens do deserto, do labirinto, da senda et al. Um caminho que exige esforços sobre-humanos para se alcançar o objetivo: o *Self*. Além disso, simbolizam o lugar da perdição, da desorientação do ser em seu afastamento do Centro, o deserto, exemplarmente, aparece cerca de onze vezes denotando a tortuosidade da trajetória e o estado de desorientação do ser, um estado enganatório de si mesmo: “Ergue-te dos delitos escritos nas areias do deserto,/ nas paredes dos lupanares, no chão dos calabouços” (Parente Cunha, 2007, p.55); “Entre as mentiras das imagens dos espelhos e as miragens do deserto/ escorreste por contas de vidro e fios de prata” (p. 66).

É desse justo estado de dormência enganatória que o eu-lírico/narrador busca sair ao retornar à *fonte* dantes abandonada e profanada. Conquanto, a consciência limitada do homem faz necessária a presença superior de um guia espiritual, um fio de Ariadne que o levará à fora (ou à dentro) de seu labirinto particular. CQA perfaz diversas imagens simbólicas que assumem esse posto orientador, mas o mais recorrente é a figura do *Rei* que aparece cerca de cinquenta e cinco vezes durante as Estações. Ele assume o topo da hierarquia que coordena o escrever/caminhar do eu-lírico/narrador: “O que faço e por que faço? / Se não sei, apenas escrevo e sigo as ordens do rei que me enviou” (Parente cunha, 2007, p. 34). Essa existência da figura que coordena também implica a existência de alguém a ser coordenado, desta forma, o eu-lírico/narrador sai de si mesmo e assume uma certa impessoalidade que evoca, por vezes, às

imagens simbólicas do *infante*, da *princesa*, do *soldado* e do *herói* em uma promessa implícita de ascensão ao poder supremo: “És soldado do rei ou Infante enredado as malhas do tempo?” (p.41).

Cada uma dessas imagens, condensam em si mesmas e em uma cosmogonia própria, a existência de um Centro pulsante que clama o retorno do eu-lírico/narrador. O ponto de unificação no qual *ele* e *ela*, este e aquela, o *homem* e a *mulher* o *masculino* e o *feminino* do ser, encontram as metades que perfazem o todo. O momento no qual os fragmentos retornam à totalidade na cerimônia do enfim recomeço: “Na alquimia da imponderável transmutação, / onde Rei e Rainha se espelham, /unem-se ele e ela a unidade do elo” (Parente Cunha, 2007, p.177). Este é o ponto em que o princípio se torna fim e o fim se torna o princípio no eterno retornar de si a si mesmo.

A obra de Parente Cunha não é só poesia, neste momento, dado a avançar do passo, posso dizer que mais que isso, é uma força que se instala em seu leitor e não o permite abandonar o percurso antes de ser resgatado totalmente. É um reflexo desse Humanismo da Expressão como ressaltado por Fernandez (1973), que se desprende e desprende a outros desse materialismo tendencioso e mecanicista, que enaltece a carne e putrefaz o espírito. Sua obra é a força que ressignifica a matéria em maravilhoso, ela é o guia que leva da periferia do ser ao Centro da alma. Eu não compreendi tudo no início e, esse talvez seja um dos melhores pontos dessa obra, pois a incompreensão gera a busca e, nessa busca o caminho do próprio leitor começa a ser tecido. Neste momento final (ou inicial, pois este trabalho é apenas o princípio), não venho aqui concluir algo, este trabalho não é sobre conclusões, mas sobre possibilidades. *Caminhos de Quando e Além* é a materialização maravilhosa dos caminhos de Helena Parente Cunha e de tantos outros. Sua obra é um mergulhar na abissal de si mesmo e seus versos traçam as linhas do “enfim recomeço”.

Na folha em branco do livro,
se grava o traço firme da ancestralidade na projeção da
descendência.
Alfa e Ômega recomeçam o incessante começar
que não tem começo nem fim.
(Parente Cunha, 2001, p. 177)

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso: Introdução à filosofia da linguagem**. V.9, São Paulo : Parábola Editorial, 2004.
- BÍBLIA Sagrada Ave-Maria. 11. ed. São Paulo: Editora Ave- Maria, 1959, (impressão 2016).
- CAVALCANTI, Raissa. **Os símbolos do centro: imagens do Self**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CHEVALLIER, Jean ; Gheerbrant, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera da Costa e Silva [et al], Ed. 16 – Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- EVOLA, Julius. **Revolta contra o Mundo Moderno**. Trad. José Colaço Barreiros. Ed. 1 – Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1969.
- FERNÁNDEZ, Angel R. SÍMBOLOS Y LITERATURA (Notas breves a modo de introducción). **Traza y baza: cuadernos hispanos de simbología, arte y literatura**, n. 1, p. 109-117, 1972.
- FERNÁNDEZ, Angel R. et al. De la imagen y el símbolo en la creación literaria. Símbolos y Literatura II. **Traza y baza: cuadernos hispanos de simbología, arte y literatura**, n. 2, p. 37-60, 1973.
- FUNAI. Símbolos: Uso do cocar reúne diferentes significados para os indígenas. Gov.br, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/simbolos-uso-do-cocar-reune-diferentes-significados-para-os-indigenas> Acesso em: 16 de janeiro de 2024.
- MONTEIRO, Regina Clare. **O Símbolo na Literatura: Um Estudo sobre o Conteúdo Arquetípico de Textos Literários**. Revista de Educação, v. 8, n. 8, 2005.
- OLIVEIRA Lima, Lílian Almeida de. **Tear de fios, tecer de mulheres: o tecido narrativo de Helena Parente Cunha**. EDUNEB, 2017.
- PARENTE Cunha, Helena. **Caminhos de quando e além. Diálogo com poemas de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.
- PARENTE Cunha, Helena. **Cânone: dúvidas e ambiguidades**. Scripta, v. 10, n. 19, p. 241-249, 2006.
- PARENTE Cunha, Helena. **Falas e Falares: Minicontos**. 2ª. Edição. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2012.
- RALLO, Élisabeth Ravoux. **Método de Crítica Literária**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- RAMALHO, Christina. O eu lírico em expansão: a produção lírica de Helena Parente Cunha. In: Monteiro, Maria Conceição & Lima, Tereza Marques de Oliveira. **Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas clássicas e vernáculas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006, p. 257-266.
- RAMALHO, Christina. Caminhos de quando e além, de Helena Parente Cunha. In: Natário, Celeste; Bezerra, Cícero Cunha; Carlos, Elter Manuel; Epifânio, Renato. **Errâncias de um**

imaginário: entre o Brasil, Cabo Verde e Portugal. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2015, p. 118-139.

RIBEIRO, Emílio Soares. **Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce.** Estudos Semióticos. [on-line] disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es> □. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 1, São Paulo, junho de 2010, p. 46–53. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

SIGNIFICADOS, Enciclopédia. Jerusalém: história, povos e religião. Significados.com, 2011. Disponível em: <https://www.significados.com.br/jerusalem/> Acesso em: 21 de janeiro de 2024.

SHALOM, Comunidade. Ofício da Imaculada Conceição: 8m motivos para rezá-lo. Shalom.com, 2021. Disponível em: <https://comshalom.org/8-motivos-para-rezar-o-oficio-da-imaculada-conceicao/> Acesso: 15 de janeiro de 2024.

SILVA, Anazildo Vasconcelos. **Formação épica da literatura.** 2. Ed. – Jundiaí, SP: Paco, 2017.

SILVA, Gilson Antunes da. **Cercos, Muros, Desencontros e Outras Barreiras: Emparedamento do Sujeito em Corpo no Cerco, de Helena Parente Cunha.** Revista Inventário.

SOUSA, Cláudia de. *Caminhos de quando e além*, de Helena Parente Cunha: epopeia e misticismo. **Revista de Estudos de Cultura**, v. 8, n. 20, p. 71-84, 2022.